

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PROLING
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

CHIRLENE SANTOS DA CUNHA MOURA

**A PROSÓDIA NA ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA DE CONVERSÇÕES DE
SUJEITOS AFÁSICOS**

João Pessoa

2016

CHIRLENE SANTOS DA CUNHA MOURA

**A PROSÓDIA NA ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA DE CONVERSÇÕES DE
SUJEITOS AFÁSICOS**

Tese de Doutorado apresentado à banca examinadora do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Ester Scarpa e da Prof^a. Dr^a. Marianne Cavalcante, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

João Pessoa

2016

M929p Moura, Chirlene Santos da Cunha.
A prosódia na organização discursiva de conversações de
sujeitos afásicos / Chirlene Santos da Cunha Moura.- João
Pessoa, 2016.
170f. : il.
Orientadoras: Ester Scarpa, Marianne Cavalcante
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHL
1. Linguística. 2. Conversação. 3. Entonação. 4. Afasia.
5. Ênfase.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

CHIRLENE SANTOS DA CUNHA MOURA

**A PROSÓDIA NA ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA DE CONVERSÇÕES DE
SUJEITOS AFÁSICOS**

Defesa pública em:

João Pessoa, 08 de agosto de 2016.

Banca Examinadora:

Embarpa

Orientadora Profª. Drª. Ester Mirian Scarpa (UNICAMP)

m. carvalh

Coorientadora Profª. Drª. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFPB)

Profª. Drª. Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo (UNICAP)

Leônidas J. da S. Jr.

Prof. Dr. Leônidas José da Silva Junior (UEPB)

Giorvan Anderson dos Santos Alves

Prof. Dr. Giorvan Anderson dos Santos Alves (UFPB)

Fauce

Profª. Drª. Evangelina Maria Brito de Faria (UFPB)

João Pessoa

2016

"Pai querido, obrigado pelos planos;
grandes sonhos especiais pra mim.
Tu me guias nos caminhos desta vida.
Ao teu lado, nada faltará".

**Trecho da canção nº 477
do Hinário Adventista, Canção da Vida.**

AGRADECIMENTO

Ao meu Deus, minha motivação primeira, porto onde achei refúgio seguro para meu equilíbrio emocional e forças para superação de meus próprios limites. "Àquele que, pela virtude que opera em nós, pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou entendemos".

À Prof^a. Dr^a. Ester Scarpa, orientadora da tese, guia na trajetória, incentivadora da corrida contra o tempo para a finalização da tese. Obrigada pela aceitação em me orientar, pelas instruções valiosas, pelas contribuições para o desenvolvimento da minha temática, pelo ensino sobre o tema, pela presteza e rapidez nas leituras...durante a minha vida toda vou lhe agradecer.

À Prof^a. Dr^a. Marianne Cavalcante pelas resoluções dos tramites legais pertinentes ao meu doutoramento e pelas importantes críticas e sugestões que contribuíram para dar norte a este trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e à CAPES pelo financiamento da pesquisa.

À Prof^a. Dr^a. Nadia Azevedo pelas contribuições durante o exame de qualificação deste estudo, pelas sugestões de referencial teórico, pelo empréstimo de livros pessoais e por me deixar tão à vontade durante o tempo de participação no Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco.

Aos amigos e companheiros participantes do Grupo de Afasia, afásicos e não afásicos, que aceitaram a minha presença, me ajudaram nas atividades e interagiram comigo.

Ao Prof. Dr. Leônidas Silva Junior e à doutoranda do Proling/UFPB Andressa Toscano que se disponibilizaram em me ensinar a manusear o software PRAAT.

Aos meus familiares, pai, avó, sogra, tios (em especial Cláudia), irmãs, cunhados por se revezarem no cuidado de Clara e por cuidarem de mim.

Ao meus mais queridos Alex e Clara pelo carinho, pela compreensão, pelo abraço apertado depois de tantas ausências e pela paciência. Amo vocês!

O QUE APREDI COM MARCUSCHI

Ninguém fala só para exercitar as próprias pregas vocais ou os tímpanos alheios.

Luiz Antonio Marcuschi

Quando a minha orientadora, a Ester Scarpa, me convidou para dedicar uma homenagem a Marcuschi senti que embora pertinente, era também uma tarefa desafiadora falar de um mestre com tão grande gabarito. Resolvi, então, dar um depoimento sobre as influências de Marcuschi em minha vida, assim, imagino estar lhe fazendo um tributo.

Nunca tive a oportunidade de me encontrar fisicamente com o teórico devido aos problemas de saúde que o impossibilitaram de continuar com as suas atividades acadêmicas regulares desde o ano de 2006. Mesmo se tratando de um contemporâneo com cerca de 70 anos de idade, residente no mesmo estado, foi no ano do encerramento de suas atividades acadêmicas que iniciei minha graduação, porém desde os primeiros semestres tive a oportunidade de conhecê-lo por suas produções e por ouvir Marígia Aguiar, minha orientadora de iniciação científica àquela época, falar de sua convivência com Marcuschi como profissional e como amigo.

Daí minha apreciação por suas produções, que certamente contribuíram para me direcionar à área da linguagem ao cursar Fonoaudiologia. O contato mais intenso com os textos no mestrado, me trouxeram a oportunidade de ter acesso, por vias da Dr^a. Marígia, a textos mimeografados que ele cedia a seus alunos e colegas antes de sua publicação¹, fato que o caracteriza como uma pessoa disponível em partilhar conhecimentos científicos. Alguns destes textos mimeografados e outros artigos foram publicados pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco em forma de coletâneas depois da sua aposentadoria.

O meu primeiro contato com seu escritos foi por meio de um dos livros publicados pelo PPGL da UFPE; o intitulado *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* que

¹ Parte das informações apresentadas sobre a vida acadêmica de Marcuschi têm base nas leituras de uma apresentação para um número da revista Aled de 2010, em homenagem a Marcuschi, escrita por Marígia Aguiar, Kazue Barros e Denize Silva. Outra parte tomamos por base as leituras do texto escrito para solicitar a concessão do título de Professor Emérito da UFPE ao professor Marcuschi, feita por Dóris Cunha no ano de 2009.

trata do material didático elaborado para a disciplina *Linguística 3*, ministrada por ele na graduação em Letras da UFPE, o qual aborda uma temática que venho defendendo no tratamento do afásico, atividades envolvendo gênero textual.

Voltando um pouco no tempo, o contínuo entre os gêneros textuais na fala e escrita, abordado no livro descrito, foi o tema de meu trabalho de conclusão da graduação e que me serviu para o desenvolvimentos das atividades terapêuticas para a investigação da entoação do afásico na dissertação.

Em face da conclusão da dissertação, pensando o que pesquisar no doutorado, veio à mente que a *Análise da Conversação* poderia dialogar com a teoria que vínhamos estudando e a justificativa para a nossa pesquisa se encontraria na própria pessoa de Marcuschi que, ao mesmo tempo que serviria como "informante", por ter vivenciado uma situação de lesão cerebral, seria também o produtor da base científica para encontramos elementos favorecedores à organização da linguagem de qualquer sujeito que se identifique enquanto afásico.

Muitos são os atributos do homem que apesar de ser um grande teórico no campo da linguística foi, principalmente, um grande professor, um sensível ser humano. Qualidades como simplicidade e força política são recorrentes na descrição deste que muito tem produzido, através de seus discípulos, com suas eternizadas contribuições para o campo científico tanto em termos materiais, com seus textos; quanto sócio históricos, com as conquistas políticas envolvendo pesquisas.

RESUMO

Esta pesquisa volta-se à investigação da ênfase prosódica como fator de efeito de sentido na reorganização discursiva do sujeito afásico. Com o objetivo de identificar os recursos prosódicos na organização discursiva, com atenção especial dispensada à entonação, em conversações espontâneas dos sujeitos afásicos, o estudo tem como foco analisar a ênfase, sob a ótica da Análise da Conversação de Marcuschi (1986) e da Teoria Interacional da Entoação de Brazil (1985). Para isso, foram colhidas as conversações espontâneas de quatro sujeitos afásicos (três do sexo masculino e um do sexo feminino), participantes do Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, com seus interlocutores. Os dados de repetição/ retomada de palavras na conversação sinalizaram situações oportunas de investigação acústica da ênfase prosódica no software PRAAT. Os resultados apontaram que os afásicos organizaram suas conversações usando recursos previstos pela Análise da Conversação como tomadas e assaltos de turnos, repetições/retomadas, hesitações, e ainda os elementos prosódicos como pausas, entoação, alongamentos que indicam ênfase. Da Teoria Interacional da Entoação verificam-se unidades tonais, pausas, proeminências e diferentes tons. A análise acústica do espectrograma gerado no software PRAAT revelou que o contraste entre palavras retomadas no discurso sofreu não somente os alongamentos vocálicos, comprovados pelo aumento na duração da sílaba, mas também a variação no pico da F^0 e da intensidade serviram para comprovar a geração de novos significados à mesma palavra repetida. Logo, conclui-se que os afásicos, que em geral têm a sua fala lentificada e que pela desorganização da linguagem sentem dificuldades no acesso lexical para a produção das palavras, preservam e maximizam os recursos prosódicos no nível da frase como facilitadores do fluxo conversacional.

PALAVRAS-CHAVE.

Conversação. Entonação. Afasia. Ênfase.

ABSTRACT

This research explores the prosodic emphasis as effect of meaning in instances of discourse reorganization of aphasic subjects. It aims at identifying the prosodic resources used by the aphasic subjects in spontaneous conversations, with special attention given to intonation and focuses on analysing emphasis from the point of view of Conversation Analysis (Marcuschi, 1986) and of the Interational Theory of Intonation (Brazil, 1985). Spontaneous conversations of four aphasic subjects (one female and three male) that were participants in the Grupo de Convivência de Afásicos at the Catholic University of Pernambuco were collected and analysed. Data of repetition/ recovery of words were selected as relevant material for acoustic investigation of prosodic emphasis on the software PRAAT. The results point to the conclusion that the aphasics organize their conversation with resources and structure captured by the Analysis of Conversation, such as turn taking, repetition/ recovery, hesitation, as well as prosodic elements such as pause, intonation, vowel lengthening, that convey emphasis. From categories considered by the Interational Theory of Intonation, tone units, pauses, prominence and different tones were observed. The PRAAT spectrographic analysis shows that the contrast between repeated and recovered words were different not only with respect to vowel lengthening and syllable duration, but also with respect to peak of F0 and intensity. Those variations attest to the generation of new meanings to the same repeated word. Therefore, the aphasic subjects, who display a general slow rate of speech and whose language is somehow disorganized, and who have difficulty of lexical access, preserve and maximize the prosodic resources at the level of phrase and discourse that have the function of facilitating the conversational flow.

KEY WORDS.

Conversation. Intonation. Aphasia. Emphasis.

RESUMEN

Esta búsqueda vuelve se a investigación de énfasis prosódicas como factor de efecto de sentido en la reorganización discursiva de sujeto afásico. Con el objetivo de investigar los recursos prosódicos en la organización espontánea de los sujetos afásicos, el estudio tiene como objetivo analizar el énfasis, desde la perspectiva del análisis de la conversación de Marcuschi (1986) y de la Teoría Internacional da entonación de Brazil (1985). Para eso, fueran elegidos las conversaciones espontáneas de cuatro sujetos afásicos (tres hombres y una mujer), participantes del grupo de convivencia de afásicos de la Universidad Católica de Pernambuco, con sus interlocutores. Los datos de repetición/recobro de palabras en la conversación señalaron situaciones oportunas de investigación acústica del énfasis prosódica en el software PRAAT. Los resultados apuntaron que el sujeto afásico organizó sus conversaciones usando recursos proporcionados por el análisis de la conversación con tomadas y robos de turnos, repeticiones/recobro, vacilación, y aun elementos prosódicos como interrupción, entonación, extensión que indican énfasis. De la Teoría Internacional de la entonación había unidades tonales, las pausas, las prominencias y distintos tonos. El análisis acústica del espectrograma generado en el software PRAAT mostró que el contraste entre palabras recobradas en el discurso sufren no solo las extensiones vocálicas, probada por el aumento de la duración silábica, pero también variación máxima F^0 y de la intensidad servirán para comprobar el generación de nuevos significados a la misma palabra repetida. Por lo tanto, se concluye que los afásicos, que en general tienen suya habla lentificada y que por la desorganización del lenguaje sienten dificultad en el acceso lexical para la producción de las palabras, preservaron y maximizan las características prosódicas en nivel de la oración como facilitadores del flujo conversacional.

PALABRAS LLAVES.

Conversación. Entonación. Afasia. Énfasis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Elementos usados para a transcrição, baseados na TIE e na AC.....	80
Quadro 02 - Esquema dos recursos prosódicos nas conversações dos afásicos: TIE e AC.....	145
Quadro 03 - Apresentação da variação dos parâmetros acústicos na investigação da ênfase apresentada na discussão.....	148

LISTA DE RECORTES

Recorte 01- Transcrição sobre <i>campo de futebol society</i>	89
Recorte 02- Transcrição da conversação sobre <i>dirigir com um veículo sem adaptações</i>	94
Recorte 03 - Transcrição da palavra <i>amendoim</i> na conversação.....	97
Recorte 04 - Transcrição de a Alemanha <i>ganhou/ajudou</i> na copa do Brasil.....	103
Recorte 05 - Transcrição de que <i>nada</i> , você <i>fala!</i>	111
Recorte 06 - Transcrição de <i>perai, devagar</i>	118
Recorte 07- Transcrição da conversação sobre o <i>presídio</i>	125
Recorte 08 - Transcrição da conversação sobre <i>hippie</i>	130
Recorte 09 - Transcrição de <i>dinheiro</i> na conversação de MAF.....	135
Recorte 10 - Transcrição da conversação sobre acordar as <i>três horas</i> da manhã.....	139

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Localização cerebral das áreas de Broca e de Wernicke.....	29
Figura 02- Fluxograma da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986).....	66
Figura 03- Primeira emissão de <i>popait</i>	91
Figura 04- Retomada do termo <i>popait</i>	92
Figura 05- Primeira emissão de <i>posso</i>	96
Figura 06- Retomada de <i>posso</i>	97
Figura 07- Primeira emissão: <i>amendoim</i>	100
Figura 08- Segunda emissão: <i>amedoim</i>	100
Figura 09- Terceira emissão: <i>amididoim</i>	101
Figura 10 - Primeira emissão de <i>ganhou</i>	106
Figura 11 - Retomada de <i>ganhou</i>	106
Figura 12 - Primeira emissão de <i>ajudou</i>	108
Figura 13- Retomada do <i>ajudou</i>	108
Figura 14 - Primeira produção de <i>nada</i>	113
Figura 15 - Retomada da produção de <i>nada</i>	114
Figura 16 - Primeira emissão de <i>fala</i>	115
Figura 17 - Retomada de <i>fala</i>	116
Figura 18 - Emissão de <i>perai</i>	121
Figura 19 - Retomada de <i>perai</i>	121

Figura 20 - Primeira emissão de <i>devagar</i>	123
Figura 21 - Repetição de <i>devagar</i>	123
Figura 22 - Emissão de <i>presídio</i>	127
Figura 23 - Retomada de <i>presídio</i>	127
Figura 24 - Primeira emissão de <i>hippie</i>	132
Figura 25 - Retomada de <i>hippie</i>	133
Figura 26 - Primeira emissão: <i>dinhei</i>	136
Figura 27 - Retomada da emissão: <i>dinheiro</i>	137
Figura 28 - Primeira emissão de <i>três horas</i>	141
Figura 29 - Retomada de <i>três horas</i>	142

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Distribuição do aumento no parâmetro prosódico duração conforme a sílaba.....	150
Gráfico 02- Distribuição do pico de intensidade conforme a sílaba da palavra.....	151
Gráfico 03- Distribuição do pico da F^0 conforme a posição quanto à sílaba tônica da palavra.....	152

LISTA DE SÍMBOLOS

[[	Falas simultânea
[	Sobreposição de vozes
()	Segmento incompreensível
(())	Comentário do analista
↗	Tom ascendente
↘	Tom descendente
↗↘	Tom ascendente-descendente
↘↗	Descendente-ascendente
→	Tom neutro
/	Pausa
/.../	Unidade tonal
SÍLABA MAIÚSCULA	Proeminência/ ênfase

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
CAPÍTULO I - AFASIA: CONTEXTUALIZAÇÃO.....	25
1. Introdução.....	25
1.1 O conceito de afasia.....	26
1.2 A etiologia das afasias.....	27
1.3 A afasia historicamente.....	28
1.4 A Classificação das afasias.....	31
1.5 Os sintomas das afasias.....	36
1.6 Aspectos clínicos das afasias.....	41
CAPÍTULO II - A ÊNFASE E A PROSÓDIA NA CONVERSÇÃO DO AFÁSICO.....	49
2. Introdução.....	49
2.1 A ênfase nas noções de prosódia.....	49
2.2 A ênfase na Teoria Interacional da Entoação (TIE).....	52
2.3 A Análise da Conversção	56
2.4 A ênfase na organização da conversção: características do texto oral.....	59
2.5 A prosódia na afasia.....	65
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	68
3. Introdução.....	68
3.1 O Grupo de Convivência de Afásicos.....	68
3.2 Critérios de inclusão dos participantes do estudo.....	70

3.3 Os sujeitos participantes da pesquisa.....	71
3.3.1 O sujeito afásico EAC.....	71
3.3.2 O sujeito afásico FANC.....	72
3.3.3 O sujeito afásico JFB.....	74
3.3.4 O sujeito afásico MAF.....	75
3.4 Tipo de estudo.....	77
3.5 Período de referência.....	77
3.6 A coleta dos dados.....	78
3.7 A análise dos dados.....	79
3.8 Seleção de dados analisados acusticamente.....	82
3.9 Parecer ético.....	84
CAPÍTULO IV - OS DADOS ANALISADOS.....	85
4. Introdução.....	85
4.1 O trabalho em grupo.....	86
4.2 A proposta de conversações.....	86
4.3 Os métodos de análise.....	87
4.4 A ênfase na conversação dos afásicos.....	88
4.4.1. JFB conversa sobre <i>campo de futebol society</i>	87
4.4.2 Conversação sobre <i>dirigir com um veículo sem adaptações...</i>	93
4.4.3 A palavra <i>amendoim</i> na conversação.....	98
4.4.4. A Alemanha <i>ganhou/ajudou</i> na copa do Brasil.....	102
4.4.5. Que <i>nada</i> , você <i>fala!</i>	110
4.4.6 FANC pede <i>perai</i> e MAF pede para a conversação ser mais <i>devagar</i>	117
4.4.7 A conversação sobre o <i>presídio</i>	124

4.4.8 A conversação sobre <i>hippie</i>	129
4.4.9 O <i>dinheiro</i> na conversação de MAF.....	134
4.4.10 Conversação sobre acordar às <i>três horas</i> da manhã.....	138
CAPÍTULO V - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	144
CONCLUSÕES.....	154
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	159
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

A conversação oral, face a face, é uma das maneiras mais espontâneas de interação; entretanto, há regras empíricas, social e linguisticamente estabelecidas, que maximizam o desempenho dos interactantes durante a atividade comunicativa.

No Brasil, os estudos formais sobre a língua falada começaram a se desenvolver a partir da década de 1960, com o advento tecnológico que possibilitou registrar e investigar os dados da oralidade (CASTILHO, 2006). O pioneiro em nosso país, com estudos formais sobre a fala, foi Luiz Antonio Marcuschi, na década de 1980, com a publicação do primeiro livro nesta área intitulado *Análise da Conversação* (DIONÍSIO, 2012).

Paralelamente, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, David Brazil tornou-se conhecido como um dos primeiros teóricos a estudar o papel da entoação na construção do sentido do discurso oral (BRITO *et al*, 2007). Assim, Marcuschi e Brazil marcaram a história dos estudos da oralidade e atentaram para a prosódia na fala com perspectiva interativa, não vinculada plena e unicamente à gramática.

Na *Análise da Conversação* (AC), de Marcuschi (1986), a proposta é descrever o comportamento verbal dos interlocutores durante a interação, buscando compreender como se processa a organização do ato conversacional, com seus mecanismos apropriados (PRETI, 1991). Na AC os processos cooperativos durante a atividade conversacional são mais importantes que a análise das estruturas, a interpretação é o ponto basilar e o efeito de sentido é visualizado nas decisões interpretativas mutuamente construídas ou inferidas (MARCUSCHI, 1986).

A Teoria Interacional da Entoação (TIE) permite, por meio da entoação, adentrar o mundo da construção de sentido na interação humana. Brazil atenta para a entoação como uma das estratégias usadas pelo falante e direcionadas ao ouvinte a fim de que este último capte o significado que seu interlocutor pretende comunicar através do enunciado (BRAZIL, 1985). Em outras palavras, para o autor, o falante usa a entoação visando transmitir a mensagem com ênfase ao que quer destacar; o ouvinte, por sua vez, capta as pistas entoacionais como recurso facilitador de sua compreensão no contexto interativo.

Tidos como “marginais” até a década de 1990 (SCARPA, 1991), os estudos sobre a prosódia têm avançado consideravelmente e ganhado espaço nos eventos científicos da área de linguística com discussões em grupos e/ou simpósios temáticos ou não, o que favorece o amadurecimento dos estudos sobre a prosódia e seus elementos, inclusive nos casos de comunicação patológica.

Portanto, o tema para a pesquisa volta-se para a investigação da ênfase, elemento prosodicamente constituído, na organização discursiva em conversações espontâneas. A ênfase investigada neste estudo, na perspectiva da TIE e da AC, considera que as duas propostas teóricas adotam um estudo da fala que contempla o caráter pragmático-discursivo, sem, contudo, se desvincular das questões gramaticais que acompanham a linguagem oral.

Conquanto ambas as propostas teóricas de estudo da oralidade não tenham se limitado à investigação da prosódia, nem tenham se dedicado à realização de experimentos relacionados à comunicação patológica, esta pesquisa se apodera da AC e da TIE para investigar, particularmente, a ênfase na linguagem oral do sujeito afásico.

Na afasia - alteração que pode prejudicar a compreensão e a produção de linguagem oral e escrita, resultante de lesão neurológica, ocasionada por tumores, acidentes vasculares ou traumas cranioencefálicos (NOVAES-PINTO, 2012), o falante sente dificuldades em compreender e/ou expressar, pela fala e/ou escrita, o conteúdo pretendido devido à alteração de linguagem. Morato (2010b) refere que, por afetar a linguagem, a afasia causa impactos na identidade, na afetividade e no papel social do sujeito, impactos estes que irão, em determinada proporção, afetar a qualidade de vida da pessoa acometida pela afasia. Assim, por influenciar na recuperação, na adaptação ou reinserção social do sujeito, a afasia deixa de ser puramente uma questão de saúde, uma questão linguística, uma questão cognitiva e passa a ser, sobretudo, uma questão social.

Considerada uma questão social, por estar relacionada com a organização do discurso – composto pela relação entre língua e sociedade – a afasia traz consigo uma repercussão social bastante incômoda visto alterar a posição social do sujeito frente à família, ao trabalho e às demais relações sociais (MORATO, 2010b).

Uma vez desorganizada a maneira como o afásico vinha lidando com os símbolos linguísticos, o uso de pistas prosódicas durante a conversação pode contribuir significativamente para que haja uma relação dialógica de efeito de sentido na organização

discursiva do sujeito afásico e seus interlocutores que favoreça a sustentação de relações interpessoais. Os princípios e categorias de análise adotados pela Teoria Interacional da Entoação (TIE) conjuntamente com aqueles previstos pela Análise da Conversação (AC), como veremos, podem gerar resultados mais relevantes e detalhados na análise dos dados que os encontrados pela aplicação de cada uma destas separadamente.

Portanto, a hipótese aqui defendida é de que o afásico utiliza e maximaliza o uso da ênfase, elemento prosodicamente realizado, através dos correlatos de altura, intensidade e duração, que geram efeitos de valor significativo, em seu discurso. Adiantamos que a ênfase é largamente usada por sujeitos não-portadores de afasia, com a intenção de organizar seu enunciado e acentuar aquilo que pretende destacar durante a conversação. Os sujeitos afásicos, tendo boa parte dos elementos prosódicos preservados (ver, a este respeito, Scarpa, 2000), apoia-se nos recursos prosódicos para fazer fluir sua fala e efetivamente se engajar em conversações correntes. Além dos recursos linguísticos, aí incluídos os prosódicos, os paralinguísticos² e os socioculturais caminham juntos para que a interação seja bem sucedida (MARCUSCHI, 1986). Friso que a consideração dos elementos paralinguísticos nesta tese terá por base os pressupostos interacionais da conversação descritos por Marcuschi (1986).

Diante do foi exposto, este estudo tem como objetivo geral identificar os recursos prosódicos na organização discursiva, sobretudo em conversações espontâneas, dos sujeitos afásicos e analisar sob a ótica da Análise da Conversação e da Teoria Interacional da Entoação, o elemento que chamamos de “ênfase”, realizado prosodicamente.

Para alcançar o objetivo maior, a proposta específica é: identificar elementos prosódicos nas atividades conversacionais do sujeito afásico à luz da Análise da Conversação; identificar padrões entoacionais nas atividades conversacionais do sujeito afásico à luz da Teoria Interacional da Entoação e analisar o elemento prosódico *ênfase* nas conversações do afásico

² Existe uma interpretação equivocada nos estudos da afasiologia de que elementos prosódicos e paralinguísticos são a mesma coisa. Do ponto de vista fonético, a distinção entre características prosódicas e paralinguísticas se dá na medida em que a primeira compreende variações de altura, intensidade, duração e pausa, enquanto, a segunda envolve efeitos resultantes da atuação das cavidades faríngea, oral e/ou nasal. Os traços paralinguísticos apresentam, portanto, dois subconjuntos foneticamente distintos: qualificadores de voz (sussurrado, aspirado, áspero, falseto etc.) e qualificações de voz (risada, soluço, choro etc.). Assim, "os elementos paralinguísticos são foneticamente descontínuos na fala encadeada enquanto expoentes de altura, intensidade e duração estão sempre presentes" (CAVALCANTE, 1999, p. 22). Na conversação, com o propósito de facilitar a interação, os elementos paralinguísticos manifestam-se como gestos, olhares, movimentos do corpo etc. (MARCUSCHI, 1986).

dentro das perspectivas teóricas da Análise da Conversação e a Teoria Interacional da Entoação.

Os capítulos estão distribuídos de modo a favorecer o acompanhamento do desenvolvimento da pesquisa e a fundamentar a posição por nós adotada. Logo no capítulo I estão dispostos: a contextualização da afasia, a começar pela descrição do conceito sob diferentes olhares teórico-metodológicos e com a indicação de que o conceito adotado aqui tem base discursiva; a apresentação dos fatores etiológicos que podem levar à afasia; o percurso histórico sobre o qual se funda a afasiologia; a classificação sob o viés localizacionista, o connexionista e o linguístico; os sintomas; o diagnóstico e o tratamento das afasias com destaque à abordagem fonoaudiológica.

O capítulo II apresenta a prosódia de forma mais ampla, num primeiro momento, e no desenvolvimento, dedica atenção mais específica à ênfase. Inicia-se pela exposição dos conceitos, parâmetros e elementos prosódicos com suas respectivas definições. Prossegue com a apresentação da prosódia na Teoria Interacional da Entoação e na Análise da Conversação com atenção à ênfase em situações de retomada do enunciado previamente emitido pelo sujeito afásico. Finaliza descrevendo o movimento da prosódia na fala de pessoas afásicas.

No capítulo III, metodologia, estão expostas informações concernentes ao Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, local onde as interações entre afásicos e pesquisadores geraram os dados investigados; à população do estudo e os critérios de inclusão dos sujeitos participantes; à apresentação e caracterização dos sujeitos afásicos participantes do estudo; à descrição do tipo do estudo; ao período de referência da coleta dos dados; ao método de coleta dos dados; ao detalhamento do método utilizado para analisar os dados; à descrição de como foi feita a seleção dos dados analisados acusticamente e às considerações do ponto de vista ético do estudo.

O capítulo IV apresenta os resultados da pesquisa, mediante a exposição dos dados, por meio de dez recortes de trechos de conversações e de vinte e sete figuras geradas pela análise acústica no PRAAT. O capítulo está distribuído de modo a descrever: o trabalho desenvolvido no Grupo de Afasia da Universidade Católica de Pernambuco; a proposta conversacional; os métodos e a análise da ênfase na conversação do afásico, distribuída em descrição do contexto

que gerou os dados de fala, transcrição dos dados com atenção aos dados prosódicos e análise acústica no PRAAT.

No capítulo V é feita a apresentação e discussão dos principais resultados de modo a sistematizar a análise desenvolvida no capítulo antecedente. Por fim, adentra-se à conclusão com a consideração de que ênfase é um elemento prosódico que exerce um papel dialógico linguístico fundamental no processo de reorganização da linguagem do afásico que favorece sua reinserção no convívio social e familiar.

CAPÍTULO I

AFASIA: CONTEXTUALIZAÇÃO

1 Introdução

Este capítulo trata de fundamentar uma questão recorrente ao longo da tese, a afasia. Apresentada sob os diferentes olhares da literatura, a finalidade maior em apresentar os variados conceitos e classificações é de dar maior relevância à posição por nós defendida. Contribuições de autores de diferentes Ciências como da Neurologia de cunho localizacionista, da Neurologia de cunho conexionista, da Neurolinguística³ discursiva e da Linguística são apresentadas ao longo deste capítulo na descrição do histórico, da sintomatologia, da etiologia, do diagnóstico e prognóstico.

Para o tratamento da afasia, além dos conhecimentos das ciências previamente descritas, agregam-se os conhecimentos da Fonoaudiologia com o trabalho desenvolvido com o propósito de contribuir para a reorganização da linguagem que, por sinal, é um dos aspectos mais comprometidos na afasia e sobre o qual fundamenta-se a origem etimológica da palavra.

Do verbo grego *phanai*, que significa "falar", adicionado o prefixo de negação "a", o termo afasia, em sua origem, significa uma dificuldade em conseguir falar (RAPP, 2003). A palavra afasia, ainda hoje, soa como desconhecida para algumas pessoas. O histórico, o conceito, a classificação, os sintomas, a etiologia, o diagnóstico, o tratamento e o prognóstico são questões concernentes à afasia que ainda são pouco conhecidas pelo próprio sujeito afásico, assim como para as pessoas de seu convívio direto.

³ A Ciência Neurolinguística se diferencia radicalmente da Programação Neurolinguística (PNL), uma vez que, esta última, apesar do nome, não trata de neurônios, nem de linguagem, mas sim de questões espirituais, de auto-ajuda, e psicológicas que não são reconhecidas no meio acadêmico por falta de comprovação científica (LIMA, 2011).

1.1 O conceito de afasia

Uma das maneiras de conceituar a afasia é defini-la como resultado de desorganizações da linguagem provocadas por lesão cerebral nas funções linguísticas (GIL, 2002). Embora seja esta definição um consenso entre os estudiosos da afasia, é a concepção organicista da linguagem como um instrumento de comunicação e ao mesmo tempo veículo do pensamento, da qual se apropria o autor, que conduz à interpretação de que nesta perspectiva inatista ao mesmo tempo que imanentemente do fenômeno linguístico por si só, a lesão cerebral que ocasiona uma incapacidade na comunicação e na transmissão do pensamento é por si só relevante e o sujeito é, por sua vez, excluído nesta maneira de apreciar a linguagem. Assim, é adequado interpretar que na concepção de Gil (2002) a afasia seja o mais significativo objeto da intervenção sem considerar o sujeito por trás da "doença".

Na perspectiva Neurolinguística Discursiva a afasia, um de seus mais significativos objetos de estudo, é visualizada como uma alteração dos processos linguísticos de significação oriunda de lesão cerebral em áreas responsáveis pela linguagem (COUDRY, 2001). As afasias comprometem a linguagem em todas as modalidades e podem estar associadas a alterações cognitivas, como déficits de atenção, percepção e memória (NOVAES-PINTO, 2012).

Afastando-se da visão direcionada unicamente à lesão e suas sequelas, Coudry (2001) vislumbra o sujeito como parte do processo que compreende a afasia pois, para a Neurolinguística Discursiva, ao analisar o dado é preciso considerar a linguagem em funcionamento e isso só é possível graças à intervenção do sujeito. Coudry e Freire (2010) veem a língua como um sistema passível de mudança a depender da forma como é manipulado pelo sujeito. Assim, além de entender a língua como um sistema aberto e flexível também coloca o sujeito em uma posição de co-responsável, de ator das mudanças empregadas na língua.

Novaes-pinto (2012) também apresenta a relevância do sujeito enquanto produtor de enunciados nos estudos da linguagem. Assim, temas como afasia, linguagem, sujeito, cérebro discutidos criticamente com base em abordagens sócio-histórico-culturais que guiam os estudos da Neurolinguística de orientação enunciativo discursiva permitiram concluir, dentre outros aspectos, com contribuições que permitem através de episódios dialógicos, "restaurar a harmonia da vida dos sujeitos afásicos".

Sob a ótica Linguística de Jakobson (1995), a afasia é um problema linguístico definida como uma "perturbação da linguagem" (p.34). Do ponto de vista discursivo é um comprometimento de linguagem resultante de lesão focal adquirida no Sistema Nervoso Central (MORATO, 2012). Como é possível perceber nos conceitos de afasia adotados por diferentes áreas, o aspecto comum é que se trata de uma "perturbação da linguagem" resultante de lesão neurológica. Contudo, as diferentes concepções de linguagem colocam o sujeito afásico, em alguns casos, à margem da afasia, como se houvesse a condição de intervir sobre a doença sem atingir o doente.

Assim, mais do que interpretar a afasia como uma questão de linguagem, nos apropriamos do conceito de afasia como uma questão discursiva que vai além das questões de língua puramente, mas que como uma alteração que extrapola o código e passa à ordem do social envolve o sujeito, sua identidade e questões de subjetividade a ele atreladas (MORATO, 2002, 2010a, 2012; COUDRY, 2002; NOVAES-PINTO, 2009).

Situado o conceito de afasia e a postura sobre a qual nos debruçaremos neste estudo, cabe entender quais os fatores causais que podem levar um indivíduo a ser classificado como afásico.

1.2 A etiologia das afasias

As causas mais frequentes das afasias são aquelas, unanimemente, descritas por Coudry (2001), Fonseca (2006), Morato (2002, 2010a) e Jakubovicz e Cupello (2005), dentre outros teóricos, que são os acidentes vasculares encefálicos, os traumatismos cranioencefálicos e os tumores intracranianos, mas as afasias, segundo (GIL, 2002), também podem ser resultado de atrofia dos lobos cerebrais, acidentes isquêmicos transitórios e de enxaquecas acompanhadas de crises epiléticas focais.

As lesões cerebrais que causam a afasia são, em geral, no hemisfério esquerdo, ficando preservado o hemisfério direito que, embora não seja o hemisfério responsável pela linguagem, desempenha um papel importante na significação da palavra escrita ou falada, demonstrando assim, a sua habilidade léxico-semântica. Além disso, a prosódia também é uma competência do hemisfério cerebral direito (GIL, 2002). Scarpa (2000; 2001) contesta

esta visão de especialização hemisférica da prosódia, sendo esta última a visão sobre a qual nos apoiaremos ao caracterizar a prosódia neste estudo.

Antes de continuar descrevendo características dessa alteração que tem como foco principal de interesse a linguagem, que por sua vez, é ponto de contato entre Ciências como a Neurologia, a Psicologia, a Fonoaudiologia e a Linguística, é interessante compreender o percurso histórico sobre o qual se fundamenta a afasia.

1.3 A afasia historicamente

Os estudos da afasia vêm se desenvolvendo ao longo da história à medida em que os conhecimento sobre língua, linguagem, cérebro, pensamento, dentre outros, vão avançando e se redesenhando. Com isso, avanços significativos na Ciência vão trazendo novas interpretações e possibilidade de atuação no campo da Afasiologia.

Há informações de que os primeiros casos de afasia datam de 3000 a 2000 a. C.; o primeiro uso do termo afasia ocorreu em um texto filosófico cerca de 200 anos a. C. e somente em 1864 o termo foi usado "cientificamente", com a conotação atual, pelo médico francês Armand Trousseau (RAPP, 2003)⁴.

Os séculos XVIII e XIX são um marco dos primeiros estudos relacionados a afasia. No início do século XIX, a Afasiologia⁵ permitiu as primeiras classificações, diagnósticos, conceitos de afasia, sem, contudo, considerar a linguagem e o linguístico no campo dessas teorizações a primeiro momento (MORATO, 2010b). Com o propósito de ampliar o conhecimento sobre as afasias, um pouco de seu percurso será descrito conforme (MORATO, 2012).

Os primeiros estudos científicos do cérebro, como um mosaico de órgãos com funções mentais específicas, foram desenvolvidos pelo pai da neuroanatomia, o alemão Franz Joseph Gall, e por seu discípulo Johann Gaspar Spurzheim no século XIX, embora, hajam relatos de

⁴ Para o melhor entendimento do percurso histórico da afasia, sugerimos a leitura da apresentação da tese de Rapp (2003), a qual faz uma descrição detalhada sobre o histórico da Afasiologia, com uma escrita rebuscada com apropriação de documentos inéditos vindos da Alemanha.

⁵ Nesse momento, entendida como "o campo de estudo das correlações entre linguagem e determinadas áreas do cérebro que seriam por ela responsáveis" (MORATO, 2012, p.176)

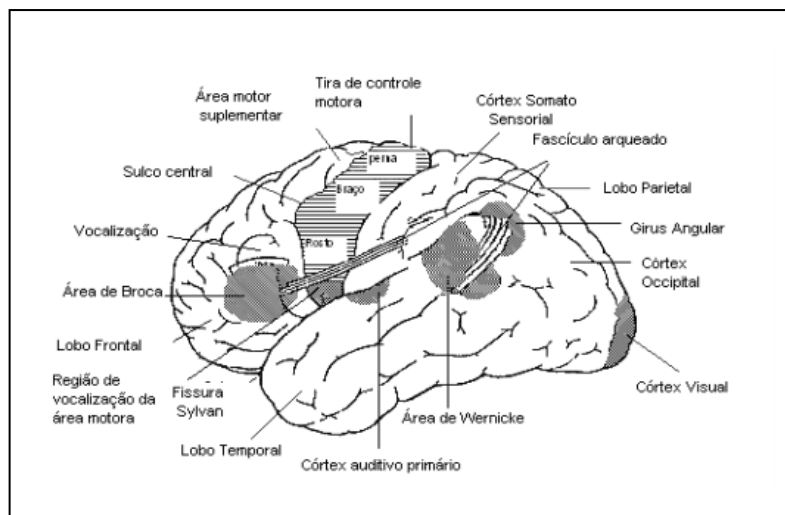
que, desde a antiguidade, de Hipócrates a Galeno (séc. II), o cérebro já fosse considerado o órgão responsável pelo sentido e pela inteligência.

Gall, no início do século XIX, a partir de investigações a olho nu da caixa craniana, foi o primeiro a descrever, baseado em seus achados, as correlações entre a área cerebral lesada e as manifestações clínicas de pacientes neurológicos. Sua teoria denominada Frenologia preconizava que "as disposições morais e intelectuais dependiam de faculdades inatas e distintas, que estariam inscritas no cérebro".

Na década de 1860, o médico francês Paul Broca, a partir de investigações do cérebro, embasadas no caso do paciente Leborne, que foi apelidado "Tan-tan", por ser esta a única expressão usada para se comunicar, passou a atribuir ao pé da terceira circunvolução frontal do hemisfério esquerdo do cérebro (área de Broca) a área responsável pela linguagem (ver Figura 01). Logo, mesmo sob contestação, reforçou as ideias de Gall.

Em 1874, o neurologista alemão Wernicke, também estudioso do cérebro de pacientes mediante autópsia, afirmou ser a parte anterior do cérebro responsável pelos movimentos, enquanto a parte posterior era responsável pelo aspecto sensorial, conforme se observa na Figura 01. Wernicke descreveu a primeira circunvolução temporal esquerda do cérebro (área de Wernicke) como a área auditiva da fala (ver Figura 01), a qual, segundo Wernicke, é responsável pela compreensão da linguagem (JAKUBOVICZ; CUPELLO, 2005).

Figura 01 - Localização cerebral das áreas de Broca e de Wernicke



Fonte: Scherer (2009)

Mais tarde os estudos de Dax, Bouillaud e Broca permitiram concluir que havia diferenciação entre os distúrbios da linguagem e aqueles distúrbios que afetavam especificamente a emissão vocal e de fala. Assim, nesse momento, disfonias, alterações de voz causadas por lesões dos órgãos fonadores, foram diferenciadas de disartrias, alterações de fala resultantes de lesões cerebrais (GIL, 2002).

No final do século XIX, os estudos do neurologista John Hughlings Jackson que questionavam o localizacionismo⁶ influenciou os estudos neurológicos, denominados, atualmente, pré psicanalíticos de Sigmund Freud sobre as afasias, embora, não fosse esse o seu principal foco de interesse e sim o entendimento do mecanismo da paralisia histérica. Foi nesse mesmo período que Bergson, Cassirer, Jakobson e Lacan, cada qual com suas diferentes disciplinas científicas, agregaram conhecimentos da Filosofia, da Linguística e da Psicologia aos estudos de Sigmund Freud sobre afasia (FREUD; GARCIA-ROZA, 2014).

As mudanças teóricas e metodológicas significativas no campo da Neurociências, contudo, só ocorreram na primeira metade do século XX, e provocaram mudanças ao ponto de neurologistas e afasiólogos⁷ buscarem ultrapassar barreiras impostas pelo antagonismo entre localizacionismo e globalismo⁸ mediante o reconhecimento do cérebro como uma junção de diferentes partes que funcionam de maneira articulada. Assim, o cérebro pode, dentro desta perspectiva, ser comparado a uma orquestra em que cada instrumento tem o seu som, com intensidades e frequências diferentes, mas todos harmonizando para a produção final da boa música.

Apesar da questão da localização cerebral ser um tema questionado desde as contestações de Flourens a teoria de Gall, no século XIX (JAKUBOVICZ; CUPELLO, 2005), e de que as descobertas da área de Broca sejam criticadas e consideradas forçosas desde Freud em 1891 até os dias atuais com os avanços tecnológicos que permitiram o conhecimento da dinâmica das redes neurais, é preciso admitir que significaram um avanço para os estudos da comunicação verbal atrelada à mente.

⁶ Teoria baseada na existência de áreas cerebrais específicas com funções determinadas (JAKUBOVICZ; CUPELLO, 2005).

⁷ Teóricos que vislumbram a linguagem no cérebro sob fundamento do localizacionismo (MORATO, 2012).

⁸ Teoria baseada na ideia de que "todo o cérebro, de forma holística, é responsável por cada uma das funções mentais" (MORATO, 2012, p. 179)

No século XX duas grandes contribuições são atreladas aos estudos das afasias, os entendimentos no campo da linguística e aqueles no campo atualmente chamado de Neurolinguística discursiva. Rapp (2003) estabelece uma relação entre os estudos de Gesner (séc. XX) com as ideias de Coudry (2001) por atentar ao fato de que o primeiro teórico adotava a prática de interagir, de conversar e de provocar no paciente a evocação de informações da vida antes da afasia para estabelecer trocas durante o diálogo. A outra contribuição no século XX foi a abordagem linguística da afasia por Roman Jakobson.

A princípio, o contexto fonético, as situações de uso efetivo da linguagem, os aspectos socioculturais e as práticas discursivas relacionados à fala não tiveram espaço dentro dos estudos linguísticos da afasia. Os estudos linguísticos mais profundos foram resultado de um trabalho baseado na descrição neuropsicológica dos fenômenos afásicos de Alexander R. Luria, desenvolvido por Roman O. Jakobson (MORATO, 2012).

Roman Jakobson entendia ser necessário estudar de modo mais profundo e adequado as alterações da linguagem decorrentes da afasia compreendendo primeiramente a natureza e estruturas afetadas sob o ponto de vista da Linguística. Assim, com base em critérios linguísticos, propôs uma classificação que é adotada, inclusive, pela área médica localizacionista, para explicar as afasias. Contudo, serão descritas as diferentes classificações de afasia que estiveram atreladas às distintas perspectivas teóricas durante o percurso histórico.

1.4 A Classificação das afasias

São muito controversas, até hoje, as classificações das afasias propostas. Sendo ponto pacífico que a afasia é multifatorial e multifacetada, as classificações sempre dependerão do enfoque dado a determinadas facetas e não a outras. Vejamos, brevemente, as principais classificações e suas especificidades.

Os estudos inaugurais da afasia, como visto anteriormente, foram desenvolvidos por pesquisadores no campo da Neurologia a partir de uma relação entre lesão-sintoma. Sendo assim, Paul Broca, em 1861, descreveu a afasia de expressão ou motora e em 1874, o neuropsiquiatra alemão Wernicke descreveu a afasia de compreensão ou sensorial (MELO *et al*, 2011). Com o desenrolar de novos estudos, outras afasias foram sendo classificadas com

base nessas duas inicialmente descritas. Daí, passaram a existir diferentes maneiras de classificar as afasias, cada autor segundo suas conveniências e crenças (localizacionista, conexionista, linguística, etc.).

Lichtheim desenvolveu um esquema de base localizacionista em que diferenciou sete formas de distúrbios da linguagem aumentando, assim, a quantidade das afasias de condução após considerar as possíveis ligações dos centros da linguagem, delimitados até então por Broca e Wernicke, com o restante do córtex cerebral. Posteriormente, Wernicke substituiu a nomenclatura de Lichtheim por outra que, segundo Freud, também é falha. Segue a classificação de Lichtheim, conforme Freud e Garcia-Roza (2014):

1. Afasia motora cortical - idêntica a afasia de Broca, é caracterizada por um vocabulário restrito ou ausente na fala e a compreensão da linguagem preservada.
2. Afasia sensorial cortical - conhecida como afasia de Wernicke, é justamente o oposto da anterior. Aqui o sujeito tem vocabulário irrestrito e fala espontânea, mas a compreensão e a repetição estão comprometidas. Apresenta parafasias.
3. Afasia de condução de Wernicke - caracterizada por parafasias, uma das relevantes marcas desta afasia é a deficiência na repetição com dificuldade na nomeação e alteração articulatória. As parafasias tornam a leitura em voz alta deficitária, porém a compreensão da leitura está aparentemente bem.
4. Afasia motora transcortical - é aquela em que há uma alteração no componente motor da linguagem. Assim, a repetição daquilo que se ouve está preservada, mas a fala espontânea está alterada.
5. Afasia motora subcortical - semelhante a afasia motora cortical a compreensão da linguagem está preservada, mas o vocabulário está restrito a poucas ou nenhuma palavra. A diferença é a preservação da capacidade de escrever.
6. Afasia sensorial transcortical - nesta o doente tem a capacidade de falar e é capaz de repetir, mas não compreende o que lhe falam nem o que ele mesmo fala.
7. Afasia sensorial subcortical - se diferencia da afasia sensorial cortical pela falta de parafasia na fala.

Do ponto de vista conexcionista, a relevância é dada aos atuais conhecimentos da importância das conexões neurais no funcionamento do cérebro e distancia-se das questões neuroanatômicas concernentes às afasias. Para os conexcionistas, a maneira de classificar as afasias apoia-se no fato de que a semiologia das afasias não está diretamente relacionada com as localizações das lesões, ou seja, uma lesão na região cerebral anterior pode resultar em uma afasia “não fluente”, em uma afasia de Broca, ou mesmo, em uma afasia “fluente” com parafasias⁹ (GIL, 2002).

Dentro da perspectiva conexcionista é interessante destacar Freud, que, embora, neurologista, tinha suas ideias embasadas nas condições funcionais do aparelho de linguagem. Para tratar de suas considerações e críticas ao localizacionismo tomar-se-á por base Freud e Garcia-Roza (2014).

Freud situa a linguagem no hemisfério esquerdo do cérebro em centros especiais separados por regiões corticais sem função, centros nos quais são armazenadas representações que servem à linguagem, associadas por massas de fibras brancas sob o córtex, mas que, frente a lesões, reagem como um todo e, por isso, são capazes de gerar diferentes sintomas. Sigmund Freud, em sua obra pré psicanalítica intitulada *sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* publicado em 1891, critica a teoria de Wernicke-Lichtheim sobre a afasia ao introduzir "a concepção de um aparelho de linguagem que repousa sobre um domínio cortical contínuo" (p. 8).

Freud levanta algumas críticas ao esquema de Lichtheim. Primeiro por considerar, de certa forma, forçada a sua classificação, uma vez que ele acrescenta vias anatomicamente desconhecidas, e ainda, considera arbitrárias suas explicações de atribuir a uma combinação de lesões os distúrbios da linguagem que não podem ser explicados por uma única via interrompida no esquema. Concorde, portanto, que o esquema de Lichtheim tenha por sua maior relevância a didática.

Ainda segundo Freud e Garcia-Roza, ao investigar a existência da afasia de Wernicke com base na revisão dos achados neuroanatômicos pós morte em discordância com os sintomas que deveriam estar a eles relacionados e diante da impossibilidade de encontrar as formas de distúrbios previstas por Wernicke, Freud duvidou da afasia deste último por não ter confirmações clínicas de sua manifestação em pacientes e tornou nula a relação entre lesão e

⁹ Ver no item sintomatologia deste mesmo capítulo.

sintoma. O ponto alto de sua crítica foi por Wernicke representar o aparelho de linguagem sem considerar a relação que este possa ter com o resto da atividade cerebral. É a partir da classificação descrita por Wernicke-Lichtheim que Freud constrói sua crítica e formula uma classificação da afasia não com base na "interrupção localizada de uma via, mas pela suposição de uma modificação no estado funcional" (p. 45) e considera o efeito de lesões sobre o aparelho de linguagem como desencadeante de três tipos de afasia: a verbal, a assimbólica e a agnósica que podem ser descritas da seguinte forma:

1. Afasia verbal - "um distúrbio dentro do complexo verbal", em que as associações entre os elementos da representação-palavra estão afetadas;
2. Afasia assimbólica - é um distúrbio que provoca uma separação entre o complexo verbal e as associações de objetos. Nesta, a associação entre a representação-palavra e a representação-objeto é que está alterada;
3. Afasia agnósica - um "distúrbio puramente funcional do aparelho de linguagem" que surge em consequência de lesões corticais bilaterais e estendidas.

Em uma perspectiva que se afasta consideravelmente da concepção localizacionista e se aproxima cada vez mais das nuances inerentes à linguagem, o linguista Roman Jakobson traça uma classificação que prioriza a estrutura e funcionamento da linguagem, ao distribuir as afasias em dois tipos resultantes de alterações na capacidade de seleção e substituição ou, por outro lado, na capacidade de combinação e contexto das unidades linguísticas por parte do indivíduo, as quais serão apresentadas mais detalhadamente, conforme Jakobson (1995).

O primeiro a ser descrito foi o **distúrbio da similaridade**. Nesse, o afásico tem dificuldades na seleção; o contexto, entretanto, é o elemento facilitador da atividade verbal. Sintaticamente, elementos como o sujeito da oração tende a ser omitido ou simplificado (tomado como genérico), por exemplo, o indivíduo afásico usa a expressão *coisa* para designar o sujeito que deveria compor a frase. Por outro lado, os pronomes, os advérbios pronominais, os conectivos e auxiliares, se mantêm no enunciado dos afásicos desse tipo porque são elementos que estão associados ao contexto.

Nos casos de afasia por distúrbio da similaridade, a palavra precisa estar contextualizada, pois, por si só, a palavra não tem significado. Além disso, o distúrbio da função de substituição impede que o afásico apresente o sinônimo de um signo dado

previamente pelo interlocutor. Por exemplo, se o interlocutor apontar a cadeira já é razão para o afásico evitar a indicação ou manipulação com o nome do objeto indicado. Da mesma forma, o desenho, a imagem ou figura de um objeto provoca, no afásico, a perda do respectivo nome.

Um bom exemplo de não conseguir passar de ícone ao símbolo verbal correspondente, pode ser conferido nos resultados de um outro estudo¹⁰ nosso, em que o afásico, ao escrever um anúncio de venda, omite a palavra referente à imagem, tanto no texto escrito quanto no texto oral. Por exemplo, ao ser solicitado que o afásico faça a propaganda de venda de um ventilador que tem sua imagem representada no papel, ele apresenta o produto com as descrições de dimensões, preço, o anúncio de venda, mas não usa a palavra para designar o objeto. Em outra circunstância, o afásico faz o anúncio de procura por um cachorro desaparecido e, novamente, diante da imagem, escreve "procura-se um bom que fugiu", mas não escreve a palavra correspondente ao animal.

A dificuldade em denominar, característica do tipo de afasia que vimos descrevendo, constitui a perda da metalinguagem, ou seja, da capacidade de interpretar um signo por vias de outro. Nesse caso, a figura de estilo metonímia, que tem por base a contiguidade, é a de que o afásico se apropria para sanar as dificuldades de seleção. Por exemplo, o afásico fala *garfo* em lugar de *faca* ou *fumaça* em substituição a *cachimbo*. Assim, as metonímias usadas pelos afásicos "podem ser caracterizadas como projeções da linha de um contexto habitual sobre a linha de substituição e seleção" (JAKOBSON, 1995, p.49).

O outro tipo de afasia classificado por Jakobson é **distúrbio da contiguidade**, em que a capacidade de construir proposições, de combinar unidades linguísticas mais simples em unidades mais complexas está bem mais afetada, em relação à capacidade de seleção, assim, as frases diminuem em termos de extensão e de variedade. Nesse tipo da afasia, o contexto está deficiente e ocorrem agramatismos - perda capacidade de dominar as regras sintáticas que viabilizam organizar as palavras em unidades mais altas - que geram uma degeneração das frases em palavras isoladas.

O contexto linguístico tem forte influência sobre a permanência da palavra no discurso. Para os afásicos com distúrbio da contiguidade quanto menos uma palavra depender gramaticalmente do contexto sua persistência será mais duradoura no discurso. Assim, o

¹⁰ Ver Moura (2012).

elemento sintático sujeito, por exemplo, é o que mais perdura na construção da frase."O doente limitado ao grupo de substituição (quando o contexto é falho) usa as similitudes, e suas identificações aproximadas são de natureza metafórica" (JAKOBSON, 1995, p.52). Por exemplo, o afásico fala *óculos de alcance* em lugar de *microscópio* ou *fogo* em substituição a *luz de gás*. Há uma tendência em simplificar, em abandonar o uso de palavras derivadas ou conjugadas.

No distúrbio da contiguidade a alteração está na capacidade de preservar a hierarquia das unidades linguísticas. As funções distintiva e significativa da linguagem operam em conflito nos afásicos deste tipo e geram nestes a habilidade de distinguir, identificar e reproduzir os fonemas; diferentemente ocorre com esta mesma capacidade em relação às palavras. Em tal caso, as palavras são conhecidas, graças à função distintiva, mas não são compreendidas, pela falha na função significativa.

Jakobson afirma que os processos metafórico e metonímico estão constantemente em ação no comportamento verbal do falante comum, embora sofra a influência da personalidade do falante, do modelo cultural em que está inserido etc., diferentemente, na afasia um ou outro é reduzido ou totalmente bloqueado.

O que se observa até esse ponto é que a classificação de afasia, durante bastante tempo, era uma resposta aos sintomas manifestados pelo indivíduo, mas que, embora não deixem de ser considerados, para fins deste estudo, será oferecida uma atenção maior sobre a sintomatologia mais pertinente aos comprometimentos linguísticos.

1.5 Os sintomas das afasias

A sintomatologia da afasia, nos primeiros estudos da afasiologia, estava relacionada à localização em centros específicos no córtex cerebral. Foi a descoberta de que um centro comprometido nem sempre ocasiona o sintoma esperado e que os centros aparentemente normais apresentavam sintomas não previstos que trouxe nova luz sobre a correlação lesão-sintoma e permitiu compreender que os diferentes centros trabalham associados para um bom desempenho de linguagem (FREUD; GARCIA-ROZA, 2014).

Antes de mais nada é preciso entender que a afasia, em si, já é o sintoma de uma lesão cerebral e que, a depender de sua extensão, podem manifestar-se alterações que não

exclusivamente linguísticas. Apraxias, agnosias, paralisias de membros e comprometimentos da linguagem podem, inclusive, gerar impactos psicossociais, todos estes, sintomas relacionados à afasia (MORATO, 2010a).

Além do isolamento social, da mudança no humor, do desinteresse afetivo, a depressão é um dos grandes sintomas de impacto psicossocial das afasias no campo emocional. Empiricamente observa-se que a **depressão** é um sintoma recorrente da afasia que ocorre devido à mudança na posição de sujeito que era ocupada antes da alteração de linguagem, um sujeito ativo, o qual toma suas decisões e que se comunica sem precisar de intermediário.

Para reforçar a posição quanto ao que se tem vivenciado na prática com os sujeitos afásicos, conclui-se que a depressão ocorre como "uma reação natural à tomada de consciência de uma perda que atinge a essência do ser humano" (CYR-STAFFORD, 1995, p.68) e que, decorrente dos prejuízos na capacidade comunicativa do afásico, interfere diretamente na sua personalidade. Melo *et al.* (2011) endossam que as alterações de linguagem, manifestas perifericamente na fala, têm impacto na subjetividade e na identidade de sujeito que se estranha e sente dificuldade em manter os laços sociais.

Existem variantes que determinam o quadro sintomático das alterações de linguagem nas afasias. Um desse é o nível de educação formal alcançado por cada indivíduo. Para Freud e Garcia-Roza (2014), pessoas com ensino superior manifestam sintomas diferentes que pessoas com menos "habilidades de linguagem". Possivelmente, uma das justificativas para esclarecer tal fato seja a diferença nas condições socioculturais que afeta a participação dos indivíduos durante a interação sinalizada por Marcuschi (1986).

As perturbações linguísticas na afasia manifestam-se como dificuldades na compreensão, em dar o nome correspondente às coisas, em expressar a linguagem, em organizar os comandos motores para a articulação da fala, dentre outros que não se restringem à linguagem oral, mas também envolvem a escrita (JOANETTE; LAFOND; LECOURS, 1995). Contudo, o afásico queixa-se mais dos déficits na fala, embora esteja a escrita igualmente comprometida, por se tratar de uma modalidade mais imediata de comunicação em que as reformulações são feitas simultaneamente à produção.

Um dos sintomas das afasias percebido muito mais na fala, devido a sua ocorrência imediata à produção, é a **parafasia** que, segundo a tradução de Rapp (2003, p.25) de

Kussmaul (1877), "é um distúrbio de linguagem em que a associação das ideias com a imagem das palavras é de tal maneira afetada que, em vez de ser emitida a palavra contendo o sentido desejado, aparece outra de sentido diverso ou então palavras totalmente estranhas e ininteligíveis". Esse distúrbio da linguagem faz que ocorra a troca de uma palavra por outra inadequada, mas que, segundo Melo *et al* (2011) e Freud e Garcia-Roza (2014), a palavra que substitui aquela que era alvo tem sempre uma relação com a que foi esquecida.

Freud reforça que, além da troca, a parafasia pode manifestar-se como uma insegurança no uso das palavras em que a compreensão e a articulação da linguagem são preservadas e faz uma ressalva de que as parafasias dos afásicos não diferem das dos demais falantes (FREUD; GARCIA-ROZA, 2014). Para os autores, quando as pessoas estão cansadas ou com a atenção dividida, a parafasia pode se manifestar, embora, reafirme se tratar de um sintoma puramente funcional, não exclui que possa manifestar-se mais fortemente como um sintoma focal orgânico.

A parafasia também é entendida como soluções rítmicas ofertadas a frases fonológicas, de ocorrência inesperada, que geram a impressão de desarranjo métrico (SCARPA, 2001). Para a autora, as parafasias, palavras criadas que substituem a palavra alvo, são comuns aos afásicos com dificuldades caracterizadas por restrições ao acesso lexical em que a estrutura métrica da palavra não está prontamente disponível, as quais ocorrem em situações de repetições de palavras ou sílabas.

Diferentes classificações das parafasias podem surgir com base nas concepções de diferentes autores, embora as variações de nomenclatura não sinalizem manifestações divergentes. Expandindo a nomenclatura usada por Freud e Garcia- Roza (2014) de parafasia literal como aquela com erros na articulação e de parafasias verbais como uma alteração relacionada à paráfrase em que um substantivo é substituído por outro ou por um verbo, Gil (2002) usa a mesma nomenclatura de Freud, mas fornece um detalhamento com exemplificações, assim como Freud, que facilitam didaticamente o entendimento.

Segundo a classificação de Gil (2002), nas parafasias fonêmicas ou literais as palavras sofrem alterações ou distorções em sua disposição fonética por omissão, por adjunção, por inversão ou por deslocamento fonêmico. Exemplos citados pelo próprio autor são a troca de "locomotiva" por "colotomiva", de "termometro" por "terbômetro" ou de "crepom" por

"cresom" (p.37). Nesses casos, durante a conversação é possível identificar a palavra alvo muito mais pelo contexto que pelo parentesco fonológico em si.

O segundo tipo descrito por Gil são as parafasias verbais. Nessas, as palavras são substituídas por outra do léxico. Subdivide-se em dois tipos: as morfológicas e as semânticas. Nas parafasias verbais morfológicas ocorre a distorção fonética com aproximação da palavra alvo. Exemplo: "dispara" por "separa". O segundo subtipo são as parafasias verbais semânticas que são produções de palavras desviantes da palavra alvo, mas que tem uma relação em termos de sentido e é marcada por um comprometimento na escolha da palavra, exemplo: "prato" por "colher"; "cama" por "mesa".

Rapp (2003) classifica as **parafasias** em **lexical** - aquela em que a palavra anunciada está relacionada ao contexto e faz parte do léxico - e parafasia **fonológica** - aquela que estabelece uma correspondência fonológica entre a palavra enunciada e a palavra alvo. Como se observa, mesmo diante de nomenclaturas diferentes para definir a parafasia, na essência a definição é a mesma, contudo, será usada nesta tese a denominação de Rapp por sua maior proximidade com a ciência fonoaudiológica.

Um outro sintoma bastante comum em todos os tipos de afasia é a dificuldade em nomear objetos. Na realidade, esta dificuldade é uma propriedade bastante peculiar à fala espontânea do afásico, embora ocorra também na fala corriqueira de sujeitos não afásicos quando sob tensão ou stress. Essa dificuldade é sinalizada no fluxo do discurso pela incapacidade no uso de substantivos (FREUD; GARCIA-ROZA, 2014), o que acaba por levar o afásico a se aproximar da palavra alvo tentando descrevê-la pelo uso. Um exemplo disto, conferido no capítulo IV deste estudo, é quando o afásico gesticula o formato de uma bola quando pretendia sinalizar a palavra futebol *society* ausente pela **anomia**.

A fala espontânea que, em geral, não está ausente, mas empobrecida em partes do discurso (FREUD; GARCIA-ROZA, 2014), apresenta-se lenta, entrecortada, com palavras contraídas, suprimidas ou repetidas (GIL, 2002). A **repetição**, por sinal, é uma das habilidades que se conserva por mais tempo que a fala espontânea (FREUD; GARCIA-ROZA, 2014) e pode manifestar-se como ecolalia, estereotipia, jargão, perseveração ou como retomada para a organização do discurso durante a verbalização.

A **perseveração** que, por sua vez, é a "repetição automática de segmentos verbais no lugar do que não se consegue dizer" (FLOSI; FEDOSSO, 2010) manifesta-se de forma bem

diferente da repetição proveniente da retomada para organização textual para a fala, pois, no primeiro caso, as emissões são involuntárias e sem intencionalidade, enquanto na última, há uma intencionalidade em manifestar o significado pretendido.

Quanto à **situação prosódica** nas afasias, embora variável à fala de cada sujeito, ou seja, inconstante e imprevisível, é também caracterizada pela preservação dos níveis superiores de hierarquia. Logo, nos níveis prosódicos sílaba, pé e palavra fonológica estão as maiores dificuldades do afásico pois, nos níveis acima da palavra estão os enunciados e os discursos que se afastam da dificuldade estrutural comum à fala (SCARPA, 2001).

Portanto, alguns dos sintomas das afasias, do ponto de vista da Neurolinguística, são manuseios na linguagem pelo sujeito afásico que se assemelham aos movimentos realizados por sujeitos ditos "normais", sendo que, no afásico, hesitar, retomar, interromper a fala, são consideradas dificuldades mais persistentes (SAMPAIO, 2010). Existem peculiaridades na fala do afásico que são próprias da estruturação e organização discursiva, como é o caso das hesitações assinaladas por pausas silenciosas ou pausas preenchidas, dos prolongamentos finais, das repetições de palavras e dos falsos inícios.

Os sintomas das afasias também manifestam-se com **distúrbios no manejo da gramática e da sintaxe** que podem se apresentar tanto na linguagem oral como na linguagem escrita. As alterações na escrita estão associadas àquelas que ocorrem na produção verbal (GIL, 2002).

Em suma, os principais sintomas da afasia apresentados na articulação entre o campo neurológico e o linguístico associa à afasia de Wernicke um déficit na seleção dos fonemas e das palavras que gera parafasias; na afasia de condução ocorre o prejuízo isolado da seleção no plano fonológico. Já na afasia de Broca o déficit está na combinação dos fonemas e das palavras, o que ocasiona a simplificação das palavras relacionadas a desintegração fonética, redução no volume verbal, estereotípias e agramatismos (GIL, 2002). Esta separação estrita é, porém, contestada nos trabalhos de Morato (2010b), Coudry (2001) e Novaes-Pinto (1999).

Assim, para Jakobson, na afasia de Broca, em que a dificuldade está na expressão, o que está afetado é a capacidade de construir sintagmas e na afasia de Wernicke o comprometimento de linguagem fica evidente na dificuldade em encontrar significados adequados para as palavras, portanto, dificuldade em construir paradigmas (LIMA, 2011).

As manifestações sintomáticas são tomadas para classificar a afasia, como já foi informado previamente, mas também são objeto do diagnóstico, como será apresentado na sequência.

1.6 Aspectos clínicos das afasias

Estudos em neuroanatomia revelam que uma lesão cerebral em hemisfério esquerdo ocasiona manifestações periféricas em sentido contralateral à lesão devido à decussação das pirâmides¹¹. Logo, tem-se como revelação da afasia uma hemiplegia nos membros superior e inferior direito, sendo este um dos sintomas que caracterizam o diagnóstico diferencial entre afasia e outras demências.

O modelo médico de avaliação das afasias, apresentado por Gil (2002), propõe que se faça uma observação clínica da fala do sujeito e verifique se este sente dificuldade para falar. Também recomenda que se investigue a compreensão e se observe o comportamento do sujeito. Além dessas, há, também, uma proposta de procedimentos qualitativos ou estruturados por testes padronizados de investigação das afasias. Para o teórico, estes testes permitem classificar as afasias como de compreensão ou expressão e dar o prognóstico.

Para investigar as dificuldades de fala, Gil (2002), sugere que seja aplicada a prova de repetição de frases, pois, acredita que este teste seja eficaz na avaliação durante o período de desorganização da linguagem advindo da afasia, assim como é utilizado durante a fase de aquisição da linguagem infantil para avaliar possíveis alterações da fala da criança (YAVAS; HERNANDORENA; LAMPRECHT, 2000; MOTA, 2001; CASTRO, 2006). Cabe, porém, ressaltar que, essa produção melhorada, característica da atividade de repetição, conforme analisa Mota (2001) e Yavas, Hernandorena e Lamprechet (2000), não é vista como algo positivo e sim como desvantagem, pois não apresenta as reais condições fonológicas do falante, nem tampouco traz a possibilidade de fala encadeada.

¹¹ A decussação das pirâmides é um composto de fibras que se cruzam obliquamente na região mediana da parte caudal do bulbo (medula oblonga), uma das regiões do tronco encefálico. Graças à decussação das pirâmides os hemisférios cerebrais controlam as partes contralaterais do corpo. Assim, uma lesão encefálica à esquerda compromete toda a metade direita do corpo (TRONCO ENCEFÁLICO, 2016).

Para investigar a compreensão da linguagem falada do sujeito são dadas ordens que terão um grau de complexidade crescente. Exemplo: ordem simples - "aponte o seu nariz!"; ordem associada - "toque a orelha esquerda com o polegar da mão direita!"; múltipla escolha - "aqui estão três papéis: um pequeno, um médio e um grande. Jogue o pequeno no chão, fique com o médio e entregue-me o grande!" (GIL, 2002).

Outra sugestão de Gil (2002) é a respeito da conveniência e importância da aplicação de provas mais elaboradas, como compreensão de frases e de textos, por exemplo, quando percebe-se uma alteração de menor proporção na compreensão. Ainda, segundo o autor, é interessante avaliar através do ditado, uma vez que o déficit pode ser na discriminação fonêmica.

Coudry (2001), entretanto, lança sérias críticas aos testes padronizados de avaliação e tratamento do sujeito afásico, pois acredita, que estes são aplicados sem considerar o contexto. Foi a Neurolinguística Discursiva que trouxe contribuições para os estudos da afasia no sentido de se afastar desses testes, o quais tinham o propósito de ressaltar o "erro" nas produções dos afásicos, sem apontar o caminho para sanar as dificuldades encontradas (FLOSI; FEDOSE, 2011).

Há, também nestes testes, um predomínio de tarefas metalinguísticas, enquanto as atividades linguísticas e os processos epilinguísticos são colocados em segundo plano. Outra crítica é quanto ao apego à linguagem escrita com "forte compromisso escolar" para a elaboração das atividades propostas ao sujeito. E ainda, uma outra razão para as críticas aos testes padronizados é a carência de resultados empíricos que acabam por não caracterizar adequadamente as dificuldades e, conseqüentemente, impedem um acompanhamento apropriado ao sujeito enquanto afásico.

A posição crítica aos métodos tradicionais de avaliação e terapia é igualmente tomada por Novaes-Pinto (1999, 2012) que reafirma a necessidade de avaliar a linguagem em funcionamento e não por meio de testes metalinguísticos voltados para a atividade parcialmente linguística, com base na linguagem escrita, o que acaba por caracterizar a afasia na categoria clínica do agramatismo.

Com base na posição descrita e com a consciência de que ao investigar a alteração da linguagem na afasia o objeto de estudo é o afásico, o que está em análise não é unicamente a língua, mas os fatores socioculturais que a envolvem (NOVAES-PINTO, 2012). Logo, a

autora propõe que se adote uma metodologia qualitativa de análise das produções do afásico com os seus interlocutores em situações dialógicas.

Novaes-Pinto (2012) refere Damico *et al.* (1999) ao afirmar que a pesquisa qualitativa dos fenômenos que envolvem a linguagem nas afasias é interessante porque pode descrever melhor os dados naturalísticos, autênticos e funcionais; pode envolver procedimentos metodológicos como a análise da conversação e utilizar entrevista ou observações, por exemplo para a análise dos dados.

A nossa proposta de avaliação é qualitativa, uma vez que não tem a pretensão de fornecer dados numéricos ou quantitativos, mas informações interativas e discursivas sobre a linguagem do sujeito. Essa proposta avaliativa também visa observar tanto a compreensão quanto a expressão da linguagem. Acreditamos que os vários níveis da linguagem: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, se conectam fortemente na fala espontânea, em situações interativas.

Embora seja interessante para a avaliação fonológica a realização de provas de nomeação, de imitação e de fala espontânea, como recomenda Yavas, Hernandorena e Lamprecht (2000) ao tratar mais especificamente do desenvolvimento de linguagem das crianças, a preferência pela investigação dos subsistemas linguísticos na fala espontânea deve-se ao fato de que a nomeação e a repetição são tarefas contraindicadas para averiguar a performance do afásico. A repetição, como já foi mencionado anteriormente, não oferece resultados fidedignos sobre as reais condições linguístico-discursivas do falante e a nomeação é uma atividade de difícil execução para o afásico com restrição ao acesso lexical.

Para endossar o que já foi dito, nas provas de nomeação e repetição, a interlocução não está presente. Nessas circunstâncias, os afásicos não ocupam lugar de locutor nem a língua é trabalhada associada ao seu funcionamento, o que prejudica o processo avaliativo e terapêutico de organização da linguagem. Logo, dizer e reelaborar seu dizer, não apenas por meio da fala, mas também com uso de gestos, de leitura/escrita, de desenho faz com que o sujeito, ao interagir, manipule a linguagem de modo que ocupe o lugar de locutor (COUDRY; FREIRE, 2010).

Ainda, por meio da observação da fala espontânea, é apropriado investigar morfossintaticamente a linguagem oral, bem como o subsistema semântico-pragmático. A

narrativa fragmentada, sem o uso de conectivos, com dificuldades no acesso lexical para a seleção da palavra almejada etc., oferecem informações sobre a construção morfossintática.

Sobre a análise da situação semântica da linguagem do afásico, além do significado percebido no enunciado, a anomia pode gerar dados importantes que permitam mensurar a expressão e, mesmo, a compreensão de sentidos no discurso. É por ocasião da dificuldade em dar o nome adequado às coisas que o indivíduo se reformula e faz giros em torno da palavra alvo agregando-lhe outras palavras dentro do mesmo campo semântico, o que demonstra o reconhecimento do objeto em frente à anomia. Um exemplo disto é quando o sujeito, ao tentar proferir a palavra *pente*, que não lhe vem à língua, fala que serve para pentear o cabelo e/ou faz o gesto de pentear o cabelo.

A avaliação do subsistema pragmático é empírica na medida em que, na fala espontânea, o indivíduo vivencia uma situação real de uso comunicativo, em que se tem a oportunidade de observar se sua linguagem é útil, se consegue a colaboração do interlocutor, se sabe escutar, se é ativo em participar da conversação etc.

Antes de passar à avaliação da compreensão, cabe esclarecer como fazer para conseguir que o sujeito "fale espontaneamente", para que a avaliação proposta seja efetivada. Primeiro, deixar claro que esse "falar" envolve muito mais que verbalizar, abarca fala, escrita, gestos, expressões faciais e corporais, desenho, ou seja, envolve a multimodalidade da língua para se comunicar. Outro ponto importante é entender que a "espontaneidade" do falar, em alguns casos, ocorre por vias da intermediação. Um exemplo do falar espontâneo pode ocorrer durante a entrevista inicial.

Na anamnese, entrevista que ocorre no primeiro encontro com o indivíduo, é comum que o acompanhante entre e fale de suas demandas ou das queixas daquele que virá a passar por tratamento. A problemática que se levanta nesse momento é que essa deveria ser uma ocasião em que o sujeito acometido pela afasia pudesse ocupar o espaço de falante e não de ser traduzido pelo outro. Daí, a defesa de que, por ocasião da entrevista inicial, o sujeito encontre o espaço para a fala espontânea e, conseqüentemente, forneça bastante dados relativos ao que se pretende avaliar para se traçar o plano terapêutico.

A nossa proposta encontra o respaldo nas palavras de Flosi e Fedosse (2010), que sugerem ser a anamnese uma ocasião oportuna para a coleta de informações sobre o cotidiano do afásico, por meio do qual é possível nortear o procedimento terapêutico, analisar o

funcionamento de linguagem, investigar os demais processos cognitivos e as avaliar as dificuldades ocasionadas pela lesão cerebral.

A avaliação da compreensão, portanto, pode ser feita durante a realização da anamnese, por meio mensuração das respostas dadas pelo afásico. O modelo médico de avaliação da compreensão sugere que sejam proferidas ordens simples e associadas e se observe as respostas do sujeito. Na perspectiva aqui defendida, a ressalva para este modelo de avaliação está no fato de que pessoas com e sem déficit cognitivo, independente se afásico ou não, sentem dificuldades em realizar ordens do tipo "com o seu indicador direito toque o nariz e com o indicador esquerdo toque a orelha", sem por algum tempo pensar e processar para, então, executar a ordem complexa. Seguimos o trabalho de Coudry (2001), bem como a tese de doutorado de Novaes-Pinto (1999), que são pesquisas, no Brasil, cujos resultados levam à crítica da avaliação da linguagem e da classificação da afasia em baterias de testes de cunho metalinguístico.

Alguns defensores do modelo médico de avaliação podem justificar a necessidade de um acompanhante que fale pelo afásico nos primeiros contatos devido a limitação das respostas em sim e não aos questionamentos a eles direcionados no evento comunicativo, a depender da gravidade da afasia. Contudo, nem sempre respostas categóricas sim e não podem ser tratadas como sentenças isoladas (SAMPAIO, 2010). A depender do contexto comunicativo e da afasia do sujeito, essas respostas e outros casos em que o terapeuta pergunta e o afásico limita-se apenas a responder e, em muitos casos, responde com a ajuda de quem perguntou; as respostas não são descontextualizadas, mas situam-se dentro de um espaço construído previamente pelos interlocutores, alcançando, então, um sentido relevante (COUDRY, 2001; MORATO, 2010a; NOVAES-PINTO, 2012).

Diante do diagnóstico médico de afasia, com base em exames de imagem, cabe ao fonoaudiólogo o exame clínico para que se possa detectar qual o eixo linguístico mais prejudicado e seja elaborado um plano personalizado para o sujeito com objetivo terapêutico de reabilitação da linguagem.

O tratamento da afasia envolve uma equipe multiprofissional em que médicos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos, fonoaudiólogos, entre outros, vão atuar nas alterações decorrentes da lesão cerebral. Alterações estas, que melhoram em diferentes proporções a depender de algumas variantes como, por exemplo, da idade do indivíduo

cérebro lesado, das suas condições gerais de saúde, do local e natureza da lesão, da recuperação espontânea resultante da melhora da inflamação e do edema decorrente da lesão cerebral, da ação das células de defesa, dentre outros aspectos (MORATO, 2002).

Do ponto de vista médico, a terapêutica das afasias é distribuída em etapas que vão do tratamento medicamentoso, passando por métodos de "reeducação" da linguagem que servem para a "reaprendizagem", até aos cuidados a nível emocional e psicológico. As palavras "reeducação" e "reaprendizagem", contudo, não são as mais adequadas ao se pensar na terapia do afásico, pois remetem a ensino, à aquisição. A expressão mais adequada, também usada pelo autor, é "reorganização". Assim, os métodos descritos, apresentados com uma nomenclatura diferente da defendida neste estudo, tem a premissa de contribuir para o processo de reorganização da linguagem do afásico (GIL, 2002).

Flosi e Fedosse (2010) apontam a relevância de uma terapia fonoaudiológica voltada para a reorganização da linguagem que seja discursivamente orientada, pois, dessa forma, a linguagem será estimulada tanto em seu aspecto linguístico e cognitivo quanto social, cultural e histórico ao considerar o sujeito.

Na perspectiva discursiva de atuação sobre a alteração de linguagem do afásico, Moura (2012) aponta uma proposta recorrente em alguns estudos¹² de trabalho com base em gêneros textuais orais e/ou escritos. A autora provou empiricamente, por meio da prática clínica com afásicos, que a terapia de linguagem embasada em gêneros textuais facilita o contexto comunicativo/terapêutico pois, por cercar o assunto tratado pela delimitação de um gênero, foi possível facilitar a interpretação daquilo que era dito pelo afásico, bem como viabilizar a compreensão da interlocução direcionada a este.

Assim, percebeu-se muito mais fluidez na atividade interativa quando mediada pelo gênero textual¹³ associado ao fato de que a linguagem oral, a linguagem escrita e os recursos paralinguísticos contribuem mutuamente no desempenho da performance comunicativa e para a reorganização da linguagem.

¹² Conferir Oliveira (2008), Gonçalves (2008), Marinho (2008), Moura (2010), Novaes-Pinto (2012) só para citar alguns.

¹³ Para compreender melhor o conceito de gênero textual adotado, ler Marcuschi (2008).

Podemos citar uma lista de atividades a com base no gênero textual realizar na prática clínica de reabilitação do afásico. Exemplos de práticas discursivas com características do gênero textual, predominantemente oral são: as feiras, atividade na qual o afásico pode selecionar os produtos, adicionar os preços e fazer a oferta ao cliente; propagandas de TV ou rádio; dramatização de apresentação de telejornal; jogos de adivinhação de dicas ou mímicas.

Outros exemplos são aqueles em que se podem trabalhar na terapia os gêneros textuais escritos: elaboração de convites para festas, de lista de compras de supermercado, propagandas ou anúncios de jornal ou revista. Coudry e Freire (2010) exemplificam a elaboração do cartão natalino como uma prática bastante produtiva, pelo fato do fácil reconhecimento do referido texto como pertinente ao inventário possível de textos da vida social, justificativa esta, que vem agregar mais um valor ao trabalho com base no gênero textual, o contexto real de uso.

Como prática oral ou escrita com base no gênero textual que pode ser continuada em casa ao longo da semana para reforçar a terapia, baseado em Coudry (2001) e Sampaio (2010), sugerimos que o sujeito tenha uma agenda e nela registre fatos cotidianos de sua vida. Os afásicos são orientados que nesse espaço eles podem desenhar, escrever, pintar, colar fotos e/ou recortes de manchetes de artigos de jornais/revistas, anotar piadas/ compromissos/ receitas, narrar fatos ocorridos durante o dia/em passeios/festas ou fazer qualquer outra coisa que julgue necessária.

Ainda outro ponto que vale ressaltar sobre a intervenção fonoterápica, diz respeito à seriedade do momento da alta, ao mesmo tempo em que propõe uma alternativa para que o afásico se mantenha ativo e comunicativo, a convivência em grupos de afásicos. Cyr-Stafford (1995), considera que a integração de afásicos a grupos terapêuticos ou grupos de apoio serve para minimizar a angústia da separação ou do desligamento da terapia individual, além de contribuir para ampliar as capacidades comunicativas do afásico em contexto real na convivência com outros interlocutores.

Denominado de método socioterápico, as atividades em grupos de afásicos são reconhecidas dentro da literatura de estudos voltados para a afasia como benéficas pois, como aponta Sampaio (2010) e Novaes-Pinto (2012), esse é um espaço de cooperação, no qual o sujeito que se depara com instabilidades comunicativas (dificuldades em encontrar as palavras certas, pausas inesperadas, etc.) encontra apoio e identificação como o outro afásico que

compartilha das mesmas demandas. Além disso, os grupos de convivências são espaços em que afásicos e não afásicos socializam-se, apresentando-se ora como locutores ora com interlocutores, com atividades bem próximas ao efetivo funcionamento da linguagem.

CAPÍTULO II

A ÊNFASE E A PROSÓDIA NA CONVERSAÇÃO DO AFÁSICO

2. Introdução

Este capítulo dedica-se a explorar os elementos prosódicos que compõem o efeito de sentido da ênfase em situações de retomada do enunciado previamente emitido pelo sujeito afásico, tema central das indagações sobre o papel da prosódia na afasia, adotado nesta tese.

Começamos pela noção de prosódia aqui adotada, seu respectivo conceito, sua função, seus elementos constitutivos e seu uso. Em seguida, a abordagem volta-se para a Teoria Interacional da Entoação (TIE) de Brazil (1985). Neste tópico alguns conceitos pertinentes à TIE são expostos no sentido de clarificar os elementos que possam estar atrelados à ênfase. A Análise da Conversação (AC) de Marcuschi (1986) é uma outra teoria apresentada no presente capítulo, que trata de questões mais conceituais e amplas pertinentes à AC. Na sequência, há uma descrição de características próprias da organização da conversação com o intuito de clarificar especificidades da ênfase manifesta no texto oral.

Por fim, são abordadas questões referentes à prosódia na afasia com uma visão de base interpretativa.

2.1 A ênfase nas noções de prosódia

Em termos gerais, o conceito de prosódia volta-se, quase que exclusivamente, para o âmbito da modalidade oral de uso da língua, seja numa visão normativa, como quer a gramática normativa tradicional ao defini-la como a "pronúncia correta quanto à acentuação tônica das palavras" (SACCONI, 2009) ou ao defini-la como instrumento de estruturação da produção verbal oral (SOUZA; CARDOSO, 2013). Sabe-se, contudo, que a prosódia não é um fenômeno particular da fala (CHACON, 1998; MASSINI-CAGLIARI, 1999), e que, inclusive, do ponto de vista gramatical, suas primeiras investigações foram feitas a partir da modalidade escrita (MASSINI-CAGLIARI, 1999).

A noção de prosódia sobre a qual se fundamenta a linguística refere-se à parte da fonética/fonologia com elementos comuns à música e à linguagem que são constitutivos da linguagem falada, como a altura melódica, o volume sonoro e a duração (LIRA; AGUIAR, 2007). A prosódia é composta por elementos que permitem aos interlocutores, emissor e receptor, "compreender as nuances que transitam no intercâmbio comunicativo" (BRITO *et al.*, 2007).

Seguimos Scarpa (1998) quanto à definição básica de “prosódia”

A prosódia é composta de parâmetros fonéticos como duração, intensidade (cujo correlato acústico é a amplitude), altura (que tem a frequência como seu correlato acústico), velocidade da fala (“tempo”) e pausa. Constituem eles subsistemas suprasegmentais com variadas potencialidades distintivas ou significativas nas línguas naturais. Combinados, estes parâmetros também são responsáveis pelos subsistemas de ritmo e entoação. (SCARPA, 1998, p. 830).

Ao usar a referência de Crystal (1997), Lira e Aguiar (2007) comentam que a entoação desempenha um papel semelhante ao da pontuação na escrita, mas envolve também a capacidade de demarcar as fronteiras entre uma sentença e uma oração, além de sinalizar a diferenciação entre uma sentença interrogativa ou declarativa. A entoação também é um elemento que tem a capacidade de fazer com que uma palavra ou grupo de palavras tenha as características de uma frase. No discurso oral, a entoação é um componente bastante importante que tem a capacidade de imprimir significado e facilitar a interação (LIRA; AGUIAR, 2007).

Pode se concluir, então, que as funções e as interfaces da prosódia têm a ver tanto com sistemas gramaticais quanto com sistemas interativos-discursivos. É esta segunda perspectiva que nos interessa nesta tese. De fato, nosso interesse é perceber se o sujeito afásico resguarda as potencialidades significativas, interativas, pragmáticas, marcadas com marcas prosódicas, nas retomadas de enunciados que percebe como sendo de interpretação problemática por parte do interlocutor.

Assim, a prosódia, tomada como elemento linguístico próprio de ambas as modalidades de uso da língua, quer oral quer escrita, atua na organização multidimensional da linguagem (CHACON, 1998) pois não somente as palavras em si dão o valor informacional da mensagem, mas os elementos prosódicos contribuem com informações intencionais, enunciativas e discursivas do falante que geram sentidos diversos à mensagem.

Por outro lado, como exemplo de uma visão da prosódia pelo viés gramatical, é consensual o fato de que, em português brasileiro, a diferenciação entre uma pergunta e uma declaração é uma das várias funções prosódicas básicas. Mas não só essas. Muitos processos fonológicos, como por exemplo o sândi externo vocálico¹⁴ estão inscritos em domínios prosódicos exibindo forte interface entre sintaxe e fonologia, através da prosódia (sobretudo os sistemas de ritmo e entoação) (ver Scarpa, 1999; 2001).

Os traços ou elementos prosódicos (acento, entoação, ritmo, pausas), em geral, têm relação com atributos acústicos como a frequência fundamental, a intensidade e a duração. O acento, traço prosódico de interesse particular para esse estudo, mantém relação complexa entre as propriedades acústicas e perceptuais, uma vez que pode representar tanto o acento enfático (contrastante) quanto o acento léxico (WEISMER, 1996). Para as investigações propostas nesta tese, os olhares estão voltados para o acento enfático, com a consciência de que é muito mais determinado por fatores situacionais ou pragmáticos do que por fatores gramaticais ou semânticos.

Fatores situacionais e pragmáticos se relacionam intimamente ao contexto à intencionalidade do falante, pois todo falante tem determinadas intenções ao interagir com o seu interlocutor. Uma das maneiras de destacar a pretensa intenção do falante é por meio da marca de acento enfático. Estudos¹⁵ confirmam que existem modificações prosódicas na fala do adulto, quando direcionadas a crianças pequenas, em contraste com a fala direcionada a crianças maiores e adultos. Essas modificações se caracterizam, dentre outros aspectos, pela acentuação de mais de um elemento na frase, de um aumento na duração das palavras, bem como de uma entoação exagerada com pausas mais marcantes de delimitação de fronteiras (unidades tonais, para Brazil em 1985 - conceitos descritos mais adiante).

Na fala entre adultos, afásicos ou não, também ocorrem variações prosódicas entoacionais que são agregadas como facilitadores do processo comunicativo e de (re)organização da linguagem. Modificações em que o padrão entoacional na fala é caracterizado pelo acento enfático em sílabas pré-tônicas, variação no emprego dos tons e

¹⁴ Sândi vocálico externos são as junturas e modificações vocálicas entre duas palavras, por exemplo: *minha amiga* > *minhamiga*.

¹⁵ Para maiores detalhes, ver Weismer (1996), Cavalcante (2007) e Scarpa (2012).

alternância entre momentos de domínio ou não do enunciado, também são descritos, em um estudo¹⁶ prévio a este, como resultado da interação entre afásicos e não afásicos.

Voltando ao ponto de partida, é adequado afirmar que as modificações prosódicas, nas interações entre falantes, em uma perspectiva sociointeracionista, independente de variação de idades, de sexo, de presença ou ausência de patologias etc., estão muito mais relacionadas às suas intenções comunicativas do que a meras coincidências gramaticais de organização textual para a fala, embora não ocorram aleatoriamente, como veremos na análise dos dados. Olson (1997) reforça isso, ao afirmar que os elementos prosódicos como a entoação, a proeminência, dentre outros são indícios que caracterizam a intenção do emissor.

Brazil (1985) é um, entre vários estudiosos, que reafirma serem os elementos prosódicos tomados pelo falante como uma das estratégias discursiva de conduzir o ouvinte a captar o significado daquilo que pretende comunicar através do seu enunciado. Para Brazil, o comportamento prosódico, por meio das pistas entoacionais, fornecidas pelo falante, apontam para a transmissão de diferentes informações. Assim, segue a apresentação de seu modelo teórico com associações aos conceitos até aqui definidos.

2.2 A ênfase na Teoria Interacional da Entoação¹⁷ (TIE)

Os termos entoação e prosódia estão frequentemente relacionados na literatura, sendo a entoação parte da prosódia; este último é o termo genérico mais usado hoje em dia. A entoação é a parte da prosódia caracterizada por variação melódica.

Na TIE, a entoação é definida como a variação do tom da voz falada, resultado da escolha do falante (BRAZIL, 1985). Carregada de valor comunicativo, as possíveis e diferentes escolhas entoacionais efetivadas pelos falantes, em diferentes contextos comunicativos, estão associadas a um conjunto de significantes capazes de gerar significado.

¹⁶ Ver Moura (2012).

¹⁷ Neste tópico serão apresentadas as releituras de David Brazil à Teoria Interacional da Entoação (TIE), realizadas na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, entre as décadas de 1970 e de 1980, publicadas em seu livro *The communicative value of intonation in English* em 1985 a partir da retomada às leituras por nós previamente publicadas na dissertação, conforme Moura (2012).

Logo, a entoação é uma das estratégias usadas pelo falante, direcionadas ao ouvinte, não planejada previamente, mas que geram a condição para que este último capte o significado que seu interlocutor pretensamente tem de comunicar através do enunciado. Em outras palavras, o falante varia sua entoação, no momento da interação, com o objetivo de transmitir a mensagem com ênfase ao que pretende destacar; o ouvinte, por sua vez, capta as pistas entoacionais, as quais servem como facilitadoras da compreensão no contexto interativo.

Semelhantemente aos parâmetros prosódicos acústicos, Brazil (1985) aponta que, além da frequência fundamental - F^0 (medida em hertz -Hz), a intensidade (medida em decibéis - dB) e a duração (medida em milissegundos - ms) também são parâmetros físicos importantes para a composição do sistema de entoação. Não é apenas a velocidade de fala ou a frequência fundamental, como julgam alguns teóricos¹⁸, que determinam a entoação. Temos comprovado empiricamente que a mudança na intensidade vocal afeta (ou se associa) à duração de fala e provoca variações também na F^0 , como veremos na análise dos dados (capítulo 4 desta tese).

Outro ponto importante é verificar que as escolhas entoacionais que falantes individuais fazem em determinados contextos enunciativos se caracterizam pela preferência que alguns têm por variações de tons maiores ou menores que o comum se comparados aos falantes em geral, adotando um tom não habitual, o qual aponta um significado específico à interação verbal. Para Brazil (1985), é improvável que, durante a fala, o sujeito faça uso variado de um parâmetro físico sem alterar outro, ou seja, modificar a intensidade sem alterar a F^0 ou a duração.

A entoação tem três funções básicas na interação: a organizacional, pela variação no uso dos tons durante o discurso; a social, pela seguridade na ocupação dos papéis sociais no exercício dos interlocutores e a função informativa, pelo uso dos tons indicadores de conteúdos informacionais (BRAZIL, 1985).

Os significados específicos à interação verbal são, dentre outros elementos, determinados pela proeminência que, segundo Olson (1997), é definida como um indício da intenção do emissor e sinaliza o sentido do enunciado pretendido pelo falante.

¹⁸ Lira e Aguiar (2007), por exemplo, afirmam ser o parâmetro acústico mais importante para a investigação da entoação é a frequência fundamental.

A **proeminência**, que a princípio, pode estar relacionada ao léxico e à gramática do enunciado, se diferencia em discursos semelhantes, marcados por contextos diversos, pelo destaque de distribuição livre, ou seja, sílabas proeminentes em determinada unidade de tom e, em outras, não. As preferências pela sílaba proeminente estão relacionadas aos objetivos de alcançar no ouvinte a produção de certo sentido idealizado pelo falante. Mesmo diante da possibilidade de variar o local, ou seja, a(s) sílaba(s) proeminente(s) na unidade tonal, em geral, não existirá mais que duas sílabas proeminentes em uma mesma unidade tonal (BRAZIL, 1985).

Embora a sílaba proeminente esteja associada à escolha do falante e não esteja diretamente relacionada à gramática, há uma maior tendência em escolhê-la a partir da relação com a sílaba tônica. Logo, as sílabas proeminentes estão normalmente relacionadas à sílaba tônica que, segundo Brazil (1985), são subconjunto das sílabas proeminentes.

Antes de prosseguir, cabe o esclarecimento sobre a distinção entre a sílaba lexicalmente acentuada e a sílaba proeminente com base na teoria de Brazil. No português, cada vocábulo possui um acentoônico (acento lexical primário) que pode repousar sobre qualquer das três últimas sílabas, ficando a(s) sílaba(s) pretônica(s) com um peso de proeminência prosódico menor (acento secundário). Nesse contexto, a proeminência prosódica é caracterizada pelo acento frasal, o qual tem um status mais elevado que o acento lexical. Com função de coesão sintática, a superposição entre o acento lexical e o frasal, em que ambos devem recair sobre a mesma sílaba tônica determina a sílaba proeminente. À exceção disso, sobre uma sílaba lexicalmente átona pode recair o acento, desde que o falante tenha a intenção de destacá-la (LIRA; AGUIAR, 2007).

A proeminência, "indicada na relação entre sílabas forte e fracas" (SCARPA, 2000), é geralmente identificada na transcrição pelo uso de letras maiúsculas para representá-la e equivale ao acento enfático ou, simplesmente, à ênfase dada a uma determinada sílaba dentre as demais que compõem a unidade tonal. Os parâmetros duração e intensidade (nível sonoro) são os mais importantes na determinação da proeminência acentual, quando contrastado com os valores de outras sílabas presentes no discurso (LIRA; AGUIAR, 2007).

No modelo da TIE, o falante realiza uma ou duas proeminências em um determinado trecho de sua fala, ao ponto que a(s) ênfase(s) dada(s) à(s) sílaba(s) possibilita(m) demarcar

cada unidade tonal. Esta divisão em unidades tonais favorece a assimilação e expansão do contexto interativo.

A **unidade tonal**, marcada na transcrição por barra diagonal (/...../) indicativa de seu início e seu fim, representa um trecho de fala contínua que tem como um dos elementos imprescindíveis para sua determinação a pausa. Portanto, a pausa, uma interrupção do fluxo contínuo de fala, é o determinante que permite a segmentação em unidades tonais.

A segmentação do enunciado em unidades menores, denominadas unidades tonais, não ocorre unicamente por força de ordem gramatical, mas sobretudo por fatores situacionais e informativos que conduzem o falante por um caminho que possibilite ao interlocutor a compreensão do discurso. Essas unidades são planejadas no momento da interação, conforme o falante vai fazendo o movimento de subida ou descida de tons (LIRA; AGUIAR, 2007).

Em suma, para Brazil (1985), as unidades tonais são divisões da fala contínua em blocos que podem ser delimitados por pausas, marcados por uma ou duas sílabas proeminentes, as quais se caracterizam por diferentes escolhas tonais que produzem no ouvinte determinado efeito de sentido ao discurso, o qual pode não ser o único possível.

Outro item que compõe a unidade tonal, além da proeminência, é o **tom**, definido como elemento suprasegmental e pré-planejado pelo falante. Em cada unidade tonal, o falante tem a opção de usar um dentre os cinco tipos de tons descritos por Brazil (1985) para tornar enfática uma ou mais sílabas. Ao proferir o discurso usando uma dentre as opções de variações tonais, o falante contribui para que a unidade tonal seja efetivamente completa. Os cinco tons descritos por Brazil (1985) são: ascendente, descendente, ascendente-descendente, descendente-ascendente e neutro.

O **tom ascendente** (↗) identificado por seta, bem como os demais tons, também pode aparecer em algumas transcrições como (r⁺) por se tratar de um tom referente, ou seja, que aponta para a emissão de mensagens na esfera do conhecimento partilhado. O sinal (⁺) acrescido ao referente (r) indica que o falante tem domínio do enunciado.

O **tom descendente-ascendente** (↘↗), assim como o ascendente, também é um tom referente (r) por fazer alusão àquilo que é de conhecimento mútuo entre interlocutores. A diferença entre esses dois primeiros tons, o ascendente e o descendente ascendente, está em

que, embora, ambos sejam referentes (r), um tem o traço que permite identificar o falante como dominante do discurso e o outro como não dominante.

Quanto ao **tom descendente** (↘), também identificado como proclamador (p), é um tom que sinaliza a transmissão de informações novas em que o falante não tem domínio do enunciado.

No **tom ascendente-descendente** (↗↘) ou proclamador (p+), o falante é um dominador do discurso que apresenta informações que ainda não eram de conhecimento mútuo dos interlocutores.

Por fim, mais um a ser descrito é o **tom neutro** (→), o qual é muito presente em trechos hesitativos de fala, em trechos marcados pela organização discursiva para a fala e que não está relacionado à intencionalidade dos falantes, mas atrelado à questão gramatical distanciando-se da pragmática da língua.

Lira e Aguiar (2007) tomam as palavras de Viana (1992) ao sugerir que os diferentes tons descritos por Brazil fazem alusão a diferentes tipos de estruturas, interrogativas, afirmativas e negativas. Brazil defende que cada um dos tipos de tons descritos norteia o interlocutor quanto ao sentido da mensagem transmitida pelo falante.

Acrescida a esta, outra proposta de caráter pragmático-discursivo que considera o movimento da prosódia na linguagem oral é a Análise da Conversação (AC), a qual se apropria dos processos cooperativos durante a atividade conversacional como mais relevante que a análise das estruturas. A interpretação, portanto, é o ponto basilar da AC (MARCUSCHI, 1986).

2.3 A Análise da Conversação

A conversação, um fenômeno linguístico próprio do cotidiano da humanidade, é segundo Marcuschi (1986, p. 14), definida como "a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora". Dionísio (2012) define que conversação é toda forma de interação verbal existente na sociedade.

Definida, ainda, como um jogo de regras marcadas e, não raro negociadas previamente dentro dos parâmetros culturais de uma sociedade (PRETI, 1991), a conversação é um evento de fala que corresponde a uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores se ocupam em trocar ideias sobre determinado assunto. A conversação é denominada natural quando ocorre espontaneamente no dia-a-dia, entre falantes face a face, no mesmo tempo e espaço (RODRIGUES, 1993).

A AC, por sua vez, com seu caráter globalizante e dinâmico, recebe o conceito fundamental de interação, pois contempla a realidade social como sendo constantemente produzida pelos atores sociais em seus intercâmbios (KOCH, 2003).

O objetivo da AC é de descrever o comportamento verbal dos interlocutores durante a interação, visando compreender como se processa a organização do ato conversacional, com seus mecanismos apropriados (PRETI, 1991).

A linha da Etnometodologia que, segundo Marcuschi (1986), influenciou os primeiros estudos da AC em 1960, tem por premissa a ideia de que todo conhecimento é contextualizado e de que o enunciado está ligado a um contexto. Assim, desta relação com a Etnometodologia, as teorias linguísticas da enunciação, dos atos de fala, da atividade verbal, entre outras relacionadas à análise da conversação, concebem a linguagem em constante processo de construção e reconstrução pelos atores sociais, como forma de interação (RISSO; SILVA; URBANO, 2006).

A Linguística por muito tempo esteve atravessada pela ideia de que a manifestação primordial da linguagem era por meio da língua falada, seu objeto primeiro de estudos, mas somente com o advento de inovações tecnológica e o surgimento gravador portátil foi possível criar de um programa sistemático de investigação da oralidade de cunho científico (RISSO; SILVA; URBANO, 2006).

No Brasil, a partir de 1960, grupos afiliados a algumas universidades de país se mobilizaram para documentar, descrever e refletir sobre a língua falada. A América Latina antecipou-se nesse movimento científico com os trabalhos do linguista espanhol radicado no México, Juan M. Lope-Blanch, em 1964 (CASTILHO, 2006).

Dionísio (2012) aponta os americanos Harold Garfinkel, Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson como os primeiros estudiosos a voltarem sua atenção para os

estudos das estruturas da conversação e de seus mecanismos organizadores em termos de atividade social.

Posteriormente, na Alemanha, o estudo do texto falado passou a ter um caráter mais linguístico em termos de organização, dos sinais de articulação, dos marcadores conversacionais, entre outros elementos (KOCH, 2003). O pioneiro no Brasil, com esse tipo de trabalho foi Luiz Antonio Marcuschi, na década de 1980, com a publicação do primeiro livro nesta área, intitulado *Análise da Conversação*. Outros pesquisadores em diversos estados do Brasil passaram a se engajar na elaboração da parte de organização textual-interativa do Projeto Gramática do Português Falado (KOCH, 2003).

Até meados de 1970 os estudos da AC se voltaram para a descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores, firmado sobre o princípio básico de que tudo o que envolve a ação e interação social poderia ser examinado e descrito em "termo de organização estrutural convencionalizada ou institucionalizada" (MARCURCHI, 1986, p.6). Logo, a AC para os linguistas tinha o propósito de responder "como a linguagem é estruturada para favorecer a conversação" (DIONÍSIO, 2012, p. 82).

São três os níveis da estrutura conversacional, segundo Dionísio (2012) baseada em Hilgert (1989): o macronível, o nível médio e o micronível. No macronível, as fases conversacional de abertura, fechamento e parte central, assim como o tema central e os subsistemas da conversação são o foco do estudo. No nível médio são investigados o turno e a sequência conversacional, a tomada de turno, os atos de fala e os marcadores conversacionais. O micronível de estruturação da conversação é constituído por elementos internos do ato de fala, que formam sua estrutura sintática, lexical, fonológica e prosódica. Nesse estudo será investigado o elemento prosódico, que compõe o micronível conversacional.

A AC atenta para conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais partilhados durante a interação para que, esta, seja bem-sucedida (MARCUSCHI, 1986). Logo, estas noções contribuem para que a atividade conversacional seja investigada em uma dimensão que vá além da análise das estruturas e considere a interpretação como fator mais relevante nesta análise.

Dionísio (2012) reforça que a AC não analisa unicamente a produção verbal do falante. A produção não verbal, como o uso de expressões faciais, gestos, olhar, a entoação e,

mesmo, o contexto conversacional, são incorporados à análise porque são fundamentais para a construção do sentido do enunciado.

Vale frisar que, desde o início, a AC estabeleceu sua preocupação básica com a vinculação situacional, com o caráter pragmático da conversação e de toda a atividade linguística diária (MARCUSCHI, 1986).

A construção da conversa espontânea, semanticamente orientada, ocorre no momento em que os interlocutores estão elaborando e produzindo sentidos ao mesmo tempo, ou seja, os interlocutores constroem a conversação no momento da interação. Essa conversação planejada prontamente no momento em que é produzida é a denominada *conversação natural*, objeto de estudo da AC (DIONÍSIO, 2012), que é marcada por características organizacionais implícitas no ato conversacional.

2.4 A ênfase na organização da conversação: características do texto oral

O texto oral tem algumas características específicas que o diferenciam do texto escrito. Por exemplo, tem uma representação sonora de presença fugaz, por isso não permite o armazenamento de conhecimento para posterior expressão dentro de uma formalidade, como o faz a escrita (MARCUSCHI; HOFFNAGEL, 2005). Não tem uma classe gramatical específica, mas diferencia-se da escrita por seu funcionamento (MARCUSCHI, 2005). Como atividade discursiva, é complementar à escrita, ficando, algumas vezes, um pouco difícil de distinguir entre ambas (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2005).

A dificuldade em distinguir entre fala e escrita ocorre quando na prática discursiva envolvendo gêneros textuais, alguns destes se posicionam na linha limítrofe dificultando a sua classificação em uma ou outra modalidade. Um exemplo disto é o telejornal, que tem sua origem na modalidade escrita, mas apresenta-se como uma modalidade oral. Logo, “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico e não na relação dicotômica de dois pólos opostos” (MARCUSCHI, 2005 p. 61).

Os gêneros textuais, por serem sócio-históricos e variáveis, não podem ser classificados, sendo mais importante saber sua constituição e circulação social. O que se tem de concreto é a sua realização como prática social, acontecendo num *continuum* que vai da fala para a escrita, adotando características ora de uma, ora de outra. Neste *continuum*,

situam-se todas as realizações textuais, desde as consideradas mais formais até as essencialmente coloquiais. Entre as primeiras, estão as conferências acadêmicas, os relatórios científicos, entre outros. Já no segundo caso, estão as conversas face a face, os telefonemas, os bilhetes, para citar alguns (MARCUSCHI, 2008).

Ainda com base no pressuposto do *continuum* tipológico, é adequado afirmar que existem textos mais característicos da fala enquanto outros são mais característicos da escrita, mas há aqueles definidos no contínuo entre a fala e a escrita. Um exemplo é carta pessoal ou o e-mail, que mais se aproximam de uma conversa espontânea do que de um texto acadêmico.

Ao atentar para a ênfase manifesta na conversação é interessante considerar os aspectos contextuais, ou seja, elementos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais que norteiam a interação, bem como, para os elementos organizacionais, o turno, a entoação, a ênfase, a pausas e a hesitação, só para citar alguns mais característicos (MARCUSCHI, 1986).

Para a constituição organizacional da conversação, algumas características são fundamentais: que haja, no mínimo, dois interlocutores; que se envolvam em uma "interação centrada"; que ambos participem, ativamente; em algum momento da interação e que executem uma sequência de ações coordenadas em uma identidade temporal (MARCUSCHI, 1986).

A "interação centrada", da qual trata Marcuschi (1986), é aquela que representa uma atividade conversacional que ocorre mesmo quando os interlocutores não estão face a face, mas estão centrados no gênero conversação, como é o caso das conversações telefônicas. Portanto, é o envolvimento interpessoal dos participantes de um ato conversacional uma das grandes marcas de caracterização do gênero conversação (FÁVERO *et al*, 2010).

A identidade temporal, outra das características da constituição organizacional da conversação, serve para que, mesmo quando a interação ocorra entre falantes que se situam em espaços diferentes, ela possa ocorrer durante o mesmo tempo (MARCUSCHI, 1986). Assim, a nossa inferência é de que um telefonema ou a troca de mensagem textual via *WhatsApp*, quando os interlocutores estão mutuamente *online*, têm as características da identidade temporal, enquanto que mensagens de texto via SMS não têm a identidade temporal porque não ocorrem no mesmo tempo e são, por isso, mais parecidas com monólogos que com conversações.

Na conversação face a face, o planejamento e a verbalização ocorrem simultaneamente e geram descontinuidades na progressão textual. Hesitações e interrupções são fenômenos de descontinuidade específicos da oralidade que sinalizam o processamento para a emissão oral (MARCUSCHI, 2006a). Para endossar as palavras do autor, toma-se as palavras de Fávero *et al* (2010) de que é a momentaneidade comum à conversação que desencadeia hesitações, manifestas sob diferentes formas (preenchidas e não preenchidas), assaltos ao turno e interrupções.

Diferentes são as funções desempenhadas por interrupção e hesitação, a desta última, por sua vez, pode ser de ganho de tempo para planejamento/verbalização da fala. Logo, desempenha um papel cognitivo de primeira instância, indicativa de processamento para a fala (JUBRAN, 2006; MARCUSCHI, 2006a). Já a interrupção tem diferentes funções e ocorre por variados propósitos, como o de reformular o que foi dito ou inserir informações que facilitem o entendimento do que está sendo dito. As funções da hesitação e da interrupção se completam na medida em que, na tentativa de reelaborar ou acrescentar informações ao que vem sendo dito, o falante interrompe a fala e simultaneamente hesita enquanto planeja o próximo seguimento de fala (MARCUSCHI, 2006a).

A hesitação não é entendida como uma característica de disfunção do falante, mas como um fenômeno próprio dos contextos interativos orais, particularmente da conversação como afirma Jubran (2006), além disso, hesitações não tornam a fala disfluente, mas podem ter motivações para o processamento de formas e conteúdos durante a interação (MARCUSCHI, 2006a).

A hesitação não ocorre aleatoriamente, obedece aos princípios de distribuição e serve como indicação de organização sintagmática da língua produzida pela prosódia. "A hesitação é uma espécie de índice problemático da formulação e não uma atividade formulativa", é "um aspecto descontinuador da materialidade textual, mas não do discurso, ou seja, da produção de sentidos" (MARCUSCHI 2006a, p.67 e 70).

A ocorrência das hesitações se dá, em geral, em palavras curtas com uma ou duas sílabas. No caso de item lexical de difícil acesso no momento da reformulação textual para a fala, a hesitação acontece durante a produção de parte da palavra, geralmente na primeira sílaba (MARCUSCHI, 2006a). Hesitações podem surgir no final de palavras caracterizando-se como alongamentos de sílabas que, no caso, não tem função enfática.

Alongamentos, porém, podem ser usados como estratégia prosódica. Marcuschi (2006a) refere que alongamentos acompanhados de elevação do tom tem função enfática. Com base em suas investigações, percebeu que, em geral, os alongamentos são coesivos ou enfáticos e recaem sobre a sílaba tônica quando ocorrem no interior de uma palavra.

Cabe, nesse momento, fazer um esclarecimento sobre a relevância da vogal neste estudo. A sílaba, na língua portuguesa, é formada por um núcleo, a vogal, e por margens (RAPP, 2003). Uma vez que este estudo volta-se para a ênfase, o objeto de análise é, portanto, a vogal, considerando que o acento recai sobre o núcleo silábico. Essa colocação é necessária, na medida em que sinaliza ser a vogal silábica o local onde acontecem os movimentos organizacionais.

Retomando, então, a questão do alongamento vocálico, é provável que haja uma relação entre este e o ritmo. Esta relação deve-se à noção de que o ritmo tem como principal parâmetro de modificação a regulação do tempo da fala, além de contar com a influência da F^0 e da intensidade em menor proporção. Marcuschi (2006a) exemplifica esta relação ao referir que o ritmo de fala do nordestino é marcado pelo alongamento vocálico.

Além dos alongamentos, as pausas também são elementos da materialização da hesitação interpretadas como fenômeno prosódico. As pausas manifestam-se como preenchidas ou silenciosas. Marcuschi (2006a) percebeu que quanto mais espontânea for a situação comunicativa, menos serão as pausas silenciosas. Quanto à produção de efeito interpretativo, o autor percebeu também que as pausas silenciosas têm repercussão mais negativa quando o falante o faz no momento de responder que de perguntar.

Marcuschi (2006a) diferencia as pausas ao referir que "nem todos os silêncios são pausas, nem todas as pausas são hesitações". Para o autor, existem pausas que delimitam turnos, as quais aparecem nas fronteiras sintáticas marcadas entoacionalmente. Definido como "cada intervenção dos interlocutores formada pelo menos por uma unidade construcional" (DIONÍSIO, 2012, p. 91), o turno, para Marcuschi (1986), é um dos elementos nucleares da AC, que é assegurado pelo falante mesmo durante o silêncio.

O turno conversacional decorre da alternância de papéis dos interlocutores entre ser ouvinte ou ser falante (FÁVERO *et al*, 2010). Ou seja, durante a conversação os falantes se alternem entre ter a posse da palavra e não ter a posse da palavra. A noção de turno, então,

está relacionada à "vez" do participante e é entendida, no senso comum, como uma alternância entre os participantes de uma disputa, por exemplo.

A sequência de turnos é um atributo da conversação marcada pela intervenção dos interlocutores que, independentemente da extensão, pode ter ou não conteúdo informacional (FÁVERO *et al*, 2010). O falante, contudo, que tem a intenção de manter o turno, faz poucas pausas silenciosas e maior número de pausas preenchidas para não perder o turno para o interlocutor (MARCUSCHI, 2006a).

Existem atitudes indicativas do "lugar relevante" para a tomada de turno. Por exemplo, quando o falante que está de posse do turno demonstra ter concluído seu enunciado por meio de atitudes como usar entoação baixa, fixar o olhar em algum ponto por alguns instantes, pausar a fala, hesitar, esse se mostra um espaço para o interlocutor se apropriar do turno. Mas, também é comum que a tomada de turno ocorra quando o falante usa conjunções do tipo: e; mas; aí; então etc. (MARCUSCHI, 1986).

Dionísio (2012) usa o termo "assalto ao turno" para denotar a ação de tomar o turno do outro, invadir, sem este ter lhe dado pistas de que está pronto a passá-lo e sem que aquele peça o consentimento. "Os assaltos ao turno constituem uma espécie de violação de uma regra básica da conversa, que é falar um de cada vez" (p. 94). Esse tipo de tomada de turno propicia falas simultâneas e sobreposição de vozes. A tomada de turno, fenômeno regido por regras de caráter contextual e não automatizado, no Brasil é de ocorrência frequente por uma questão cultural.

As falas simultâneas e sobreposições ocorrem por uma quebra em um dos momentos, ditos "cruciais" por Marcuschi (1986), na organização da conversação, mas que, graças aos conhecimentos intrínsecos de que, quando um fala o outro cala, um dos interlocutores desiste e o outro assume o turno (DIONÍSIO, 2012). Quando, porém, há mais de quatro participantes em uma conversação pode ocorrer o "cisma", fenômeno caracterizado por conversações paralelas (MARCUSCHI, 1986).

As tomadas ou assaltos ao turno "sem deixa" são assinaladas pela falta de "lugar relevante para a transição" (LRT). Já as tomadas de turno com deixa ocorrem quando há um LRT caracterizado por pausas, hesitações, entoações descendentes, uso de marcadores etc. Tentar manter o turno é mais uma estratégia de organização conversacional em turno, caracterizada pelo desejo do interlocutor de manter-se conduzindo a interação. Nessa tentativa

usa marcadores conversacionais, faz alongamentos de vogais, eleva a voz e faz repetições silábicas e de palavras (DIONÍSIO, 2012).

A repetição, definida como "a produção de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo" (MARCUSCHI, 2006b), é uma estratégia muito comum à construção do texto oral que pode ser interpretada como interrupção ou retomada (SILVA; CRESCITELLI, 2006), por fazer parte do processo formulativo para a fala, o qual serve para introduzir, reintroduzir, manter ou delimitar tópicos (JUBRAN, 2006)

Dentre as variadas funções da repetição de item lexical como a reiteração do mesmo fato, elo coesivo e retomada, constituição de um tópico, está a ênfase (MARCUSCHI, 2006b). Para o autor, repetir a mesma palavra não significa dizer a mesma coisa, pois a retomada envolve sentidos relativos a continuidade do evento comunicativo. Essa é uma das razões para atentar para o contexto conversacional afim de perceber as marcas de ênfase.

As marcas linguísticas de cunho contextual que apontam para a ênfase se manifestam, por exemplo, por meio do uso de palavras sinônimas que remetem à repetição da palavra enunciada a primeiro momento, sendo que carregada de um efeito de sentido diverso daquele inicialmente transmitido. Um exemplo disto seria: eu estou contente com a sua vinda, quero dizer, estou muito feliz com sua vinda. Essa retomada da palavra que não se caracteriza como uma repetição é apreciada como uma estratégia enfática marcada pelo elemento linguístico.

Os elementos linguísticos geradores de ênfase, dentre outras formas, podem, ainda, se apresentar como expressões denominadas de marcadores de interatividade ou de marcador basicamente interacional (URBANO, 2006), os quais contribuem para a organização dos textos de língua falada (RISSO; SILVA; URBANO, 2006). Segundo Marcuschi (2002) de forma sintética, a interatividade é definida como um movimento que propõe envolvimento interpessoal e se apresenta na superfície do texto fazendo parte do próprio texto, ou seja, direcionado do locutor/interlocutor, com expressões ou formas linguísticas familiares a este.

Como exemplos de marcadores de interatividade temos as expressões olha/ olhe, vamos ver, veja, vem cá, ahn?, certo?, entende?, entendeu?, não é verdade?, não é?/ num é?, não?, né?, sabe?, tá?, viu?, ahn?, hem?, é?, uhn?, ah, ahn, ahn ahn, certo, claro, é, é claro, é verdade, exato, pois é, sei, sim, uhn, uhn uhn. Em alguns casos a mesma forma linguística (expressão ou palavra) desempenha funções diferentes, em outros, muitas formas

desempenham uma mesma função a depender do contexto, sendo possível, então, a mesma forma ser classificada¹⁹ como marcadores diferentes a depender da função exercida (URBANO, 2006).

Também existem marcas paralinguísticas como gestos, mímicas, movimentos corporais, sorriso etc. que, além de serem comuns à oralidade e ter o propósito de contribuir com a produção oral (MARCUSCHI, 2005), servem para contextualizar a conversação (MARCUSCHI, 1986).

Moura (2012) verificou que os recursos paralinguísticos têm forte componente de intencionalidade, que servem para facilitar o contexto interativo e fornecer elementos para a construção de sentido do discurso, portanto, podem estar diretamente relacionados ao elemento prosódico ênfase.

Por fim, e não menos importante para a organização contextual da conversação, são os dados socioculturais (MARCUSCHI, 1986), os quais podem se apresentar como indicadores da ênfase no discurso. Aspectos subjetivos influenciam a formação da identidade do sujeito e pesam sobre a capacidade do sujeito em assumir novas habilidades frente à habilidades alteradas como, por exemplo, no caso das dificuldades de escrita na afasia provocadas pelo déficit motor nos membro superior direito ou da falta da palavra, pela anomia.

Assim, o contexto conversacional é marcado por arranjos que sofrem a influência também o fator sociocultural, o qual, inclusive, reza que na afasia a características prosódicas específicas que se diferenciam da prosódia do falante sem alteração de linguagem. Veja-se, portanto, os mitos e verdades sobre a relação prosódia e afasia.

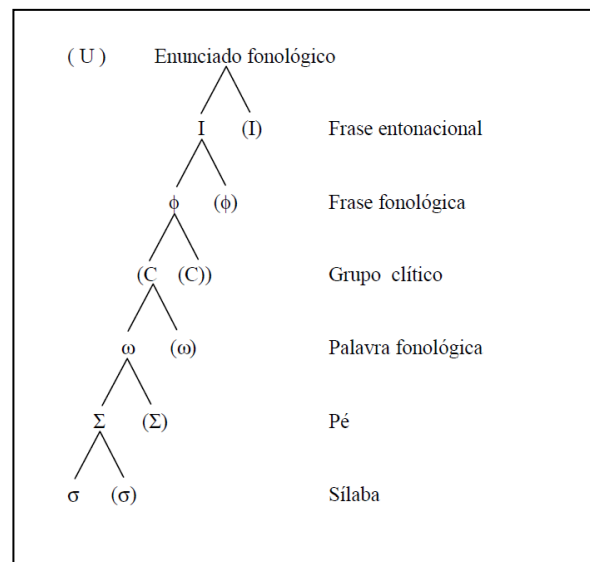
2.5 A prosódia na afasia

Antes de tratar da prosódia na alteração da linguagem, atentar-se-á para esta em fase de aquisição. Scarpa (2005) defende que na aquisição ocorre a ordem inversa à da hierarquia prosódica que observa-se na Figura 02. Assim, no percurso de aquisição da prosódia a criança faz movimentos na entonação de frases desde muito cedo, o que marca a estabilização nuclear/frasal. O acento sobre o núcleo silábico é, portanto, o ponto de referência para que a

¹⁹ Sobre a classificação dos marcadores de interatividade, consultar Urbano (2006).

criança se envolva no diálogo. Essa é uma posição que, inclusive, reforça o papel da ênfase na determinação do sentido do enunciado desde a aquisição da linguagem. Em suma, "na fala inicial, a ponte entre o som e o significado começa a ser traçada pela prosódia", pois "as crianças são sensíveis às proeminências prosódicas" (ANDRADE, 2009, p. 428).

Figura 02- Fluxograma da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986)



Fonte: Scarpa (2005).

A prosódia, apreciada como componente de coesão no enunciado, pode, em sua manifestação alterada por lesão, ser classificada em duas, aprosódia e disprosódia. A aprosódia expressiva é manifesta por uma dificuldade para expressar emoções pela falta no uso de parâmetros que determinam a prosódia. A disprosódia, por sua vez, é uma alteração decorrente de lesão neurológica que pode ocorrer em ambos os hemisférios, sendo mais frequente no hemisfério direito e manifesta-se como uso excessivo da prosódia (SOUZA; CARDOSO, 2013).

Os estudos da prosódia que a correlacionam à lateralização hemisférica classificam a prosódia em afetiva, processada no hemisfério direito, e linguística, que se processa no hemisfério esquerdo. Assim, os distúrbios da prosódia com base na relação lesão-sintoma sugerem que lesões no hemisfério direito prejudicam a prosódia afetiva e caracterizam poucas variações de F^0 , achatamento na tessitura e fala lentificada. As lesões em hemisfério esquerdo (comuns da afasia) seriam as responsáveis por dificuldades em acionar a prosódia responsável pela estruturação interna das sentenças.

Essa relação entre a lesão hemisférica e os sintomas a ela relacionados foram contestados por Scarpa (2000), por defender, com base em um estudo comparativo realizado com dois sujeitos, um afásico e um disártrico, que os domínios prosódicos superiores da hierarquia prosódica (Figura 02), exatamente nos domínios prosódicos em que se insere a entoação, encontram-se preservados, em graus variados em ambos os sujeitos.

No caso de sujeitos afásicos, população alvo deste estudo, as dificuldades prosódicas na fala parecem variáveis e não previsíveis, o que Scarpa (2001) percebe por meio da manifestação linguística de redução silábica e ressilabificação pós-lexical, que respondem pela dificuldade no acesso lexical. Para a autora, quando o afásico recorre ao nível da frase na hierarquia prosódica tem o propósito de sanar as dificuldades com acesso lexical, porém faz ajustes que nem sempre são adequados, surgem, então, rearranjos entoacionais do enunciado em que as frases fonológicas são elevadas para frases entoacionais. Isto é, usa-se a entoação como um caminho alternativo para atingir o efeito de sentido que cabe na troca interativa.

As parafasias e simplificação na estrutura silábica também são soluções rítmicas na estrutura métrica acima do nível da palavra que aparecem como outros resultados dos problemas de acesso lexical do afásico (SCARPA, 2001). Contudo, nesses ajustes de dificuldades não previsíveis na fala há um movimento de manutenção de elementos prosódicos que viabilizam a preservação do efeito de sentido.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3. Introdução

Este capítulo está organizado de forma a descrever os materiais e os métodos empregados para analisar e discutir sobre os dados que compõem o *corpus* deste estudo. Na seção 3.1, é apresentado o Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco, local onde as interações entre afásicos e pesquisadores geraram os dados aqui investigados. Na seção 3.2, estão descritos a população do estudo e os critérios de inclusão dos sujeitos participantes. Em 3.3, são apresentados e caracterizados os sujeitos afásicos participantes do estudo. A seção 3.4 menciona brevemente o tipo do estudo descrito. Na seção 3.5, há uma descrição do período de referência da coleta dos dados. A seção 3.6 trata do método de coleta dos dados. Em 3.7, o método utilizado para analisar os dados é detalhado. Por fim, na seção 3.8, são apresentadas as considerações do ponto de vista ético referente ao estudo aqui descrito.

3.1 O Grupo de Convivência de Afásicos

O Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco foi fundado no ano de 2004 pela Fonoaudióloga e Doutora Maria Lúcia Gurgel da Costa, atualmente Professora Associada da Universidade Federal de Pernambuco no Departamento de Fonoaudiologia e àquela época, professora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Católica de Pernambuco.

A primeira experiência do trabalho em grupo com os afásicos esteve calcada na cultura e dança, com base em uma experiência prévia vivenciada pela fundadora do grupo. Não sendo bem incorporada pelos sujeitos afásicos que frequentavam o grupo, a proposta de cultura e dança foi reformulada, e em 2005 os encontros passaram a ser voltados para uma atividade discursiva vivenciada entre afásicos e pesquisadores e, em paralelo aconteciam encontros com

um grupo de familiares das pessoas afásicas que eram acompanhados por dois profissionais, um fonoaudiólogo e um psicólogo, havendo, em algumas circunstâncias, a intervenção de um terapeuta ocupacional em casos que implicavam no uso de Sistemas de Comunicação Alternativa.

Atualmente, coordenada pela Prof^a Dr^a Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo, as reuniões do Grupo de Convivência de Afásicos (GCA) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) ocorrem uma vez por semana, toda quinta-feira, com duas horas de duração, no horário compreendido entre as 14 e as 16 horas, no Laboratório de Linguagem, situado no 7º andar do bloco G4 da UNICAP, localizada na cidade do Recife.

As reuniões, que não têm características de sessões terapêuticas, são instituídas de modo a favorecer a organização da linguagem verbal e não verbal por meio de interações entre os sujeitos afásicos, os pesquisadores e os familiares. Planejados, os encontros do grupo são distribuídos em três momentos: as notícias da semana, a atividade discursiva e a hora da dinâmica.

Num primeiro momento, após se acomodarem e se cumprimentarem, os participantes do GCA da UNICAP conversam sobre as notícias apresentadas na mídia impressa, na internet e na TV durante a semana em curso. Nesse momento, os afásicos, além de apresentarem a notícia tal como transmitida pelos meios de comunicação, também emitem suas opiniões quanto ao tema exposto.

O momento da atividade discursiva é coordenado por um dos pesquisadores participantes do grupo encarregado dessa atividade a cada semana. A atividade discursiva ocorre sob o viés de uma proposta mais direcionada para o trabalho de reorganização da linguagem. Assim, são estimuladas não apenas a fala, aí incluída a prosódia, parte constitutiva dela, e a escrita, mas também, a memória, a expressão corporal, dentre outros.

Por fim, e não menos importante, há um instante em que são realizadas algumas dinâmicas que fazem das reuniões um encontro descontraído e socialmente atraente para os sujeitos afásicos que, em geral, são circunstancialmente silenciados e excluídos. Nesse instante, o jogo de força, o jogo da memória, o jogo de mímica são realizados, mas, o mais frequente são as festinhas e celebrações coordenadas pelos próprios afásicos.

Além dessas atividades realizadas a cada encontro, há, também, os passeios que extrapolam as paredes da universidade, o local físico e oficial de encontro do grupo, e também caracterizam esse como um grupo em que os sujeitos não apenas se encontram, mas formam um espaço de convivência entre sujeitos que se identificam mutuamente.

3.2 Critérios de inclusão dos participantes do estudo

O GCA da UNICAP, durante o período de coleta dos dados para esta pesquisa, contou com a frequência, não constante, de cerca de dez afásicos. A frequência é dita não constante porque, a cada encontro, a quantidade de participantes das atividades do grupo variava entre cinco e sete sujeitos afásicos.

Os critérios para a escolha dos informantes foram: fazer parte do GCA da UNICAP; apresentar diagnóstico neurológico de afasia; ter menos prejuízos no campo da compreensão que no campo da expressão da linguagem e ser adulto com idade entre 18 e 65 anos, evitando, com isso, incorrer no envolvimento de outras degenerações neurológicas próprias da senilidade associadas à afasia.

Assim, participaram diretamente deste estudo quatro sujeitos afásicos, sendo três do sexo masculino e um do sexo feminino, selecionados com base nos critérios de inclusão. Durante o período de coleta dos dados, os demais participantes do grupo, que não participaram como informantes deste estudo, manifestaram-se livremente e em alguns momentos contribuíram, mesmo que indiretamente, por meio de suas colocações, intervenções e conversações com os participantes da pesquisa.

Os afásicos que foram excluídos da pesquisa não passaram por nenhum tipo de situação de diferenciação. As únicas situações de distinção entre informantes e não informantes foram no momento de assinatura do termo de consentimento, em que ficou claro que uns contribuiriam com seus dados de fala enquanto outros não e durante as escutas dos dados gravados, ocasião em que selecionávamos os trechos de fala com predominância da exposição dos informantes da pesquisa.

3.3 Os sujeitos participantes da pesquisa

3.3.1 O sujeito afásico EAC

O EAC, do sexo masculino, com cinquenta e quatro anos de idade, é casado e tem duas filhas do primeiro casamento, sendo que uma de suas filhas faleceu há cerca de quatro anos atrás. É avô de quatro crianças, sendo duas do sexo masculino e duas do sexo feminino, um casal de crianças de cada uma das filhas.

Concluiu apenas o ensino fundamental I e atuou profissionalmente como auxiliar de pintor até o tempo que, devido ao Acidente Vascular Encefálico (AVE), teve de se aposentar por invalidez. Apesar de não ter condições para voltar ao mercado de trabalho, o senhor EAC não é um homem desmotivado. Segundo seus relatos, atuou na construção de sua própria casa como auxiliar do pedreiro; além disso, a esposa relata que ele a ajuda bastante nos afazeres domésticos, inclusive no preparo dos alimentos; assim, não fica ocioso. Nos momentos vagos, gosta de ouvir música e de assistir TV.

No mês de novembro do ano de 2010 sofreu um AVE que, numa primeira avaliação, poderia estar relacionado a um forte aborrecimento vivenciado, segundo relata a esposa. Contudo, as investigações médicas justificam que a lesão cerebral foi decorrente de um coágulo cerebral.

Com histórico de hipertensão e fazendo acompanhamento medicamentoso para controlar a pressão alta, àquela época o senhor EAC já tinha passado por duas cirurgias cardíacas para a colocação e troca da válvula mitral. Uma terceira cirurgia ocorreu no ano de 2012. Desde então, sua frequência ao cardiologista e disciplina no uso da medicação são constantes.

Por ocasião do AVE, ficou sem falar e passou imediatamente a receber acompanhamento fonoaudiológico. Decorridas vinte sessões pagas pela empresa, passou a custear outras sessões subsequentes, mas diante de seu estado de melhora na fala e por achar caro manter o tratamento, a esposa de EAC afirma ter suspenso o acompanhamento fonoaudiológico e ter procurado uma outra alternativa de estimular seu desenvolvimento de fala. Foi daí que teve conhecimento do GCA da UNICAP, no qual participa assiduamente até o tempo atual.

As investigações fonoaudiológicas atuais revelam que EAC se situa dentro de um quadro sintomático de afasia com distúrbio de contiguidade, em que a maior dificuldade está em combinar unidades linguísticas mais simples em unidades mais complexas. Além disso, a leitura e a escrita parecem estar mais prejudicadas que a oralidade, porém, não se sabe ao certo se essa falta de habilidade em leitura e escrita está relacionada à sua baixa escolarização.

Durante os encontros do grupo, o que se percebe é que, mesmo com maior habilidade em falar, EAC sente dificuldade em tomar a iniciativa no discurso. Realiza bastante sobreposições de vozes, por ter uma tendência em repetir parte do enunciado do outro. Entoacionalmente, tem preferência pelos tons descendentes alusivos a estruturas afirmativas ou negativas. Geralmente, também comete muitos assaltos aos turnos caracterizados por uma tentativa de não perder da mente a palavra, assim, expressa por meio de palavras isoladas o valor semântico de uma frase.

Quanto ao aspecto motor, o observador corriqueiro de EAC não percebe comprometimentos de mobilidade. Há, contudo, o relato de uma falta de força muscular do lado direito e de eventos de dor intensa na perna direita acompanhada de dificuldade na locomoção.

3.3.2 O sujeito afásico FANC

O sujeito **FANC**, do sexo masculino, com sessenta e um anos de idade, é casado e teve cinco filhos, sendo três do primeiro casamento e dois do segundo casamento. Atualmente, quatro desses filhos (todos do sexo masculino) estão vivos e sua única filha faleceu de morte súbita em abril de 2015. Quanto à escolarização, FANC concluiu quinta série do ensino fundamental, atualmente denominado de quarto ano. Aposentado por tempo de serviço, trabalhou como caminhoneiro, sua profissão, viajando entre os estados da região Nordeste brasileira.

Conforme informações concedidas pela esposa, FANC, atualmente, passa a maior parte do tempo em casa. Em alguns momentos, à tarde vai sentar na calçada em frente de casa, ocasião em que dialoga rapidamente com alguns vizinhos. Sua atividade favorita é dirigir, embora o faça minimamente, quando vai à casa do pai ou para ir aos encontros do GCA. Nas festas promovidas pelo grupo sua atividade preferida é dançar.

Sempre foi um sujeito bastante assíduo e animado na participação do GCA, mas no período da coleta dos dados estava bem cabisbaixo e faltoso aos encontros, provavelmente devido a mudanças em sua vida e rotina. Diariamente dirigia um veículo da família em companhia do filho mais novo, mas com a venda de um comércio da família essa atividade deixou de ser necessária. Além disso, um parente seu desapareceu e não tornou a aparecer durante meses. Tudo isso parece ter abalado o emocional, a relação com os outros e o humor de FANC, provocando, assim, inúmeras ausências ao GCA durante o segundo semestre de 2014.

No mês de maio de 2008, em uma de suas viagens de trabalho, sofreu o primeiro AVE enquanto estava na cidade de Salvador-BA. Foi para a emergência hospitalar sozinho e após vinte e quatro horas do ocorrido colocou a carga no caminhão e voltou para Recife. Em menos de uma semana do primeiro AVE sofreu o segundo, já em casa, e com cerca de 3 dias sofreu o terceiro. Com histórico de hipertensão e diabetes, foi relatado que o senhor FANC fazia uso dos medicamentos prescritos pelo médico associado ao consumo de bebida alcoólica, mesmo que de forma esporádica.

Investigadas as causas dos múltiplos AVEs, foi recomendado que FANC fosse submetido a um cateterismo para a desobstrução da carótida, pois, possivelmente, era essa a causa dos Ataques Isquêmicos Transitórios (ATI), também conhecidos como mini-AVEs. Na ocasião do procedimento, dia 23 de julho de 2008 ocorreu um AVE isquêmico que o deixou com sequelas motoras do lado direito do corpo e alterações de linguagem.

As investigações fonoaudiológicas atuais revelam que FANC apresenta distúrbio da similaridade com maiores dificuldades na seleção de palavras, dependendo, portanto, do contexto, para o prosseguimento da atividade verbal. Seus comprometimentos de linguagem são maiores na leitura em voz alta e escrita. A leitura silenciosa precisa ser melhor investigada, pois verificou-se que, diante desta, frases curtas e palavras isoladas são reconhecidas e compreendidas durante as atividades desenvolvidas no grupo. A compreensão, portanto, parece bem preservada.

Na oralidade são verificadas a ocorrência de parafasias, neologismos, estereotípias e anomias, há também uma redução da iniciativa para falar. Quanto aos elementos prosódicos em sua fala, ocorrem hesitações, alongamentos vocálicos e um padrão entoacional marcado por um timbre vocal uma frequência fundamental mais baixa que pode estar relacionada aos

seus sentimentos, atitudes e intenções, pois, segundo Alves *et al* (2009), é provável que o falante transmita suas emoções e atitudes por meio de seu padrão entoacional.

Quanto ao aspecto motor, FANC tem um comprometimento motor do lado direito do corpo que afeta o movimento e força dos membros superior e inferior, que é característico de uma hemiparesia, o que dificulta consideravelmente sua habilidade de escrever e, mesmo de dirigir, esta última uma de suas atividades preferidas.

3.3.3 O sujeito afásico JFB

JFB, também do sexo masculino, tem sessenta e um anos de idade, é casado e tem uma filha que, atualmente, é casada e mora em outro estado do país. Concluiu o primeiro grau de escolaridade e é aposentado por tempo de serviço com a profissão que desempenhou durante sua vida, operador de máquinas de refrigeração. Nos momentos livres, gosta de ir para a casa dos familiares, de viajar, de caminhar e todos os dias vai à academia praticar exercícios físicos. Bastante bem-humorado, gosta de falar e fazer amigos por onde passa. Quanto aos afazeres domésticos, não se sente bem à vontade. A única coisa que faz para ajudar a esposa é lavar os pratos.

Sofreu o AVE logo no início de 2013. Segundo o relato de sua esposa, JFB vinha passando por uma sucessão de aborrecimentos no trabalho (mesmo aposentado ainda exercia a função de operador de máquinas de refrigeração) quando, em um determinado dia, ao tentar sair de casa, parou em frente ao portão e não conseguiu abri-lo devido uma dormência no braço direito, estando, nessa ocasião, sozinho na companhia de sua cachorrinha de estimação.

Depois do AVE, passou a tomar vários medicamentos para controle da pressão arterial e outros problemas associados. Além do uso de medicamentos, atualmente se consulta regularmente com o neurologista, com o cardiologista e, em dias diferentes, frequenta dois grupos de afásicos existentes na cidade de Recife. Por prevenção, também faz consultas a outras especialidades médicas.

JFB, durante a conversação, apresenta distorções na produção das palavras. Distorções estas, que se manifestam como parafasias fonológicas e que são produzidas com manutenção do padrão prosódico da palavra alvo. Diante disto, as investigações fonoaudiológicas atuais revelam que JFB se situa dentro de um quadro sintomático de afasia com distúrbio de similaridade, uma vez que sente bastante dificuldade em selecionar a palavra a ser usada em

determinado contexto. É por essa razão que durante a anomia ou fala distorcida o contexto serve de facilitador para que o interlocutor alcance o significado no discurso.

Os comprometimentos de linguagem são maiores na leitura e escrita que na oralidade. Apesar de ter poucos anos de escolarização, JFB, segundo a sua esposa, sabia ler e escrever antes do acidente vascular cerebral. Assim, o fato de atualmente resistir à leitura e, sobretudo, à escrita, não se deve ao fato de não fazer uso dessa modalidade em seu cotidiano previamente ao AVE, mas a uma maior dificuldade na organização da modalidade escrita de uso da língua. Tem facilidade em dialogar, em manter o turno, em tomar a iniciativa no discurso oral. Apresenta várias hesitações e um ritmo de fala que se caracteriza como mais acelerado que o comum, mas isso não compromete a inteligibilidade de fala desse informante.

Do ponto de vista prosódico as hesitações, os prolongamentos, os falsos começos presentes na fala de JFB são, na verdade, segundo algumas vertentes de pesquisadores que tratam da disfluência na fala, elementos da fala adulta que, segundo Scarpa (2014), não ocorrem aleatoriamente, mas ocupam determinados espaços na hierarquia prosódica.

Interpretada sob diferentes perspectivas, a disfluência na visão Fonética é contemplada como complementar à fluência, fazendo parte natural da dinâmica da fala e não desvio de produção de fala. Já sob a ótica da Linguística Textual, são estratégias usadas pelos falantes na construção de seu texto oral e que, portanto, são elementos próprios da construção da fala. Neste estudo, seguindo Scarpa (1995; 2014), as disfluências características da fala do afásico são interpretadas com base na Análise do Discurso em que é vista como indício das diferentes relações que o sujeito estabelece com a língua. Assim, as disfluências não são apreciadas como patológicas ou desviantes, mas como um recurso do qual o sujeito lança mão com o propósito de planejar, organizar e expressar sua linguagem.

A mobilidade de JFB está recuperada após as sessões de Fisioterapia, mas a sua força corporal está comprometida, segundo ele.

3.3.4 O sujeito afásico MAF

MAF, do sexo feminino, com cinquenta e seis anos de idade, com histórico de uso excessivo de cigarro, chegou ao grupo em 2013 com o diagnóstico de Acidente Encefálico Isquêmico, após realizar um procedimento de cateterismo para tratar de um aneurisma,

ocorrido no ano de 2011, o que a deixou com um quadro sintomático de afasia, confirmado por meio de diagnóstico neurológico e fonoaudiológico.

MAF é divorciada, tem dois filhos, sendo um rapaz e uma moça. Concluiu o terceiro grau de escolaridade com a graduação em análise de sistemas e atuou profissionalmente em sua área até a data do AVE. Atualmente, ainda não tem direito a aposentadoria, por isso vive do benefício do Ministério da Previdência Social e necessita periodicamente passar por perícias para assegurar o recebimento de sua renda.

Gosta de cultivar flores, especialmente orquídeas, em seus momentos ociosos. Cuida dos afazeres domésticos, vai às compras, passa instrução para os filhos (adultos), apresentando assim, essa característica pouco peculiar aos afásicos de ser bastante independente em suas atividades.

As investigações atuais revelam que MAF apresenta um quadro sintomático de distúrbio de contiguidade caracterizada pela diminuição na elaboração de frases tanto em termos de extensão quanto de variedade, com comprometimentos na linguagem oral e na linguagem escrita. Como a maioria dos afásicos participantes do GCA, MAF prefere se comunicar oralmente. Apresenta um pouco de dificuldade na nomeação apoiando-se na própria escrita como recurso para capturar as informações desorganizadas, contudo, apresenta maior resistência às práticas de leitura e da comunicação por vias da escrita.

Tem dificuldade em ser compreendida por apresentar uma desestruturação fonética associada a uma nasalização, o que compromete, em situações de fala paralela e de ansiedade para se expressar, a sua inteligibilidade de fala. Contudo, em ocasiões de conversação em que o número de participantes é menor, em que lhe é conferida a vez para falar e a escuta, articula melhor os fonemas realizando, apenas, repetições, inserções e alto correções que são estratégias da fala corrente, não ensaiada, comuns a todos os falantes em geral, conforme Scarpa (2014).

As diferenças entre as marcas disfluentes da fala de afásicos e não afásicos, como a hesitação, por exemplo, longe de serem consideradas patológicas são aqui tomadas como próprias da organização mental para a produção do discurso em ambos os grupos. Essas marcas ocorrem, porém, em maior proporção (e isso não quer dizer excessivamente) na fala do afásico do que na fala de seu interlocutor, como é possível perceber nos recortes descritos ao longo deste estudo e, embora, sejam notadas pelos interactantes não são interpretadas como

anormalidades, assim como ocorre nos diálogos entre falantes não afásicos (VISCARDI, 2012).

As averiguações das participações em grupo indicam a preservação da memória, havendo esquecimento, apenas, de episódios correlacionados ao período do AVE e que, semântica e leitura silenciosa também estão preservadas.

Quanto ao aspecto motor, MAF parece nunca ter tido comprometimento, embora relate ainda apresentar falta de força muscular do lado direito, mesmo após o reestabelecimento dos movimentos recuperados após a realização das sessões de Fisioterapia.

3.4 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo com quatro sujeitos portadores de afasia. A pesquisa é do tipo transversal e descritiva, uma vez que se propõe a descrever a produção de fala de afásicos, através da identificação de pistas prosódicas, em um momento seccional de reorganização da linguagem.

Voltado para a investigação e análise da ênfase na conversação do afásico, este estudo se embasa na abordagem interativo-discursiva, seguindo Marcuschi (1986). Por se tratar de dados naturalísticos, resultado de conversações espontâneas que ocorrem entre sujeitos que convivem e pertencem a um grupo (no caso, o Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco), adota-se os princípios da Análise da Conversação como base para a análise interpretativa dos dados.

Marcuschi (1986) entende que o partilhamento entre os elementos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais, que contribuem para que a interação seja bem-sucedida, afeta os processos cooperativos na atividade conversacional, indo além da superfície estrutural, assim, mais do que por decisão de organização, as conversações são decisões interpretativas dos interlocutores que decorrem, dentre outros aspectos, de informações contextuais e semânticas de construção mutua. Sobre essa premissa nos apoiamos na determinação do tipo de estudo.

3.5 Período de referência

O período de coleta dos dados que compõem o *corpus* deste estudo foi de oito meses corridos, compreendidos de junho de 2014 a janeiro de 2015.

Alguns afásicos aproveitam o recesso de atividades acadêmicas dos meses de julho e janeiro para passarem mais tempo próximo de seus familiares, mas a maioria dos sujeitos ficam em suas casas, ociosos, silenciados, pois esse período não coincide, necessariamente, com os períodos de férias de seus familiares.

Assim, a coordenação do grupo em acordo com os participantes afásicos e não afásicos nem sempre suspende os encontros e atividades nos meses de recesso acadêmico, por entender que uma parada pode alterar o ritmo e comprometer a dinâmica do grupo.

3.6 A coleta dos dados

Foi realizado um contato inicial com a coordenação do Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP para solicitar a autorização da participação da pesquisadora nos encontros semanais do grupo.

Após autorizada a participação da pesquisadora e instituídos os contatos iniciais que favoreceram o estabelecimento da relação com os participantes do grupo, os sujeitos afásicos foram convidados, juntamente com seus familiares, a receber informações quanto aos objetivos do estudo. Nessa ocasião, foram esclarecidas as dúvidas, pela pesquisadora, e conferido o consentimento, por parte dos afásicos, para a pesquisa e, daí, iniciou-se a coleta dos dados para este estudo.

Baseando-nos nos critérios de inclusão, foram selecionados os quatro informantes do estudo. O critério da idade foi o determinante dos sujeitos que seriam informantes diretos para esta pesquisa porque, embora no grupo tivessem afásicos com idades próxima dos quarenta anos, a grande maioria tinha idade além da determinada nos critérios de inclusão (65 anos). Logo, mesmo sem haver manifestação de demências ou de degenerações senil nos sujeitos participantes do grupo com idade acima de sessenta e cinco anos, mantivemos o critério idade, embora concordamos que este limite de 65 anos precisa ser revisto no caso de futuras pesquisas, pois a qualidade de vida do idoso tem aumentado cada dia com as manifestações

degenerativas da senilidade cada dia mais tardia.

Assim, os afásicos que não foram selecionados para a pesquisa, mas que continuam sendo participantes do GCA têm suas falas apresentadas em alguns trechos da análise porque a coleta dos dados, durante as atividades do grupo, ocorre em meio às interações entre os sujeitos afásicos e os demais participante do grupo, que são: pesquisadores (discentes de Letras, Fonoaudiologia, Mestrado em Ciências da Linguagem, Doutorado em Linguística, docentes do curso de Fonoaudiologia e do Mestrado em Ciências da Linguagem); e, em algumas ocasiões, familiares dos afásicos.

Os dados foram gravados durante as interações em ambiente sem tratamento especial ou anti-ruído. Para as gravações em áudio foi utilizado o gravador de voz do modelo *Mp4 Player Sony 2gb*. As gravações em vídeo foram feitas com a utilização de Filmadora *Handycam Sony SD DCR-SX20K 50x Zoom óptico*. Após gravados, os dados foram submetidos a programas com a finalidade de transformá-los na extensão de Mp4 para WAV para se tornar compatível com o software utilizado na análise acústica. Assim, as gravações de áudio foram convertidas no programa WAV Converter Setup e as de vídeo no programa a Tube Catcher.

O material de fala, resultante das interações conversacionais entre os afásicos e os participantes do grupo, dos vinte e sete encontros gravados gerou uma média de vinte e sete horas ou mil seiscentos e vinte minutos de conversação, se considerarmos que nem todo o tempo do encontro (duas horas), em algumas circunstâncias, foi gravado.

Devido à grande quantidade de dados, por um lado, e a ininteligibilidade de muitos dados, por outro lado, ocasionada pelo excesso de ruído ambiental ou resultado de falas paralelas, foram feitas transcrições apenas dos episódios conversacionais analisados, os quais estão expostos na tese. Essas transcrições, contudo, não descaracterizam a conversação, pois consideram, além do contexto, a abertura e fechamento de um tópico. Inicialmente, as conversações foram transcritas sem o uso de pontuação ou qualquer marcação referente à prosódia; foram usadas apenas palavras ou letras referentes aos sons proferidos.

3.7 A análise dos dados

As escutas e transcrições das gravações das conversações entre afásico-afásico,

afásico-pesquisador e afásico-outro (familiares, outros pesquisadores participantes do grupo) permitiram a identificação de situações em que poderia existir o uso de recursos prosódicos na organização discursiva dos sujeitos participantes da interação. Daí, foram realizados recortes e as falas foram transcritas ortograficamente, conforme propõe Marcuschi (1978-1999).

As informações de natureza prosódica foram incorporadas a transcrição a partir de um modelo criado em diálogo entre a Teoria Interacional da Entoação (TIE) de David Brazil (1985) e da Análise da Conversação (AC) de Luiz Antônio Marcuschi (1986), conforme se observa no Quadro 01, com o objetivo de investigar, sobretudo, o elemento prosódico ênfase.

Quadro 01- Elementos usados para a transcrição, baseados na TIE e na AC.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Indicação dos falantes	Os falantes são indicados com siglas convencionais ou letras	FGS P20
Falas simultâneas	[[	B: [[mas o que foi A: [[o que aconteceu foi
Sobreposição de vozes	[	F: isso...[você não C: [eu vou
Pausas	/	B: Não / isso é errado D: Errado /é duro
Segmentos incompreensíveis	()	P: Vamo pessoal...temo que entrar logo ... () mundo
Padrão entoacional	Ascendente, r ⁺ ou ↗	/ ANH /
	Descendente, p ou ↘	/ [LARga tês HOra /
	Ascendente-descendente, p ⁺ ou ↗↘	/ cuiDAdo não / su SAbE /

	Descendente-ascendente, r ou 	 / por QUE /
	Nível, ° ou 	 / é /  /
Proeminências/ ênfase	SÍLABA MAIÚSCULA	BOM
Unidades tonais	/.../	
Cadeias tonais	//...//	
Comentário do analista	(())	((tossindo)), ((sorrindo))

As normas para a transcrição nos moldes da AC e da TIE conjuntamente em um modelo único, apresentadas no Quadro 01, surgiu da necessidade de elaborar um quadro para a transcrição composto por elementos que facilitassem o entendimento do leitor, ao deixar a transcrição visualmente mais limpa, sem elementos repetidos e com todos os elementos indispensáveis para buscar atingir aos objetivos do estudo.

A decisão por selecionar elementos dos modelos de transcrição da AC e da TIE, teve por premissa a afirmação de Marcuschi (1986, p. 9) de que não existe "a melhor transcrição" pois, para ele, nenhuma é perfeita e "todas são mais ou menos boas". O ideal é que o analista atente para que o modelo de transcrição escolhido cumpra os objetivos de seu estudo e facilite a compreensão do leitor, passos que foram seguidos para a elaboração do modelo de transcrição a ser usado nesta tese.

Um exemplo que reforça a escolha pela elaboração de um modelo próprio e não sobrepor o modelo da AC ao da TIE é o caso das marcações de sinais prosódicos de entoação que se diferenciam, apenas, pelos símbolos, mas preservam o conceito. Na AC de Marcuschi (1986) a entoação é sinalizada como (") para subida rápida, (') para subida leve e (,) para descida leve, já na TIE de Brazil (1985) os sinais são: () ascendente; () descendente; () ascendente-descendente; () descendente-ascendente e () neutro. Assim, em lugar de duplicar a informação e trazer possibilidades diferenciadas de marcação entoacional

na transcrição, a preferência foi pela escolha de elementos de uma das teorias que melhor sinalizasse os elementos prosódicos na fala para compor o modelo a ser usado neste estudo, conforme se observa no Quadro 01.

Feita a transcrição dos dados passou-se à etapa da investigação da ênfase. Brazil (1985) refere que em toda unidade tonal existe, no mínimo, uma sílaba proeminente, o que a torna acentuada e enfática diante das demais sílabas, contudo, a proposta deste estudo não é de investigar a ênfase por si só enquanto elemento prosódico pura e meramente de organização gramatical do texto oral, mas como um elemento que recebe a influência de fatores situacionais e pragmáticos que sinaliza sentidos diversos na fala. Logo, a escolha da palavra para a análise da ênfase na conversação foi a associação entre a sensação psicoacústica de sílaba proeminente em pretônica e a repetição da palavra no mesmo dado discursivo.

No contexto da conversação, a palavra psicoacusticamente interpretada como a portadora da ênfase discursiva tinha seu áudio recortado no programa Free Audio Editor 2015 de maneira a ser a única selecionada dentro da frase para ser submetida à análise acústica por meio do software PRAAT, ferramenta computacional de domínio público utilizada na análise acústica de dados de fala, desenvolvida pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, da Universidade de Amsterdã, em que é possível fazer gravação de sinal sonoro em formato digital, análises acústicas, síntese articulatória e análise estatística.

3.8 Seleção de dados analisados acusticamente

Foram feitas dez transcrições de trechos de conversação com tempos distintos de gravação compreendidos entre segundos até poucos minutos. Esses trechos são apresentados no capítulo IV com recortes das conversações ocorridas em momentos diversos dentre os vinte sete encontros em que foram coletados os dados.

Em cada um dos recortes verificou-se que algumas palavras, que tivessem sido proferidas e retomadas, uma ou até duas vezes, apontavam a ênfase, nosso objeto de investigação. Verificamos que a retomada, pelo afásico, de algumas palavras, em contextos de auto-repetição, ou mesmo auto-correção, poderia servir como pistas ótimas para a interpretação de ênfase. De fato, na análise de tais pares de palavras, verifica-se que o

“reparo” feito pelo sujeito afásico, talvez buscando ser melhor compreendido, poderiam ser um recorte metodológico bastante relevante ao que buscávamos: dados em que a ênfase era expressa pela variação prosódica. Assim, foram dez o número de palavras diferentes recortadas dentro de diálogos, submetidas a análise espectrográfica utilizando o software PRAAT, como veremos no capítulo IV.

As dez diferentes palavras, contudo, se desdobraram em vinte e sete dados, ou seja, vinte e sete emissões diferentes. Por exemplo, quando a palavra alvo era amendoim e o sujeito a emitiu mais outras duas vezes de diferentes maneiras como, amedoim e amedidoim, foi possível por meio de uma palavra (alvo, no caso) gerar três dados a serem analisados acusticamente no PRAAT. Portanto, são vinte e sete o número de figuras de espectrogramas gerados, analisados e discutidos.

Separadas silabicamente no PRAAT, as palavras tiveram o seu centro silábico, a vogal, como ponto focal da observação para a verificação da ênfase, por meio da investigação da forma de onda pelo contorno da frequência fundamental (F_0), da intensidade e a duração da sílaba. Depois de feita a análise acústica individual de cada palavra emitida (amedoim, amedidoim, amendoim) foi feita a análise contrastiva entre ambas na relação com a palavra alvo (amendoim).

Em suma, o percurso desde a coleta até a discussão dos dados pode ser assim sintetizado:

- gravação de áudio/vídeo durante os encontros do grupo;
- conversão do áudio/vídeo de Mp4 para WAV;
- escuta e seleção de trechos a serem analisados;
- transcrição ortográfica de trechos selecionados;
- escuta do trecho transcrito com atenção aos elementos prosódicos;
- transcrição impressionística dos dados prosódicos;
- seleção das palavras ditas e retomadas;
- análise acústica de cada emissão no PRAAT;

- confronto entre as palavras ditas em primeiro momento e a(s) retomada(s) da(s) palavra(s);
- Discussão dos dados.

3.9 Parecer ético

O projeto para a pesquisa dos dados que compõem o *corpus* da tese foi encaminhado ao sistema da Plataforma Brasil que, por sua vez, o direcionou ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba - CEP/CCS.

Aprovado por unanimidade na quinta reunião do ano de 2014 que foi realizada no dia 22/05/2014, o projeto de pesquisa protocolado sob o nº 092/14 recebeu a autorização conforme o registro CAAE: 24416114.6.0000.5188.

Mediante aprovação, foram apresentados os objetivos e a metodologia da pesquisa aos sujeitos afásicos, que potencialmente poderiam participar como informantes do estudo, e a seus familiares. Após sanadas todas as dúvidas pelo pesquisador, os participantes da pesquisa assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice A), de acordo com o modelo proposto pelo referido comitê de ética, ofertando, assim, seu consentimento para a exposição do estudo ao meio científico e recebendo em troca a seguridade de que será mantida a privacidade de sua identificação enquanto sujeito participante da pesquisa.

CAPÍTULO IV

OS DADOS ANALISADOS

4. Introdução

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa, mediante a exposição dos dados, por meio de recortes de trechos de conversações coletadas durante as atividades realizadas no GCA da UNICAP, no período compreendido entre junho de 2014 e janeiro de 2015.

Conforme as recomendações de Dionísio (2012) e Marcuschi (1986), o *corpus* que compõe este estudo se constitui de conversações que, embora "provocadas" - porque, em algumas ocasiões, os afásicos não falam espontaneamente, sendo preciso oferecer-lhes um estímulo por meio do levantamento de uma temática ou de um questionamento que desencadeie a conversa - são conversações naturais, uma vez que ocorrem entre mais de um falante, em um tempo e espaço e, a partir do estímulo, prosseguem espontaneamente.

Gravados em áudio e/ou vídeo no momento em que ocorreram, os dados estão transcritos em um modelo que tem por base os elementos da Análise da Conversação (AC) de Marcuschi (1986) e da Teoria Interacional da Entoação (TIE) de Brazil (1985), como vimos no capítulo III, mantendo a maior fidedignidade possível ao texto original.

As discussões desenvolvidas buscam realçar os elementos prosódicos usados pelos informantes da pesquisa, bem como apresentar mais especificamente os trechos de fala destacados pelo elemento prosódico "ênfase" de maneira contextualizada na conversação sobre a ótica da AC em diálogo com a TIE e submetidos à análise acústica por meio do software livre PRAAT.

Os resultados e as discussões dos dados conversacionais transcritos e apresentados em recortes serão precedidos de uma descrição do contexto que o gerou, com o propósito de facilitar o entendimento do leitor.

4.1 O trabalho em grupo

Os recortes conversacionais dos quatro sujeitos - EAC, FANC, JFB e MAF - apresentados ao longo deste estudo, são resultado de interações que ocorreram em grupo, na relação com outros afásicos, com familiares, com pesquisadores e com professores.

As atividades desenvolvidas no GCA da UNICAP não têm o objetivo terapêutico, porém, as interações em grupo favorecem a organização da linguagem, uma vez que o sujeito a manipula em situações reais do seu cotidiano no compartilhamento com o outro. No trabalho em grupo, as experiências e as dificuldades do indivíduo, advindas da afasia, passam a ser tomadas como comuns aos demais participantes, ao ponto de que estes cooperam afim de diminuir as dificuldades mútuas resultantes do problema de linguagem (SAMPAIO, 2010).

4.2 A proposta de conversações

Semelhantemente ao que acontece no Centro de Convivência de Afásicos da Universidade Estadual de Campinas descrito por Sampaio (2010), as atividades desenvolvidas no GCA da UNICAP se afastam da terapêutica tradicional e se aproximam, muito mais, de situações reais, cotidianas e sociais de uso da linguagem. Assim, dentre as propostas discursivas trabalhadas no GCA, a atividade conversacional é o objeto de investigação deste estudo.

As situações conversacionais ocorrem durante todo o tempo do encontro do GCA, mas, sobretudo, nos momentos iniciais. Quando os participantes tratam de apresentar as notícias que leram ou assistiram na mídia durante a semana, há uma propensão maior para interagirem dialogicamente. Embora, como afirma Marcuschi (1986, p.16), "...a diferença de condições socioeconômicas e culturais ou de poder entre os indivíduos deixa-os em diferentes condições de participarem no diálogo", é graças ao assunto comum impresso na mídia, àquele que se faz do conhecimento de todos, que é possível estabelecer uma conversação que envolva a maior parte do grupo.

4.3 Os métodos de análise

A afasia, desordem da linguagem sequela de lesão cerebral, traz consigo repercussões que não ficam restritas ao nível linguístico, mas os comprometimentos alcançam o nível discursivo. Por isso é imprescindível que, ao tratar da linguagem na afasia, sejam utilizadas teorias que sejam sensíveis ao aspecto discursivo e interacional da língua.

Nesse estudo, a Teoria Interacional da Entoação (TIE) de Brazil (1985) e a Análise da Conversação (AC), de Marcuschi (1986) são adotadas, com o propósito de investigar a prosódia na fala do afásico apoiada sobre a perspectiva interativa, não vinculada plena e unicamente à gramática, mas com seu enfoque enunciativo e discursivo.

Como já informado no capítulo II, a Teoria Interacional da Entoação, focaliza em como, por meio da entoação, uma das estratégias usadas pelo falante e direcionadas ao ouvinte a fim de que este último capte o significado que seu interlocutor pretende comunicar através do enunciado, permite adentrar o mundo da construção de sentido na interação humana (BRAZIL, 1985). Em conjunto com ela, a Análise da Conversação (AC) de Marcuschi (1986) visa descrever o comportamento verbal dos interlocutores durante a interação, buscando compreender como se processa a organização do ato conversacional, com seus mecanismos apropriados (PRETI, 1991), ambas voltadas para as interações orais entre indivíduos.

Conforme referido previamente na metodologia, também será apresentado um espectrograma dos dados de fala nos trechos de recortes marcados pela "ênfase", elemento prosódico também definido como proeminência por Brazil (1985). Conforme afirma o autor, no discurso, o falante, algumas vezes, acentua a palavra onde gramaticalmente não existe acento, ou seja, torna proeminente uma sílaba não coincidente com a sílaba tônica da palavra. Essa característica, portanto, corresponde ao fato de que o falante, não conscientemente, quer dar ênfase à determinada palavra ou expressão no discurso, o que foi investigado.

As normas para a transcrição nos moldes da AC e da TIE conjuntamente em um modelo único, apresentadas ao longo deste capítulo, seguem o modelo proposto na metodologia, em que alguns elementos do modelo de transcrição da AC e outros do modelo de transcrição da TIE foram adotados de modo a facilitar o entendimento do leitor, deixar a transcrição visualmente mais limpa, por não conter elementos repetidos, e com todos os elementos indispensáveis para buscar atingir os objetivos deste estudo. Para essa escolha,

toma-se por premissa a afirmação de Marcuschi (1986, p. 9) de que não existe "a melhor transcrição" pois, para ele, nenhuma é perfeita e "todas são mais ou menos boas". O ideal é que o analista atente para que o modelo de transcrição escolhido cumpra os objetivos de seu estudo e facilite a compreensão do leitor, passos que foram seguidos para a elaboração do modelo de transcrição a ser usado nesta tese.

4.4 A ênfase na conversação dos afásicos

Os recortes de conversações que estão disponibilizados neste estudo são resultado de interações baseadas em um contexto e, que estão centradas em uma temática. Assim, antes de apresentar os dados orais há uma descrição do contexto para situar adequadamente a conversação.

4.4.1. JFB conversa sobre *campo de futebol society*

Vejamos, a seguir uma conversação espontânea que ocorreu nos primeiros momentos do encontro do GCA do dia 05 de junho de 2014. No trecho recortado há falas do informante (JFB), da pesquisadora responsável por esta pesquisa (P1), de um pesquisador do sexo masculino que vinha conduzindo a conversa, o qual será apresentado nesse recorte como P2 e duas outras pesquisadoras (P3 e P4) participantes do grupo. A conversa que, sobretudo, ocorria com a participação mais efetiva de JFB e P2 originou-se a partir da expressão do sentimento de saudade de P2 para com JFB, devido a sua ausência aos últimos encontros.

Antes do trecho apresentado no Recorte 01 JFB fala do local onde passou alguns dias, em que esteve ausente dos encontros do GCA. Ao discorrer um dos locais onde esteve faltou a palavra e ocorre o diálogo a seguir.

Recorte 01- Transcrição sobre *campo de futebol society*.

Turno	Informante	Discurso
001	JFB	// SAbe o que É ((gesto com as mãos)) / poPAIt / diz AÍ /
002	P2	/ ãnh /
003	JFB	/ POpait / Ele não SAbe não /
004	P2	/ seRÁ que é futebol soCIETy não /
005	P1	/ soCIETy /
006	JFB	/SIM ((prolonga)) /
007	P2, P3, P4	/ [[soCIETy /
008	P2	/ fuTEbol soCIETy /
009	JFB	/ Ele É DOno de lá //

A Transcrição 01 é assinalada por uma variação entoacional com predominância de tons descendentes, que segundo Brazil (1987), apontam para uma atividade dialógica em que há prevalência de transmissão de novas informações. Ao analisar o recorte, fica evidente que o afásico traz à conversação uma informação desconhecida, que pelo manuseio que faz do recurso entoacional atinge o propósito de transmissão de informação, corroborando a proposta de Brazil (1987) de que o falante, ao se apropriar do recurso entoacional, o faz com o propósito de gerar no interlocutor a condição de assimilar o significado pretendido.

JFB mostra-se um senhor bem extrovertido durante a realização das atividades do GCA e, embora apresente uma grande dificuldade na seleção dos fonemas para a fala e, conseqüentemente, cometa "erros" na fala, não demonstra sentir constrangimento para o desenvolvimento das atividades conversacionais e dialógicas.

Na atividade conversacional e dialógica apresentada no Recorte 01 há alternâncias de turnos entre os falantes que endossam a afirmativa de Fávero *et al* (2010) de que esta construção colaborativa propicia a formação de tópicos a partir das falas dos interlocutores em torno de um foco referencial, nesse caso, o futebol society.

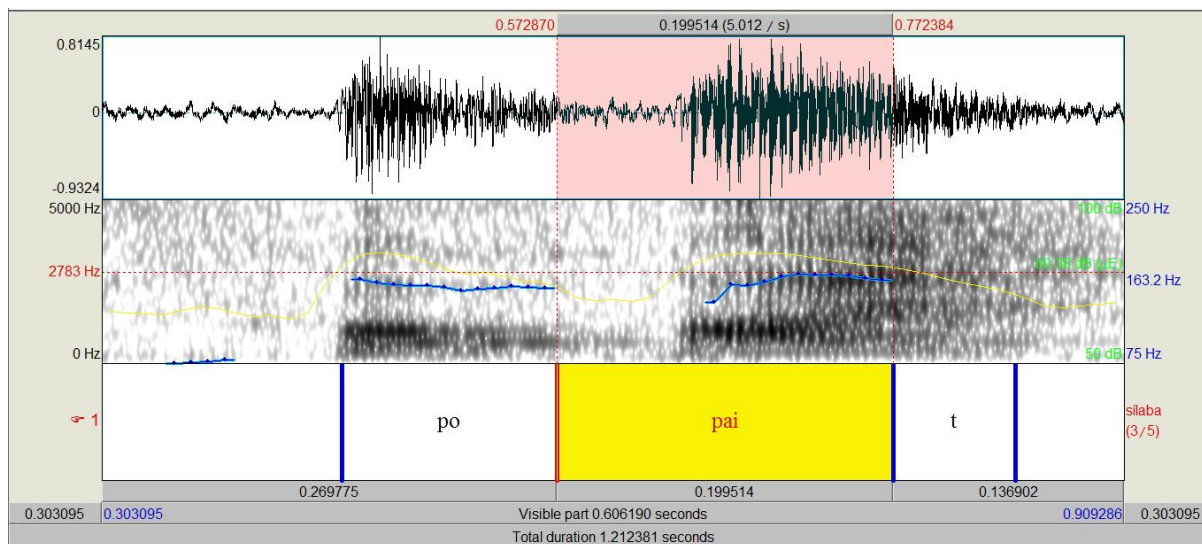
O Turno 001 do Recorte 01 é caracterizado por uma tentativa de acesso a uma informação para a fala. Na ocasião o afásico sente a dificuldade em falar uma palavra durante a fala espontânea. Essa falta da palavra é uma dificuldade comum a todos os falantes, muito mais marcada nas afasias. Na tentativa de resolver essa falta, muitas vezes, o falante faz movimentos na tentativa de produzir a palavra e, assim, ou usa expressões sinônimas que se aproximem da palavra alvo, ou emite uma sequência de sons com vistas a aproximar da palavra alvo (mais característico do afásico), como verificado na produção do sujeito em questão.

O uso de expressões sinônimas que se aproximem da palavra alvo, recurso linguístico para compensar a anomia, pode aparecer, por exemplo, em um momento em que há a tentativa de nomear um tipo característico de escova plástica de cerdas pequenas usada para pentear cabelos crespos e curtos em que o falante diz: "é para...assim... (gesto de pentear o cabelo) para...o cabelo". Esse movimento gerado pela dificuldade em nomear as coisas, que não é uma exclusividade do afásico, é característico da organização da linguagem para a fala.

A emissão de uma sequência de sons com vistas a aproximar da palavra alvo, conforme verificado nos Turnos 001 e 003 do Recorte 01, é outro recurso utilizado na tentativa de sanar a falta da palavra no momento da fala. A produção de uma palavra que não é a esperada na fala espontânea, definida por Rapp (2003) como parafasia fonológicas ou lexicais, pode ser interpretada pelo interlocutor, pelo contexto ou pelo parentesco fonológico em si. No trecho analisado, a informação prosódica com permanência da acentuação tônica da palavra no lugar adequado (Turno 001) serve de facilitador do entendimento e confirma a teoria de Scarpa (2005) de que os domínios superiores da hierarquia prosódica (frase entoacional, frase fonológica) exercem influência na colocação do acento nos domínios inferiores (palavra fonológica, sílaba). É, no entanto, a retomada do *popait* (Turno 003) um movimento metalinguístico na tentativa de clarificar a parafasia.

O *popait* apresentado na fala de JFB no Turno 003 diferencia-se do *popait* apresentado no Turno 001 em termos de acentuação tônica, conforme se observa através das Figuras 03 e 04, resultantes das análises acústicas das duas produções.

Figura 03- Primeira emissão de *popait*.

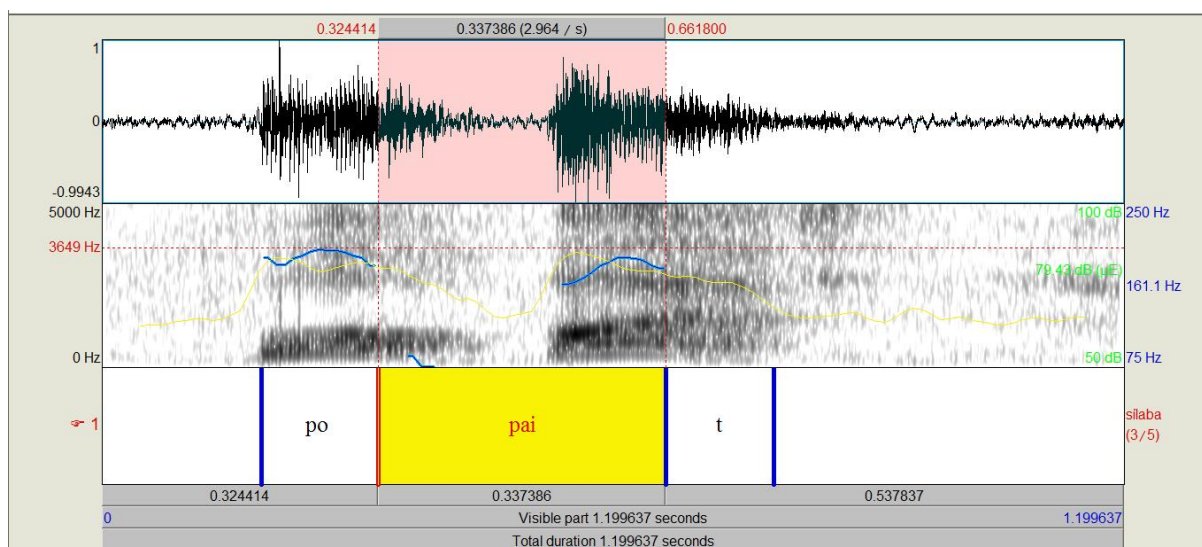


A palavra 'popait' que aparece nos Turnos 001 e 003 do Recorte 01 é interpretada como uma tentativa do afásico de falar a palavra inglesa 'society' (conforme Turno 004). Assim, observa-se que em termos de produção da palavra, o movimento feito pelo afásico no Turno 01 foi, apenas, de substituição do fonema /s/ por /p/, enquanto manteve o traço fonológico de acentuação na segunda sílaba. Na Figura 03 é visível que o correlato acústico duração é maior na sílaba tônica da palavra alvo. Outro correlato acústico que caracteriza a modulação prosódica para a fala observado nesta análise é a F^0 que, conforme a Figura 03 está mais elevada na sílaba tônica.

A produção primeira da palavra *popait*, embora corriqueira, manteve os traços prosódicos (duração e acento). Para Chacon (1998), a prosódia, caracterizada por sua atuação na organização multidimensional da linguagem é um elemento linguístico próprio de ambas as modalidades de uso da língua. Esse movimento de manter os traços prosódicos na linguagem oral, então, revela que o afásico se apropria, como os demais falantes, desse elemento linguístico durante sua fala e permite ao interlocutor interpretar o enunciado.

A pretensa intenção do JFB, no primeiro momento, parece não ter alcançado no interlocutor o efeito esperado, talvez pelo desvio na produção do fonema almejado para a produção da palavra, o que fez necessário ao afásico reformular a maneira de falar. Assim, pela deficiência de acesso lexical, o afásico se apropria da proeminência como recurso facilitador de sua intenção, conforme aponta Olson (1997), e produz a mesma palavra, sendo com outras características prosódicas, como pode ser vista na Figura 04.

Figura 04- Retomada do termo *popait*.



A Figura 04 é o resultado da análise acústica da palavra *popait* emitida pelo afásico JFB e apresentada no Turno 003 do Recorte 01. Por meio da análise acústica há a possibilidade de sustentar a informação apontada pela análise perceptual da produção de fala de JFB. Ao repetir a palavra já emitida no Turno 001 do mesmo recorte há uma tentativa de tornar a palavra foneticamente proeminente ao acentuar a sílaba tônica, o que pode ser conferido na Figura 04 e fazer um movimento de elevação de F^0 na primeira sílaba da palavra.

A proeminência, ou seja, ênfase em sílaba que se pretende destacar, conforme Brazil (1985), está relacionada aos objetivos idealizados pelo falante para com o seu ouvinte. No Turno 003, o fato de repetir a palavra é muito mais que um percurso de reelaboração da linguagem, é também uma tentativa de sustentar no discurso uma palavra que insiste em "não sair como deve". Assim, em acordo com a TIE, a ênfase tem um efeito de sentido, ela vem carregada de um significado e faz que a palavra diferencie-se daquela produzida no primeiro momento. Além disso, o fato de repetir a palavra com diferentes características prosódicas tem como efeito a produção de significados diferentes de uma emissão anterior.

4.4.2 Conversação sobre *dirigir com um veículo sem adaptações*

Trata-se de uma conversação espontânea que ocorreu no início do encontro do GCA do dia 15 de janeiro de 2015 entre a pesquisadora responsável por esta pesquisa (P1), outro pesquisador do sexo feminino (P2) e a informante MAF, uma das participantes da pesquisa. A conversa entre os três interlocutores presentes ao encontro baseou-se nos episódios vivenciados pelo interagente durante o mês de dezembro passado.

Durante a interação, o discurso de P2, que durante o período de recesso encontrou em uma feira de artesanato um dos participantes do grupo, o qual por mudanças pessoais em sua vida cotidiana se ausentou da participação sistemática do grupo, deu origem ao tópico *dirigir com um veículo sem adaptações*. A fala de P2 foi o ponto de partida para conduzir a conversa em torno da temática voltada para os prováveis impedimentos que tornam o afásico ausente nos últimos encontros e o tópico tratado no Recorte 02.

Recorte 02- Transcrição da conversação sobre *dirigir com um veículo sem adaptações*.

Turno	Informante	Discurso
001	P1:	/ se FOSSe autoMÁtico/ JÁ faci [liTava/
002	P2:	/[é É /
003	MAF:	/ É /
004	P1:	/ porque ele não PREcisava / nem PASsar a MARcha /
005	MAF:	/ É /
006	P1:	/ e Ele poDIa / usar o [OUtro PÉ /
007	MAF:	/[VOu falar NÃO / / to não / POde não / eu / EU não POTu / eu não POSSo / / eu TENho não POSSo / eu TENdo FORça / aGOra/
008	P1:	/ E MESmo / você esTANdo com FORça / né MAF /
009	MAF:	/ É / É / É /
010	P1:	/[mas não POde /
011	P2:	/ [É porque PASsa por uma REavaliação / no deTRAN NÉ /
012	MAF:	/ POde não/ POde não/

MAF é uma das mais animadas participantes do GCA da UNICAP. Em eventuais ocasiões, participa dos encontros muito calada ou aparentemente triste. Nessa ocasião, estava especialmente motivada e, provavelmente, pelo fato de estar presente, até o momento da conversa retratada no Recorte 02, um número bem reduzido de participantes e por haver um número reduzido de falas simultâneas, a afásica parece compreender melhor a conversação e interagir oralmente de forma mais inteligível.

Para GIL (2002), os sujeitos afásicos, mais especificamente com a afasia de Broca, são caracterizados por um falar lento, pausado, com supressão de grupos consonantais e uso de consoantes surdas, sendo-lhes conferida a rotulação de sujeitos aprosódicos. Scarpa (2001), entretanto, critica essa literatura afasiológica que trata da lateralização hemisférica cerebral tanto no que concerne às manifestações linguísticas da afasia como do processamento prosódico. Para esta última autora, a situação prosódica nas afasias, embora variável à fala de cada sujeito, ou seja, inconstante e imprevisível, é também caracterizada pela preservação dos níveis superiores de hierarquia prosódica. Logo, nos níveis prosódicos sílaba, pé e palavra fonológica estão as maiores dificuldades do afásico pois, nos níveis acima da palavra estão os enunciados e os discursos que, segundo Scarpa (2001), se afastam da dificuldade comum a fala dos afásicos. Assim, a desintegração fonética com a supressão, a substituição e/ou a repetição de alguns fonemas, que faz com que a fala de MAF seja assinalada por um sotaque diferenciado, não a torna desvinculada do uso dos elementos prosódicos na fala.

Os elementos prosódicos como a entoação, a ênfase e a pausa, associados ao contexto conversacional, têm a capacidade de nortear a conversação por diferentes caminhos, uma vez que autoriza diferentes sentidos e viabiliza alguns significados possíveis (Brazil, 1985). Assim, com base no contexto e nos Turnos 001, 004 e 006 evidencia-se que a conversa, que vem girando em torno da atenção de que um afásico hemiplégico deve dar à necessidade de ter um automóvel compatível com suas dificuldades motoras, é direcionada por MAF, nos Turnos 007 e 012, à inferência de que o indivíduo depois do Acidente Vascular Encefálico (AVE) não tem mais condições de dirigir porque, embora recupere o movimento, não recupera mais a força.

Tendo como ponto de partida a sobreposição de vozes, no turno 007 é possível verificar um padrão entoacional marcado, na maioria das unidades tonais, pelos tons descendente e ascendente-descendente. Esses tons usados por MAF sinalizam a transmissão de informações ainda desconhecidas do interlocutor por um falante que pretende manter o

domínio do seu enunciado (BRAZIL, 1985) ou que pretende manter o turno durante a conversação (MARCUSCHI, 1986; DIONÍSIO, 2012). Com isso, evidencia-se a percepção de um falante, que mesmo afásico, ou seja, com sua linguagem alterada, se apropria não conscientemente dos recursos prosódicos, fazendo-se um sujeito ativo no discurso e que, mesmo quando comete repetições hesitativas, nas palavras de Marcuschi (2006), caracterizadas pelas unidades entoacionais destacadas pelo tom neutro, que podem ser conferidas no Turno 007, o faz com a finalidade de manter a posse do turno e concluir sua fala. As Figuras 05 e 06 são o resultado da análise acústica no PRAAT das emissões de 'posso' de MAF no Turno 007.

Figura 05- Primeira emissão de *posso*.

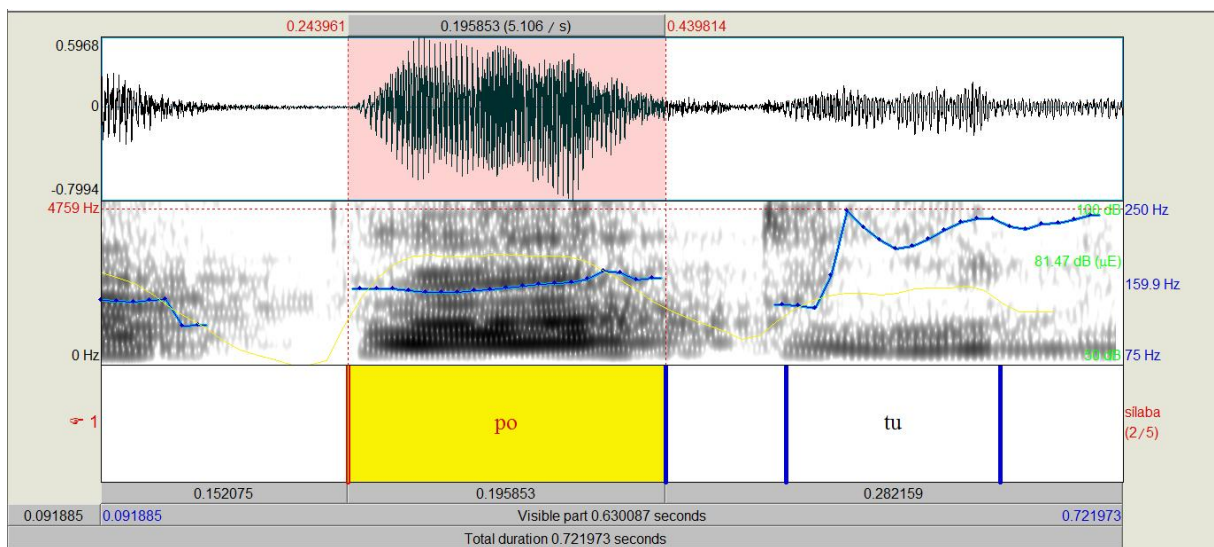
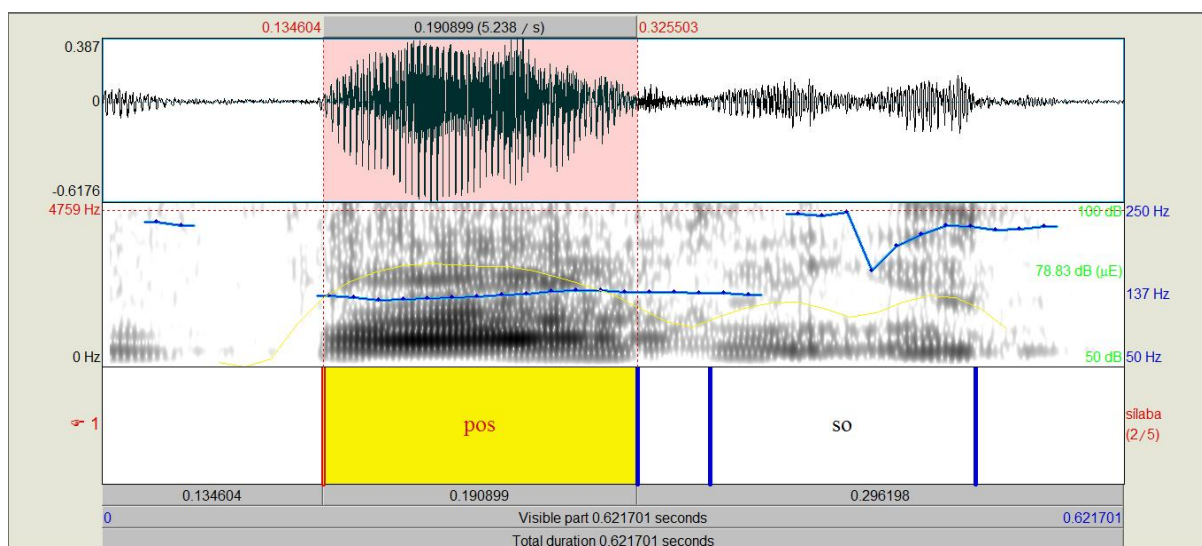


Figura 06- Retomada de *posso*.



Outro aspecto digno de atenção no Recorte 02 é que, há proeminências em todas as unidades tonais, conforme sugere Brazil (1985), mas nenhuma delas ocorre em sílaba pretônica, todas foram feitas em sílabas compatíveis com a sílaba tônica. Essa ocorrência não torna desvirtuado o recorte apresentado, antes reforça a hipótese de Brazil (1985) de que, embora, a proeminência esteja relacionada às escolhas do falante, há uma tendência em escolhê-las a partir da relação gramatical com a sílaba tônica. Logo, é plausível perceber que no Turno 007 há um percurso de reorganização para a fala, com manutenção do turno, reformulações de palavras e acentuação tônica que culminam com o entendimento do discurso da afásica por parte do interlocutor.

Nas Figuras 05 e 06, resultado de duas diferentes emissões de 'posso', evidenciam que a acentuação enfática da palavra foi coincidente com a acentuação tônica, pois em termos de duração da emissão da sílaba, mais longa foi a penúltima. O correlato acústico frequência fundamental, entretanto tem seu maior pico na sílaba átona, ficando por sua vez, a intensidade mais elevada na sílaba tônica.

Outro fato relevante é que, ao substituir o fonema /s/ por /t/, MAF comete uma parafasia fonológica que muito se assemelha com o processo fonológico de substituição reforçando, assim, os resultados dos estudos de Rapp (2003), de que essas manifestações que estão presentes no processo de aquisição também estão presentes na afasia. Logo, por que não afirmar que são parte do processo de reorganização da linguagem?

4.4.3 A palavra *amendoim* na conversação

O encontro do GCA do dia 03 de julho de 2014 foi registrado por meio de gravação de vídeo durante uma hora e doze minutos. O trecho de fala analisado na sequência foi recortado entre os dez minutos e quarenta e cinco segundos e os onze minutos. O tópico conversacional apresentado no Recorte 03 é resultado da descrição por parte informante JFB de um senhor ao qual ele presta serviços.

Em trecho anterior ao recorte de transcrição apresentado, JFB faz menção às dificuldades motoras e de linguagem apresentadas pelo senhor para quem faz algumas tarefas a fim de fazer passar o tempo. Brincalhão como sempre, trata de descrever o outro com caricaturas, gestos e expressões corporais que leva os participantes a rirem e se divertirem com suas demonstrações. Traz à baila um assunto que, pela descrição, é comum a todos, as sequelas do AVC, sem, contudo, aparentar ter magoado ninguém. Chega ao ponto de apresentar o amendoim em um contexto de inferência em que a esta semente é dado um caráter afrodisíaco de estimulação sexual.

A legenda dos participantes para a transcrição 03 é JFB para o informante participante da pesquisa e A1 para outro afásico participante do GCA.

Recorte 03 - transcrição da palavra *amendoim* na conversação.

Turno	Informante	Discurso
001	JFB	→ → → / ele / é / a / SAbE o que quer que COMpre / ele / é / é / é / ↘ → ↘ / é um SAco / de / aMENdoim assim óh / ((gesto com as mãos para mostrar o tamanho do saco)) aMEdoim / SAbE o que É / ↗ / amididoIM /
002	A1	↘ / SEi /
003	JFB	↘ / meNIIno /

O Recorte 03 retrata um trecho pequeno de trocas e interação, sem, contudo, se afastar dos elementos próprios da constituição organizacional da conversação. Características fundamentais dessa organização podem ser observadas no recorte, como a presença de, no mínimo, dois interlocutores envolvidos em uma "interação centrada" em que ambos participam ativamente, conforme preconiza Marcuschi (1986) ao tratar dos elementos que devem compor a AC.

A produção verbal, que será analisada mais detalhadamente a seguir, não é o único ou o fator mais importante a ser tratado, uma vez que, o contexto conversacional somado aos gestos, à entoação, conforme se visualiza no Turno 001, contribui para a construção de sentido do enunciado. Por essa razão, apropriando-se da proposta de Dionísio (2012), o contexto que deu origem à conversação é sempre apresentado previamente à transcrição com o propósito de facilitar o entendimento do leitor e também de contribuir para a análise.

Outra estratégia pertencente à organização conversacional verificada no Recorte 03 é a tentativa de manter o turno. O Turno 003 JFB já inicia com hesitações marcadas pelo tom neutro que caracterizam um falante que não tem a intenção de entregar o turno, contrariamente, pausas silenciosas favorecem que o interlocutor assuma (de entrega ou de assalto) ao turno (MARCUSCHI, 1986). Assim, os alongamentos e repetições de vogais feitas pelo afásico são entendidos como funcionais para efeito expressivo (MARCUSCHI, 2006), ao mesmo tempo em que são características do seu desejo de manter-se conduzindo a interação, condizente com os estudos de Dionísio (2012).

Sob ponto de vista entoacional é importante mencionar que o afásico fez uso de uma variedade de tons para a interação (Recorte 03), o que indica que há transição entre conhecimento compartilhado (tons ascendentes), informações novas (tons descendentes) e organização discursiva para a fala (tom neutro) (BRAZIL, 1985). Logo, o afásico, ou seja, aquele que tem sua linguagem alterada, também se apropria dos recursos entoacionais com o propósito de organizar seu discurso e de produzir sentidos durante a interação dialógica, o que encontra respaldo em Jubran (2006).

Outro elemento prosódico digno de atenção apontado na conversação durante todo o Recorte 03 é a proeminência, a qual é usada para dar melhor inteligibilidade à fala e nortear o ouvinte na direção de determinado sentido idealizado pelo falante (BRAZIL, 1985), como pode ser visto na palavra *amendoim* emitida por JFB no Turno 001. A palavra alvo,

amendoim, foi emitida três vezes pelo afásico, no Turno 001, na expectativa de ser compreendido. Nessa tentativa ocorreu a ordem inversa, da palavra pronunciada adequadamente para a parafasia, entretanto, prosodicamente a ênfase dada em sílabas diferentes chama a atenção. Vejam-se as Figuras 07, 08 e 09 resultantes da análise acústica da produção de *amendoim*.

Figura 07- Primeira emissão: *amendoim*.

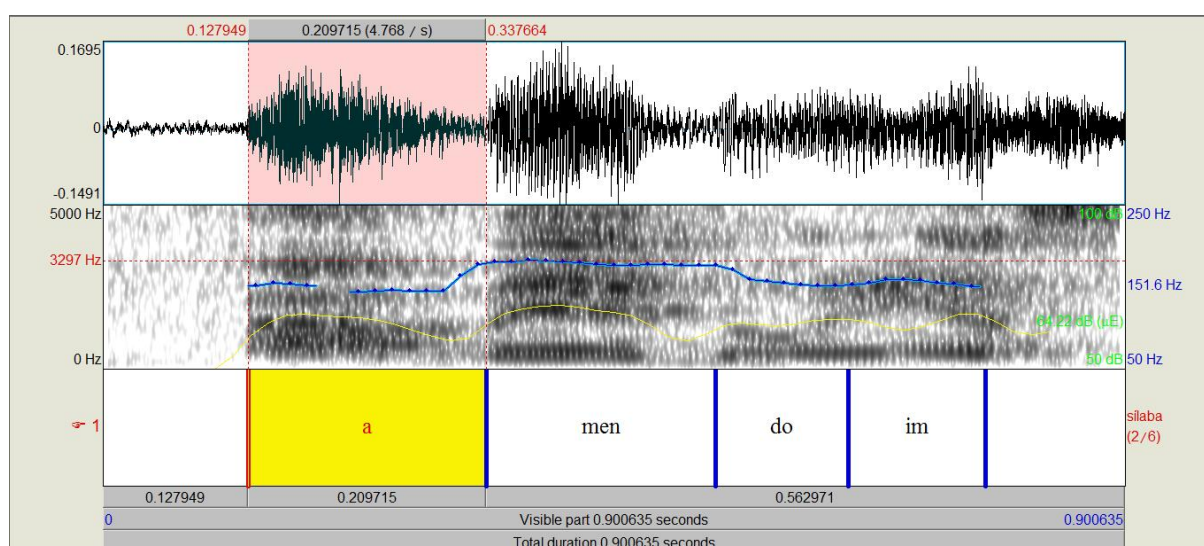


Figura 08- Segunda emissão: *amedoim*.

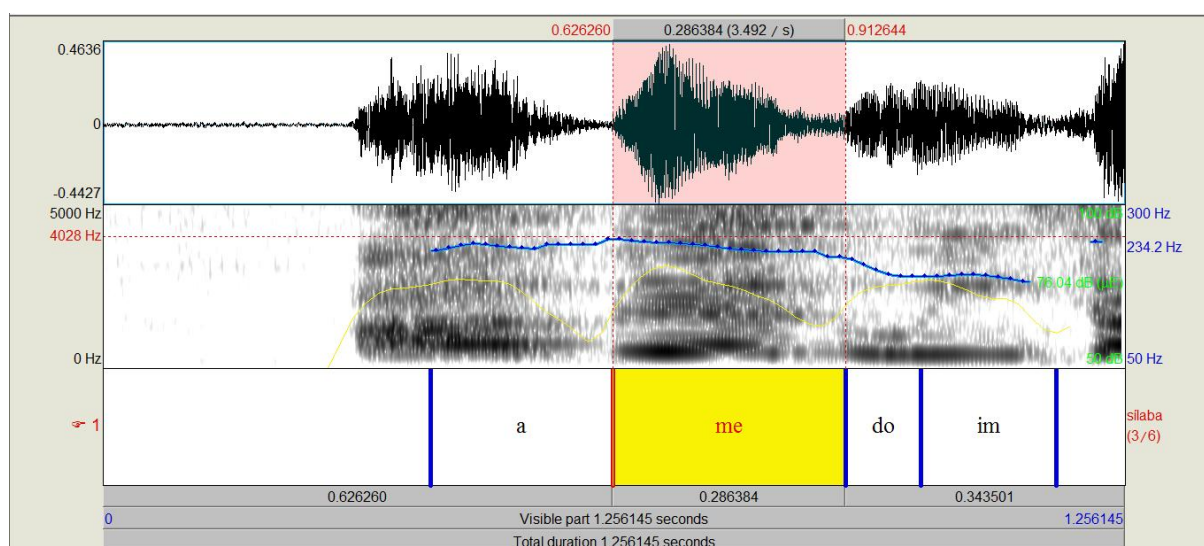
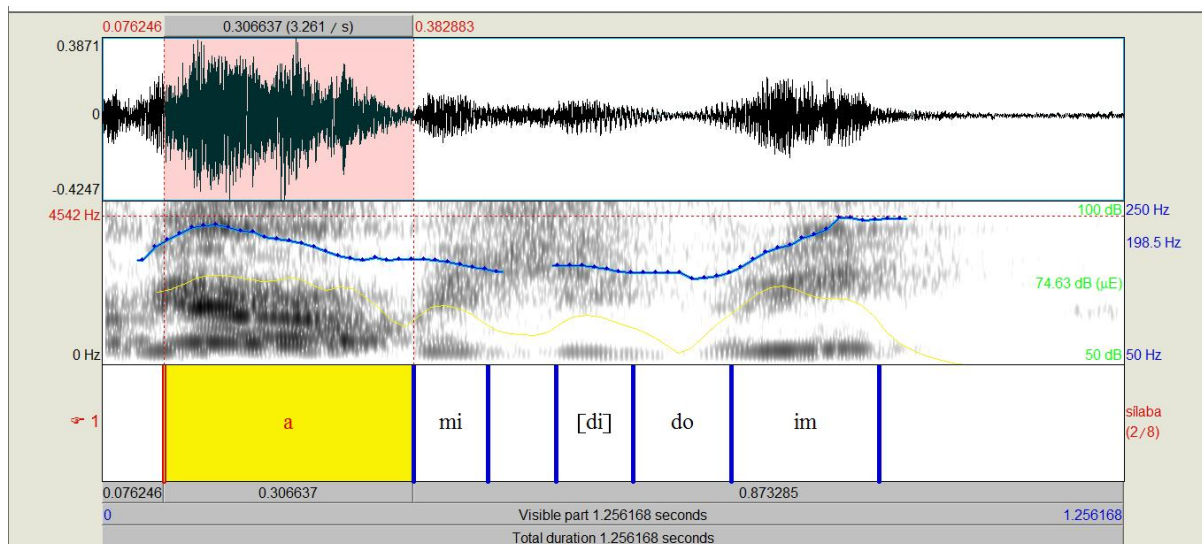


Figura 09- Terceira emissão: *amididoim*.



O que ocorre no Turno 001 retratado nas Figuras 07, 08 e 09 é a reformulação da palavra na ordem inversa ao processo de aquisição da linguagem. Em lugar de ocorrer a reformulação da parafasia em direção à palavra alvo, conforme previsto no processo de aquisição da linguagem (RAPP, 2003), há um percurso contrário em que a palavra alvo é dita a primeiro momento e vai se degenerando em direção à parafasia. O que ocorreu nesse percurso? Uma análise que envolve o contexto social possibilita entender esse processo que também é de organização, e não degeneração, da linguagem.

A palavra *amendoim*, que sob a ótica do léxico e da gramática é uma palavra acentuada em sua última sílaba, recebeu por parte do falante JFB uma ênfase na primeira sílaba que fez com que o *a* fosse a sílaba proeminente, dando, com isso, evidência à palavra e seu sentido situado no discurso. A palavra *amendoim*, contudo, é frequentemente pronunciada entre os falantes da região de coleta dos dados como *amedoim*, o que ocorre na segunda emissão (Figura 08). Isso permite a inferência de que, na tentativa de comunicar melhor, o afásico tenha reformulado seu dizer, levantando, assim, um novo sentido.

O acento enfático não coincidente com o acento léxico da palavra (Figuras 07 e 08) é determinado por fatores situacionais ou pragmáticos e tem função de intencionalidade do falante (BRAZIL, 1985). Scarpa (2012) e Moura (2012) verificaram que no processo de aquisição e no de reorganização da linguagem, respectivamente, existem modificações prosódicas na fala direcionadas ao interlocutor com a finalidade de atrair sua atenção, fato também verificado nas Figuras 07 e 08 retiradas do Turno 001 do Recorte 03.

E de onde surgiu a terceira produção, a emissão *amididoim*? Para essa explicação, voltemos ao ponto inicial. A Figura 07 retrata que a ênfase foi dada na sílaba pretônica *men*, fato este conferido pela verificação da maior duração de emissão da sílaba e maior F^0 . A proeminência em sílaba pretônica, conforme Brazil (1985), tem por função atrair a atenção do interlocutor, o que torna a acontecer na emissão de *amedoim*, a ênfase recai sobre a sílaba *me* (Figura 08) com aumento de duração e F^0 . Daí, na tentativa de se fazer entender questiona o interlocutor no Turno 001 "sabe o que é?" e, então, comete o equívoco de dizer *amididoim*.

Na emissão de *amididoim* o sujeito afásico comete trocas e acréscimo de fonemas na tentativa de manter o padrão entoacional da palavra alvo. A sílaba tônica da palavra, gramaticalmente falando, é *im*, a última sílaba. Observa-se que os equívocos de *mi* e *di* não são aleatórios, uma vez que o núcleo da sílaba tônica é a vogal *i*. Adota-se aqui a posição de Rapp (2003), de que, ao investigar o acento da palavra, é necessário atentar para o núcleo silábico, pois é sobre ele que recai o acento. Na Figura 09, portanto, fica visível que, embora, faça um desarranjo métrico, acrescentando uma sílaba à palavra, o sujeito dá uma solução rítmica, porém, torna proeminente uma sílaba pretônica da palavra, como é possível conferir na análise acústica por meio da identificação de *a* como a sílaba de maior duração e intensidade, embora a F^0 apresente-se mais elevada na última sílaba.

4.4.4. A Alemanha *ganhou/ajudou* na copa do Brasil

No dia 17 de julho de 2014, nos momentos iniciais do encontro do GCA, os participantes do grupo conversavam espontaneamente sobre os acontecimentos dos últimos dias. A temática em alta naquele momento era a copa do mundo no Brasil, particularmente, a derrota do Brasil para a Alemanha nas finais por sete gols a um. As especulações dos afásicos giravam em torno de uma possível venda do time brasileiro, uma vez que a mídia tinha divulgado que os alemães tinham proporcionado algumas bem feitorias na região do estado da Bahia, onde construiu um centro de treinamento só para usarem no período da copa.

A interação conversacional apresentada no Recorte 04 ocorreu entre pesquisadora responsável por esta pesquisa (P1) e os informantes da pesquisa JFB e FANC.

Recorte 04 - Transcrição de a Alemanha *ganhou/ajudou* na copa do Brasil.

Turno	Informante	Discurso
001	FANC	/ aleMANha / gaNHOU / gaNHOU /
002	P1	/ ale / SIM / SIM /
003	JFB	/ [EI / ei irMÃO / aí voCÊ Olha /
004	P1	/ [e AÍ /
005	JFB	/ [ele / ele / ajudou MUIta GENte /
006	FANC	/ ÊNH /
007	JFB	/ achuDOU / MUIta GENte viu /
008	P1	/ SIM / CERto /
009	JFB	/ [FOI / ajuDOU /
010	P1	/ aleMANha /

O Recorte 04 retrata um trecho conversacional que se centra sobre a mesma temática (o time da Alemanha na copa do Brasil), mas varia quanto aos tópicos trabalhados pelos dois informantes da Pesquisa. O ponto de partida é a fala de FANC embasada no fato de que a "Alemanha ganhou do Brasil", JFB, por outro lado, interrompe o desenvolvimento do tópico (que poderia se voltar para o fatídico 7X1) e sinaliza o desenvolvimento do novo tópico, qual seja a "Alemanha ajudou enquanto esteve no Brasil".

O que ocorre na conversação, no Recorte 04, é uma ruptura tópica, pois JFB muda o foco introduzido por FANC, que por sua vez não retoma o tópico para que este reapareça no texto. Essa descontinuidade, fenômeno de distribuição na linearidade discursiva define-se pela

suspensão definitiva de um tópico quando outro se interpõe (JUBRAN, 2006). Logo, essa ruptura no tópico discursivo não é uma característica particular da linguagem desorganizada do afásico, mas sim um recurso da organização da linguagem oral que JFB se apropriou, talvez, por questões subjetivas que o caracterizam por seu perfil de liderança e por sua facilidade em falar (se comparados aos outros afásicos participantes do GCA).

A divisão da conversação em turnos "implica uma construção colaborativa, pela qual um turno não é simples sucessor temporal do outro", mas traz uma relação com o anterior (JUBRAN, 2006, p.90). Assim, no Turno 003 JFB rompe a relação com o Turno 001, pela mudança de tópico e com o Turno 002, uma vez que se sobrepõe e quebra a regra temporal de que fala um de cada vez de Marcuschi (1986) e Dionísio (2012).

Esse movimento de apropriação do turno e do tópico discursivo pelo afásico visualizado no Turno 003 é reforçado no Turno 005 do Recorte 04. Essa afirmativa é possível a partir da análise do Turno 004 em que a pesquisadora (P1) tenta devolver o turno e a temática (tópico) para o FANC, falante que introduziu a conversação, mas sem sucesso é interrompido por JFB, que rapidamente ocupa o turno "assaltado". Contrariamente ao que se pressupõe ao pensar o afásico com dificuldades expressivas, JFB não fica dentro de um espaço textual restrito, avança, levanta uma outra problemática associada a anterior, mas que centraliza-se sobre outro ponto, ocupa um lugar de falante que conduz o discurso.

Nos Turnos 003, 005 e 009, além da tomada de turno, o afásico adota estratégias de organização conversacional de tentar manter o turno, como prevê Dionísio (2012). Por meio de elevação da voz, no Turno 003, ele sinaliza aos interlocutores sua entrada na conversação. No Turno 005 a estratégia é a repetição. Na tentativa de manter o turno JFB não deixa espaços silenciosos enquanto organiza sua fala, feita a interrupção simultaneamente hesita enquanto planeja o próximo seguimento de fala. Essa hesitação, assinalada pelo tom neutro, no Turno 005, é defendida por Jubran (2006) como um fenômeno próprio dos contextos interativos orais. Brazil (1985) concorda ao interpretar a hesitação como uma característica comum à organização discursiva para a fala que não está relacionado a intencionalidade do falante. É interessante ressaltar, neste ponto, que Brazil faz essa afirmação considerando apenas a unidade tonal assinalada (/ ele /, no caso), não o turno conversacional, uma vez que, em sua teoria defende que as pistas entoacionais facilitam a compreensão no contexto interativo. Marcuschi (2006a, p.70), portanto, concorda com Brazil, ao afirmar que a hesitação é "um

aspecto descontinuator da materialidade textual, mas não do discurso, ou seja, da produção de sentidos".

Ainda uma outra estratégia de organização conversacional de tentar manter o turno é o alongamento na unidade tonal /foi/ no Turno 009. Para Marcuschi (2006a), o alongamento é uma estratégia prosódica que tem função enfática. Ao analisar todo o Recorte 04, com base no contexto, é perceptível que o senhor FANC vivencia situações em que o desenvolvimento do tópico por ele proposto é interrompido pelo levantamento de um novo tópico pelo interlocutor (Turno 003), na sequência é interferido (Turno 004) e, por fim, parece não ser compreendido (Turno 006), situações estas que geram no afásico a necessidade de alongar a sílaba tônica para conseguir manter o turno conversacional.

O alongamento de vogal com função enfática foi observado na produção de ambos os afásicos participantes desta conversação. No Turno 001 o senhor FANC faz um alongamento na sílaba tônica na retomada da palavra *ganhou* e o senhor JFB, no Turno 009 também alongou a sílaba tônica em *ajudou*. O entendimento das discussões levantadas mediante a análise acústica das palavras *ganhou* e *ajudou* podem ser facilitadas com apreciação das Figuras 10, 11, 12 e 13.

Antes de passar à análise acústica é interessante, ainda, atentar para o aspecto entoacional marcado na conversação pelo grande número de ocorrência de tons descendentes, os quais, segundo Brazil (1985), orientam o interlocutor para a transmissão de informação nova. De fato, o que JFB faz no trecho apresentado no recorte é tentar introduzir uma nova informação, o que pode ser reforçado pelas poucas ocorrências de tons ascendentes (Turnos 006 e 010), caracterizados por caráter interrogativo, nas falas de FANC e de P1, interlocutores de JFB.

Figura 10 - Primeira emissão de *qanhou*.

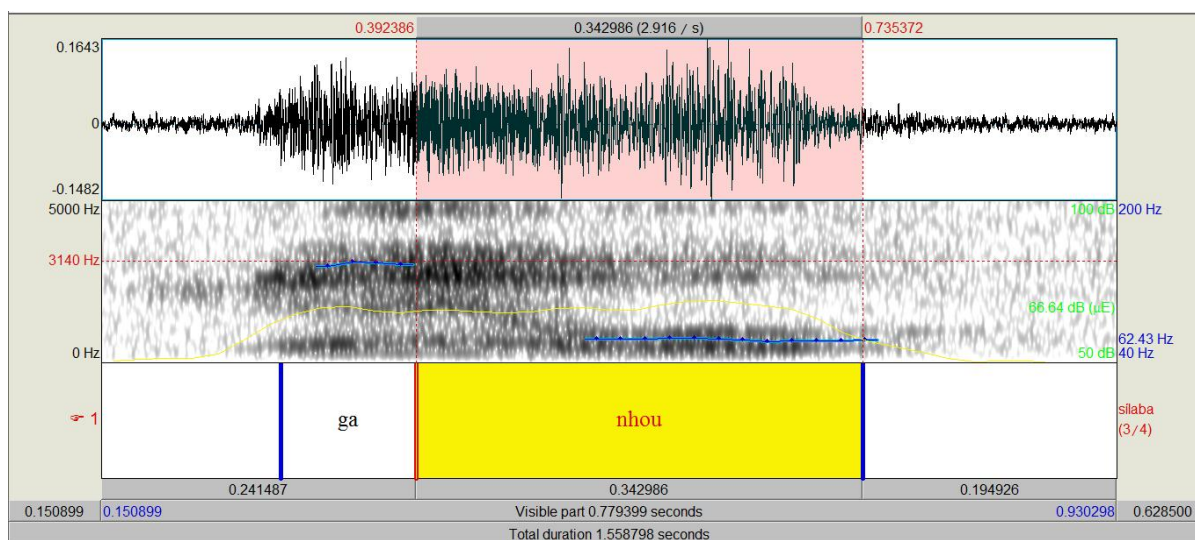
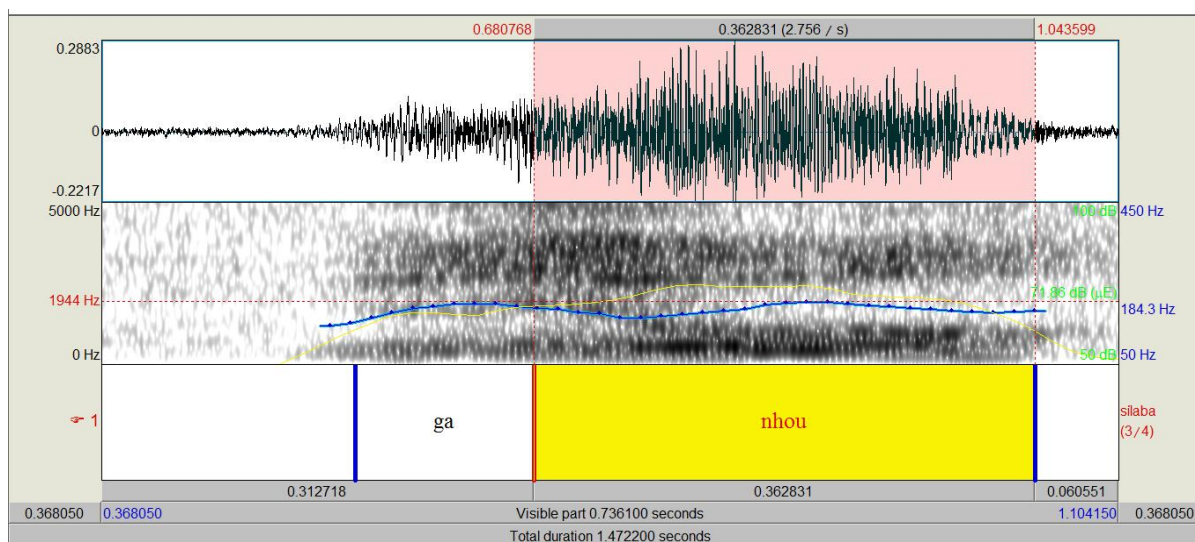


Figura 11 - Retomada de *qanhou*.



As Figuras 10 e 11 fazem referência à produção de *ganhou* emitida duas vezes por FANC durante o Turno 001 do Recorte 04. Na Figura 10 observa-se que durante a emissão da sílaba tônica da palavra houve uma maior duração de emissão em relação à sílaba pretônica, entretanto, a F^0 manteve-se bem mais baixa na sílaba tônica, o que não é visto frequentemente pois é mais comum que o falante eleve a F^0 em sílaba tônica (Marcuschi, 2006a). A F^0 baixa, com cerca de 62 Hz, pode se justificar pelos aspectos subjetivos da afasia no discurso do informante, pois com base em Melo *et al.* (2011) a linguagem é a matéria prima da

subjetividade e elementos simbólicos relativos à história familiar, às relações, à identidade de sujeito podem ajudar a entender o abaixamento da F^0 na emissão que deveria ser acentuada. A não previsibilidade na fala, aliás, é uma das características marcantes da Afasia, segundo Scarpa (2001). O abaixamento da F^0 em sílaba acentuada é uma questão que empiricamente tenho observado em alguns falantes, a qual precisa ser melhor investigada.

A palavra *ganhou* proferida imediatamente antes é repetida com diferentes características. A repetição é uma das diferentes estratégias de construção do texto falado (SILVA; CRESCITELLI, 2006; JUBRAN, 2006; MARCUSCHI 2006a) que faz parte do processo formulativo e que, conforme Jubran (2006) serve para introduzir um tópico discursivo, como evidencia a transcrição do Turno 001. A palavra repetida ganha, no momento da retomada, um contorno prosódico diferente da primeira aparição de *ganhou* na conversação.

Na Figura 11 verifica-se uma curva em que a F^0 se mantém quase que constante durante toda a emissão da palavra, assim sílaba tônica e pretônica se igualam em termos de frequência. A diferença está na elevação de F^0 em comparação com a primeira emissão de *ganhou*. Outro aspecto relevante é que, embora, a duração seja maior na sílaba tônica durante as duas emissões, na segunda (Figura 11), se comparada à primeira emissão, a duração é maior. Logo, o dado acústico reforça a percepção impressionística de que se trata de um dado enfático.

A retomada de *ganhou*, embora do ponto de vista da TIE se apresente sobre o mesmo tom da primeira emissão, traz à conversação um sentido que no primeiro momento não foi apresentado ao interlocutor. Sentidos diversos para palavras repetidas no mesmo enunciado são defendidos Marcuschi (2006b), pois a retomada, nesse caso, envolve sentidos relativos à continuidade do evento comunicativo. Diferentemente, a retomada de ajudou levanta outras questões. Vejam-se as Figuras 12 e 13.

Figura 12 - Primeira emissão de *ajudou*.

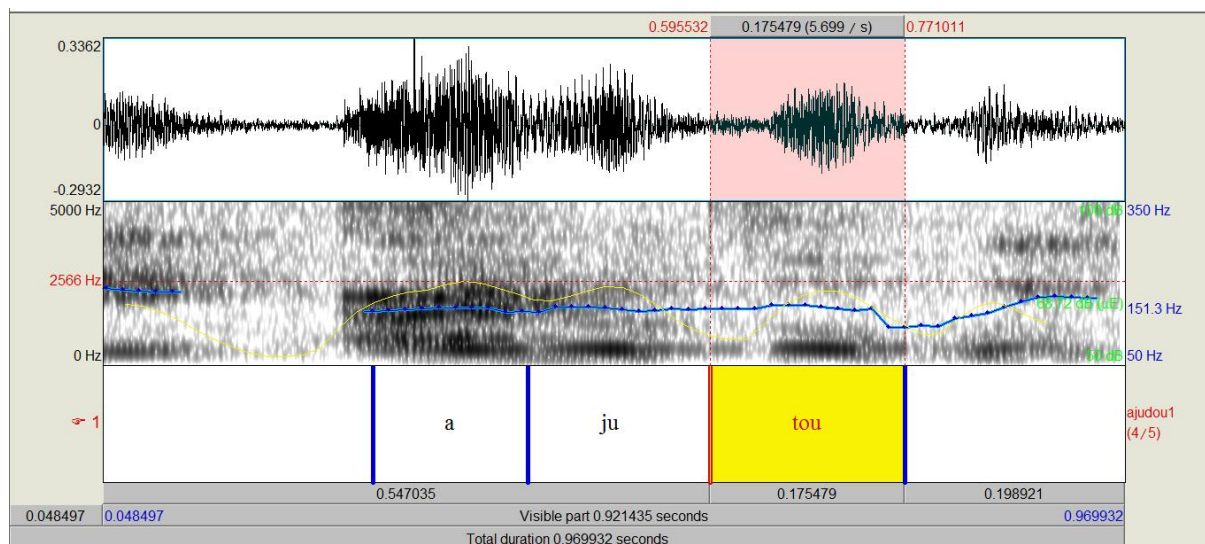
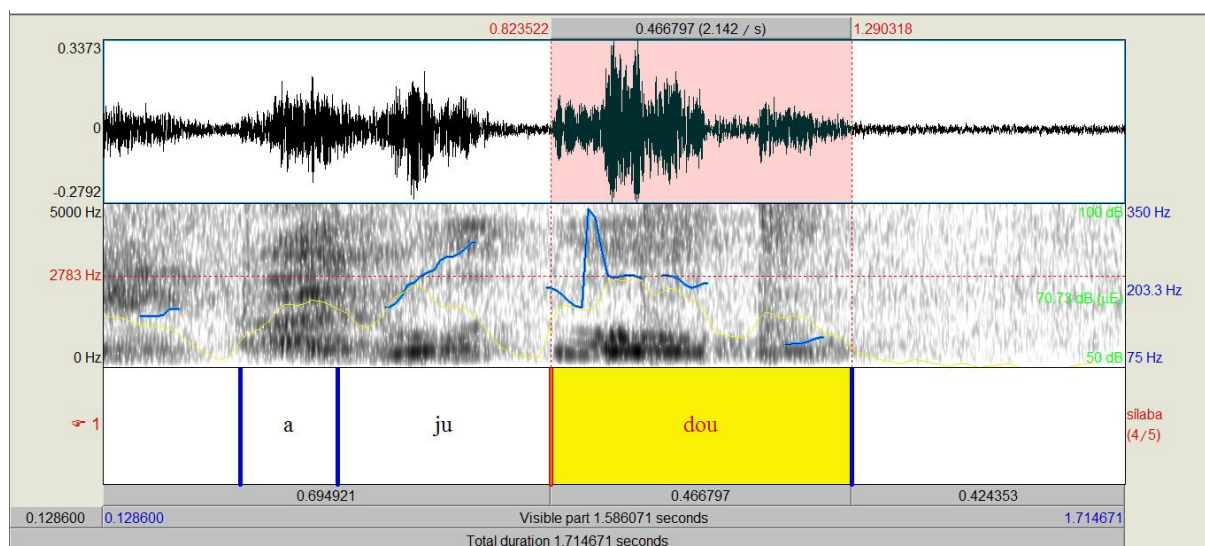


Figura 13 - Retomada do *ajudou*.



Na primeira emissão da palavra *ajudou* (Figura 12) a sílaba gramaticalmente considerada a tônica foi a sílaba acentuada prosodicamente pelo afásico, uma vez que o correlato acústico duração foi maior na sílaba referida. Contudo, observando na Figura 12, a marcação das sílabas, nos permite perceber a linearidade estabelecida durante a emissão de todas as sílabas da palavra proferida. Essa linearidade está manifesta na aproximação do tempo de duração de emissão das sílabas (embora sejam três sílabas de constituições

diferente: a primeira uma V, a segunda uma CV (o padrão mais comum das sílabas em português, considerado não-marcado) e a terceira uma CVV e de F^0 com quase que nenhuma variabilidade de nível de uma sílaba para outra da palavra. Logo, encontra-se a justificativa para que no momento da conversação a sensação corriqueira tenha gerado a percepção psicoacústica de uma palavra acentuada em sílaba pretônica diferente da verificada acusticamente.

O retorno ao Recorte 04 revela diferentes produções da mesma palavra alvo por JFB. No Turno 005 falou *ajutou*, no Turno 007 falou *achudou* e, finalmente no Turno 009 conseguiu falar *ajudou*. As duas diferentes produções analisadas nas Figuras 12 e 13, subtraídas dos Turnos 005 e 009, são parte de um contexto em que houve a tomada de turno pelo afásico. Portanto, é provável que o assalto ao turno, um dos fenômenos próprios da momentaneidade típica da conversação (FÁVERO *et al*, 2010), tenha gerado influências sobre a produção de *ajudou* que, por conseguinte, teve de ser retomada e reformulada tanto do ponto de vista fonêmico quanto prosódico.

A retomada de *ajudou* (Figura 13) traz propriedades acústicas bem distintas da produção inicial. Primeiro é preciso considerar que, em termos gerais, mesmo durante a parafasia cometida a primeiro momento, JFB tenta preservar o padrão prosódico da palavra alvo ao prolongar, mesmo que minimamente, a sílaba tônica. Esse acento coincidente com o esperado acento lexical, conforme Scarpa (2005), sofre a influencia dos domínios superiores da hierarquia prosódica acima da palavra, o que justifica, em parte, a ocorrência da parafasia ao mesmo tempo em que reforça a hipótese do "espelho invertido" de Jakobson de que aquilo que primeiro é adquirido na fase de aquisição da linguagem é aquilo que mais perdura nos afásicos por ocasião da perda.

Na Figura 13 os correlatos acústicos de intensidade, duração e F^0 revelam-se em curvas com variações em que duração está nitidamente maior na sílaba lexicalmente tônica da palavra, a intensidade e a F^0 parecem se assemelhar no seu ponto mais elevado tanto na tônica, a última sílaba, quanto na penúltima, mas estão levemente aumentados na sílaba tônica. Este aumento no correlato acústico duração da sílaba, em relação às demais que compõem a palavra é compatível com a variação prevista para a emissão da sílaba acentuada (Scarpa, 2012). O afásico se apropria de recursos previstos na língua marcados pelo léxico e gramática, mas que, sob a influência do contexto, tem por finalidade gerar sentidos diversos, conforme sinaliza Brazil (1985).

4.4.5. Que *nada*, você *fala*!

A transcrição que se segue é o recorte de cerca de quarenta segundos de uma conversação entre os participantes do GCA da UNICAP que também ocorreu no encontro do dia 17 de julho de 2014. O tópico tratado gira em torno das dificuldades dos afásicos em voltar ao cotidiano e suas atividades, especificamente, tratam sobre as complicações e implicações em voltar a dirigir seus próprios automóveis.

No Recorte 05 será investigada a fala do informante FANC em um contexto em que as interações ocorrem também com a participação dos informantes MAF, JFB e a pesquisadora responsável pela pesquisa (P1), além da presença de outros afásicos e pesquisadores participantes do GCA que, no momento, interagem por meio da escuta.

Recorte 05 - Transcrição de que *nada*, você *fala*!

Turno	Informante	Discurso
001	P1	/ ôh MAF / e voCÊ / caDÊ o CARro /
002	MAF	/ num POto/ [num POto não /
003	P1	/ [não tá po / agora não tá podendo não /
004	MAF	/ num FAlO AINda / POde ainda faLAR / num tei faLAR/
		/ por QUE / o QUÊ / o QUÊ / ((fazendo gesto de levar a mão a boca))
005	FANC	/ é NAdA raPAZ / [FAla /
006	P1	/ [voCÊ num tá faLANdo /
007	MAF	/ o QUÊ / ((olha para FANC com expressão séria))
008	FANC	/ por QUE /
009	JFB	((gargalhada))
010	FANC	/ Ave maRIa /
011	MAF	/ o CARro ((gesto de dirigir)) / () /
012	FANC	/ na na NAdA / oXENte / FAla / oXENtes /
013	MAF	((sorri e desvia o olhar))

Antes de passar à análise da conversação com seus elementos prosódicos será dada uma atenção especial às marcas de subjetividade presentes na fala de MAF e FANC pois, segundo Scarpa (2001), é por via da interpretação dessas marcas presentes no discurso que se compreende com mais clareza a relação do sujeito com sua língua modificada, com o outro e com sua própria doença.

Na conversação impressa no Recorte 05, a pesquisadora endossa o tópico conversacional voltado para as habilidades dos afásicos questionando MAF sobre o seu automóvel. A afásica, por sua vez, responde ao questionamento levantando a relação entre não poder dirigir e não poder falar, curiosamente narra sua dificuldade em falar dizendo oralmente "não posso, não posso, não sei falar". Essa dificuldade em lidar com a linguagem, para Melo *et al* (2011), provoca um auto estranhamento por parte do sujeito afásico, o qual sente uma falta, "sente como se tivesse perdido algo que fundam sua subjetividade, sua identidade" (p.13). Fonseca e Vorcaro (2006) investigaram os efeitos subjetivos do "não falar" de uma paciente afásica que não falava por via oral, mas que pela escrita dizia tudo o que se propunha e percebeu que o problema da não identificação de sujeito falante está na relação com o outro, esse outro que, diferente de FANC, não compartilha da identidade de afásico e requer uma "fala como era antes".

Não é aleatória a fala de FANC, nem é que ele em alguns momentos também não tenha reconhecido sua dificuldade em falar e nem tenha se identificado com essa imagem de não falante a que os afásicos estão submetidos, como aconteceu de narrar em algumas ocasiões que não podia/não conseguia falar, mas o que estava marcado no questionamento inicial da pesquisadora não era a habilidade em falar e sim a habilidade em dirigir, o que para FANC, mesmo com suas dificuldades motoras ainda é uma atividade que desenvolve regularmente. Assim, dizer "que *nada*, você *fala*" é, ao mesmo tempo em que se identifica e estimula o outro enquanto sujeito falante, também expressar que o outro tem condições de dirigir, pois que MAF nem aparenta ter impedimento motor para tal atividade se comparada a FANC.

Do ponto de vista entoacional, a fala de FANC, no Recorte 05, é caracterizada pelo predomínio do uso dos tons descendentes, o quais para Brazil (1985), sinalizam um contexto informativo em que tanto pode haver a transmissão de informações novas quanto divergentes. Ao atentar para os Turnos 005, 010 e 012 é possível perceber que a fala do sujeito deixa na superfície da interação explícita sua contrariedade à fala do outro sujeito. Logo, o elemento textual, o contextual e o prosódico se apoiam a fim de gerar, por via da conversação, um sentido idealizado pelo falante.

A análise da organização da conversação em turnos no Recorte 05 leva a verificação da participação mais ativa dos afásicos FANC e MAF do que da pesquisadora. P1 abriu o discurso e na sequência não conseguiu mais ter o repasse de um turno conversacional, as

ocasiões que obteve o turno foi por tê-lo tomado de assalto, como se vê nos Turnos 003 e 006. Por um lado, a pesquisadora tomou o turno em um lugar que Marcuschi (1986) denomina como relevante, pois o fez enquanto o interlocutor (em uma ocasião FANC e na outra MAF) fazia uma pausa, o que não caracteriza uma falta, mas uma atitude prevista para a organização conversacional, mas por outro lado viola a regra de falar um de cada vez, conforme Dionísio (2012). MAF e FANC, por sua vez, calam-se e cedem o turno (Turnos 002 e 005), mas logo na sequencia retomam após a fala da pesquisadora.

Outro ponto interessante na fala de FANC é a repetição silábica feita no início do Turno 012, essa repetição, entendida como uma das estratégias de construção do texto falado (SILVA; CRESCITELLI, 2006) não se configura como uma hesitação com características de descontinuidade da materialidade textual como prevê Marcuschi (2006), pois não tem características de tom neutro, mas se assemelha muito mais a uma construção enfática pertinente ao processo formulativo para a fala, que encontra apoio nos estudos do mesmo autor (ver Marcuschi, 2006b).

A investigação da ênfase na conversação, retratada no Recorte 05, que ocorreu por vias do contraste das palavras *nada* e *fala*, visualizadas nos Turnos 005 e retomadas no Turno 012, são objetos da análise acústica no Software PRAAT representada pela Figuras 14, 15, 16 e 17.

Figura 14 - Primeira produção de *nada*.

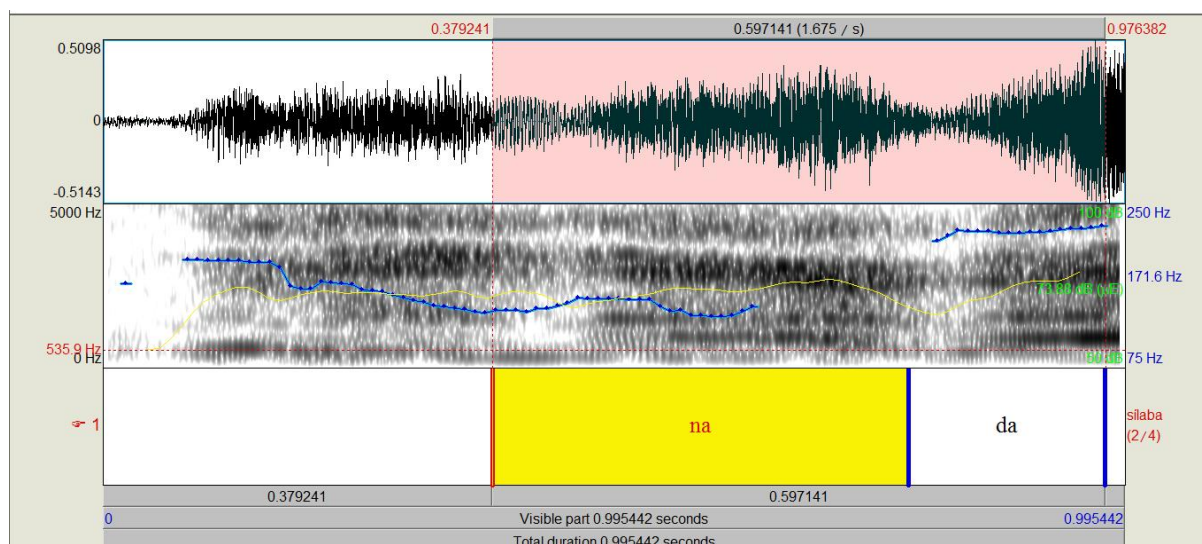
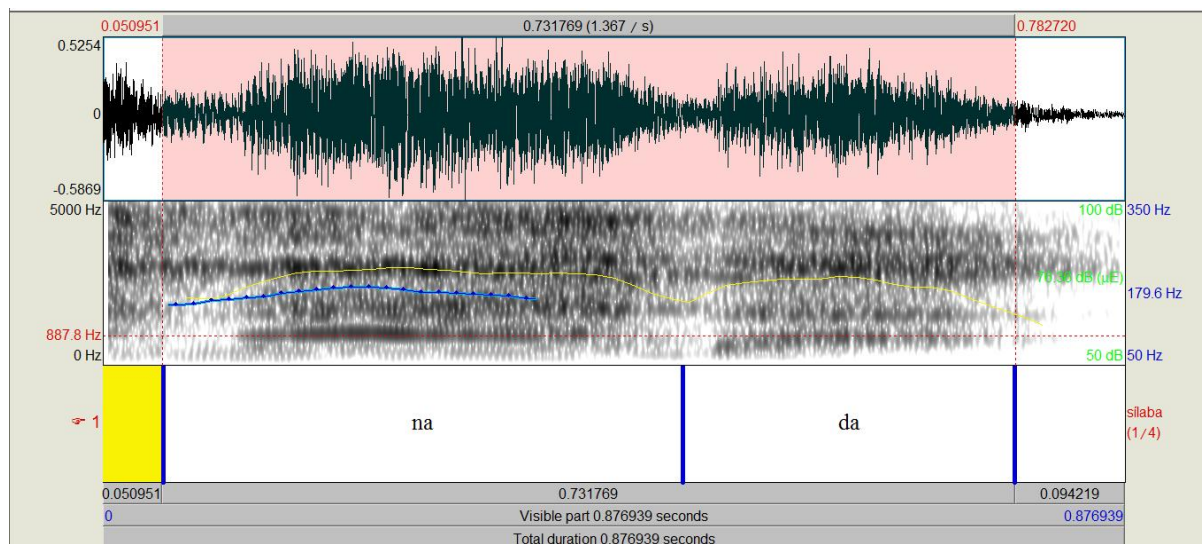


Figura 15 - Retomada da produção de *nada*.



Tanto na primeira emissão da palavra *nada* quanto na segunda emissão, a sílaba acentuada pelo falante foi a sílaba coincidente com a gramaticalmente tônica, consideração esta, feita com base no correlato acústico de duração, o qual está nitidamente aumentado em relação à sílaba átona. Esse dado contribui para reforçar o que já foi dito anteriormente de que o acento enfático que faz com que o falante torne a sílaba proeminente tem o propósito de gerar sentidos possíveis e facilitar o contexto comunicativo interativo, conforme Brazil (1987).

Considerando a palavra como um todo, o contraste da duração das duas emissões da palavra *nada* (Figuras 14 e 15) revelam que a retomada da palavra ocorreu com duração maior em relação à palavra dita no primeiro momento. Com base no pressuposto de que o aumento na duração, quando contrastado com os valores de outras sílabas presentes no discurso, é o elemento mais relevante na determinação da proeminência (LIRA; AGUIAR, 2007), é permitido inferir que, ao falar a palavra em uma velocidade mais lenta o afásico a faz enfática. Essa escolha de FANC é um dos aspectos determinantes de sua entoação que além de caracterizar sua preferência entoacional também aponta um significado específico à interação verbal (BRAZIL, 1985).

A intensidade e a frequência que também são parâmetros físicos importantes na determinação entoacional operam em consonância com a duração (BRAZIL, 1985). Nas Figuras 14 e 15 a intensidade traça uma curva em que há pouca variabilidade de altura, o que determina limiares bem parecidos durante toda a emissão da palavra. Contrariamente, o

correlato acústico frequência se desenha de maneira diferente em ambas as produções e de maneira arbitrária. Na Figura 14, a F^0 apresenta-se mais elevada na sílaba átona e se mantém mais baixa na sílaba tônica. Essa é correlação inversamente proporcional de aumento da duração em sílaba proeminente não coincidente com a tônica e diminuição da F^0 em relação às demais sílabas que compõem a palavra não é uma particularidade exclusiva da análise acústica dessa figura, mas uma reafirmação do que vem ocorrendo em outras análises. Caso semelhante ocorreu com uma palavra que, de igual modo, é composta por duas sílabas e que a tônica é a penúltima. Ainda sobre a altura esse acontecimento levanta a reflexão sobre uma provável reordenação nos parâmetros físicos para se processar a ênfase. Para reforçar esta hipótese, segue uma outra palavra de dupla ocorrência que na continuidade da conversação apresenta-se sob as mesmas curvas acústicas que as últimas descritas. Veja-se as Figuras 16 e 17.

Figura 16 - Primeira emissão de *fala*.

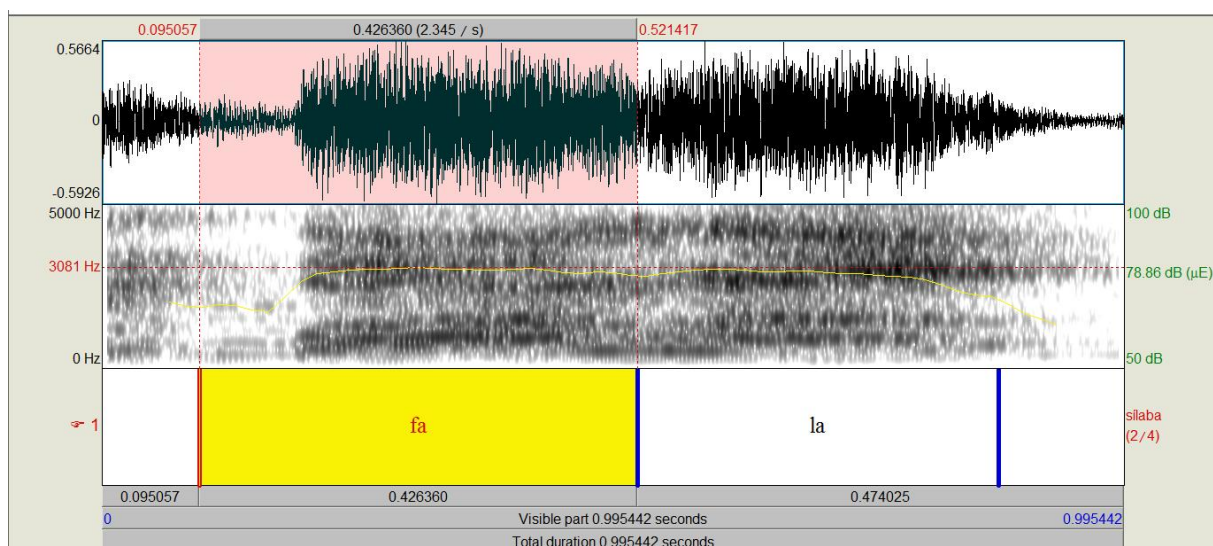
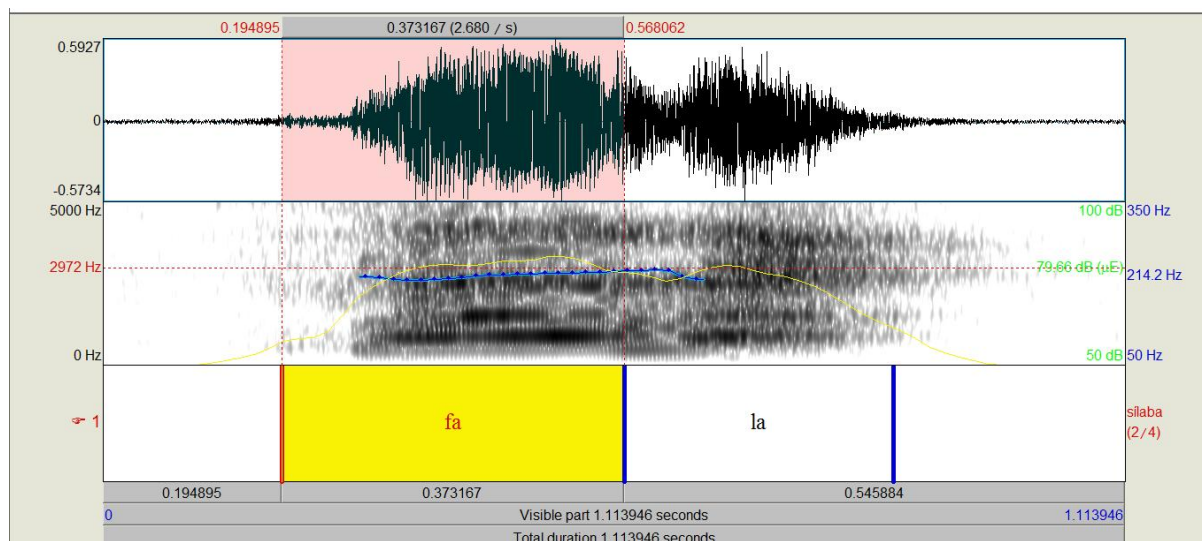


Figura 17 - Retomada de *fala*.



O traçado da Figura 16 apresenta uma descrição que permite afirmar que a tônica da palavra foi também a sílaba acentuada enfaticamente, somente considerando a sua duração. Quanto ao traço referente à intensidade, fica claro que este se mostra contínuo ao longo do dado, levando-nos a entender que a intensidade de fala não é um fator determinante da ênfase. A F^0 , por outro lado, não foi descrita no espectrograma apresentado pela Figura 16, pois, devido a alta ocorrência de ruído durante a emissão da palavra, o dado apresenta-se mascarado.

As escolhas dos falantes por certas manipulações dos parâmetros físicos de altura, duração e F^0 são determinantes do padrão entoacional (BRAZIL, 1985) e, a Figura 17 revela que não são aleatórias, mas que são de ocorrência sistemática pela observação comparativa com a Figura 15, a qual apresenta-se sob igual forma. Na Figura 17 observa-se um discreto aumento da duração na emissão da sílaba tônica da palavra, a intensidade mostra-se quase que linear durante toda a palavra com discreto aumento na tônica e a F^0 ausente, sobretudo, no final da emissão da sílaba átona.

Uma observação da relação entre as Figuras 14 e 16, 15 e 17 que retratam a primeira e segunda emissão das palavras *nada* e *fala* respectivamente, gera o entendimento de que, embora se trate de palavras diferentes ao mesmo tempo em que estruturalmente semelhantes, foram produzidas pelo falante com uma manipulação dos elementos físicos tão semelhante que geraram no espectrograma curvas tão similares que levariam à confusão entre a palavra

proferida, caso não estivesse acrescida a camada referente a divisão silábica, a qual resulta na palavra que deu origem ao sinal sonoro.

4.4.6 FANC pede *peráí* e MAF pede para a conversação ser mais *devagar*

A conversa ocorrida no dia 17 de julho de 2014, descrita inicialmente no Recorte 05, teve continuidade com a tentativa de FANC de transmitir suas ideias aos participantes do grupo. O trecho conversacional que compõe o Recorte 06 ocorre após cerca de oito minutos da conversação apresentada anteriormente. No Recorte 06 as interações ocorrem com a participação ativa de FANC (informante analisado por momento), A1 (sujeito afásico participante do GCA), P1 (pesquisadora responsável), P2 (outra pesquisadora participante do GCA), JFB (afásico participante da pesquisa não analisado nessa transcrição) e MAF (outra informante também analisada no recorte que se segue).

Recorte 06 - Transcrição de *perai*, devagar.

Turno	Informante	Discurso
001	FANC	↘ → ↘ → → → → / Oa / eu vo / Oa / é / é / é / é / é / é / ((aponta para cima na diagonal))
002	A1	↘ / SEi não /
003	P2	↗ / ãNH /
004	A1	↘ / sei NÃO /
005	P2	↗ / SAbe NÃO /
006	FANC	↘ → → / calma AÍ / é / é / ((gesticula pedindo calma))
007	JFB	↘ / VÁ profesSOra / ((sorriso))
008	FANC	↘ ↘ ↘ ↘ / perai perai / perai / peRAi raPAZ /
009	MAF	↘ ↘ / devaGAR / deVAgar / () /
010	P1	((sorrisos e falas sobrepostas)) ↘ ↘ / É / tá CERto /
011	MAF	/ () / ((faz expressão facial e corporal com um gesto convencionalizado de pedir pra parar direcionado a JFB))

Uma informação não contida nos trechos transcritos, mas que serve para contextualizar é que FANC, de posse do turno conversacional, vêm falando de sua habilidade de dirigir um carro mecânico, em suas palavras, aquele que é de marcha. Daí, segue-se as hesitações na tentativa de manter a posse do turno, ao mesmo tempo em que há o objetivo de se expressar pela fala.

É interessante notar que do ponto de vista estrutural, a conversação descrita no Recorte 06 apresenta elementos organizacionais bem próprios do texto oral, como a divisão em turnos, as hesitações, as pausas, as ênfases, mas além disso, elementos linguísticos, paralinguísticos e

socioculturais fazem a interpretação da atividade conversacional ter maior relevância, o que tem o respaldo de Marcuschi (1985).

Sob o ponto de vista linguístico da conversação, quando FANC diz *oa* (Turno 001), uma referência para o marcador discursivo interacional²⁰ *olha*, há uma intenção em chamar a atenção do outro, um movimento que propõe envolvimento interpessoal que faz com que o locutor se dirija a um determinado ouvinte, com expressões ou formas linguísticas familiares a este. Além disso, é próprio da emissão de *olha* a entoação exclamativa. Assim, a própria palavra por si mesma oferece a pista quanto ao tom descendente usado pelo falante.

O uso do gesto por FANC apresentado no Turno 006 e por MAF no Turno 011, além de sua expressão facial de negação e seu olhar direcionado a um outro afásico são altamente relevantes, pois os elementos paralinguísticos partilhados durante a interação são indispensáveis para que esta seja bem-sucedida (MARCUSCHI, 1986). Esses recursos paralinguísticos, dos quais se apropriaram os afásicos, serviu, nesse contexto, para tornar enfático aquilo que se transmitia pela fala (no caso de FANC) e para dar entendimento àquilo que não se conseguia transmitir pela fala (no caso de MAF).

Ao falar *calma aí*, no Turno 006, na medida em que hesita, o gesto feito por FANC preenche a lacuna e enfatiza o que vinha sendo dito. No Turno 011, MAF tenta transmitir algo pela fala, mas não é bem-sucedida, pois, além de uma considerável desintegração na produção do fonema que dificulta a inteligibilidade de sua fala, a situação comunicativa imediatista da atividade conversacional prejudica a sua performance espontânea de fala. Daí, o uso do gesto, expressão facial e olhar associados e com base no contexto gera o entendimento do conteúdo de sua fala e a quem se dirige enquanto fala.

Socioculturalmente falando o Recorte 06 revela uma grande dificuldade, mesmo entre os afásicos, em oferecer escuta ao falante enquanto esse não encontra a palavra para a fala. Essa dificuldade em dar escuta ao outro está bem marcada no Turno 007, em que o afásico tira o direito do que hesita de falar e passa a vez para o outro (um pesquisador, no caso). Conquanto, a tomada de turno seja culturalmente de ocorrência frequente no Brasil e que a pausa se manifeste como um espaço indicativo e relevante para a tomada de turno, há que se considerar que o contexto e as pausas preenchidas também apontam a necessidade do falante em manter o turno (MARCUSCHI, 1986).

²⁰ ver mais detalhes em Urbano (2006).

Outra questão importante com base no aspecto sociocultural é que a anomia de FANC pode estar relacionada a sua dificuldade em tratar das coisas cotidianas de sua própria vida, pois, segundo Melo *et al* (2011) constataram, os afásicos, ao tratarem de temas mais difíceis ligados a sua subjetividade, cometem, dentre outras particularidades, um maior número de interrupções, pausas e esquecimentos.

Do ponto de vista organizacional da conversação, as múltiplas repetições de *é* no Turno 001 são, ao mesmo tempo em que, uma estratégia de construção do texto oral, como afirma Silva e Criscitelli (2006), uma tática para manter o turno conversacional. O contexto de espontaneidade da situação comunicativa, em que FANC não é questionado, mas toma a posse da palavra é a justificativa para as repetições hesitativas, que são aquelas que não têm significado semântico e são muito características de pausas preenchidas que encontra apoio em Marcuschi (2006a). O autor refere que o contexto espontâneo é muito favorecedor para uma menor ocorrência de pausas silenciosas. Esse tipo de hesitações, com base na Teoria desenvolvida por Brazil (1985), assumem o tom neutro, pois fazem parte do processo de organização discursiva.

Outras repetições são encontradas ao longo da conversação, mas diferentemente da observada no Turno 001 não são características de hesitação, mas estão muito mais relacionadas à ênfase, o que, segundo Jubran (2006), é uma das funções da retomada de um item lexical. Um exemplo disso está no Turno 008 em que FANC repete *perai* por quatro vezes e no Turno 009 MAF por duas vezes consecutivas fala a palavra *devagar*. A análise prosódica das palavras *perai* e *devagar*, por meio dos espectrogramas gerados pelo PRAAT, será mediante as Figuras 18 e 19 para a primeira e 20 e 21 para a segunda palavra.

Figura 18 - Emissão de *perai*.

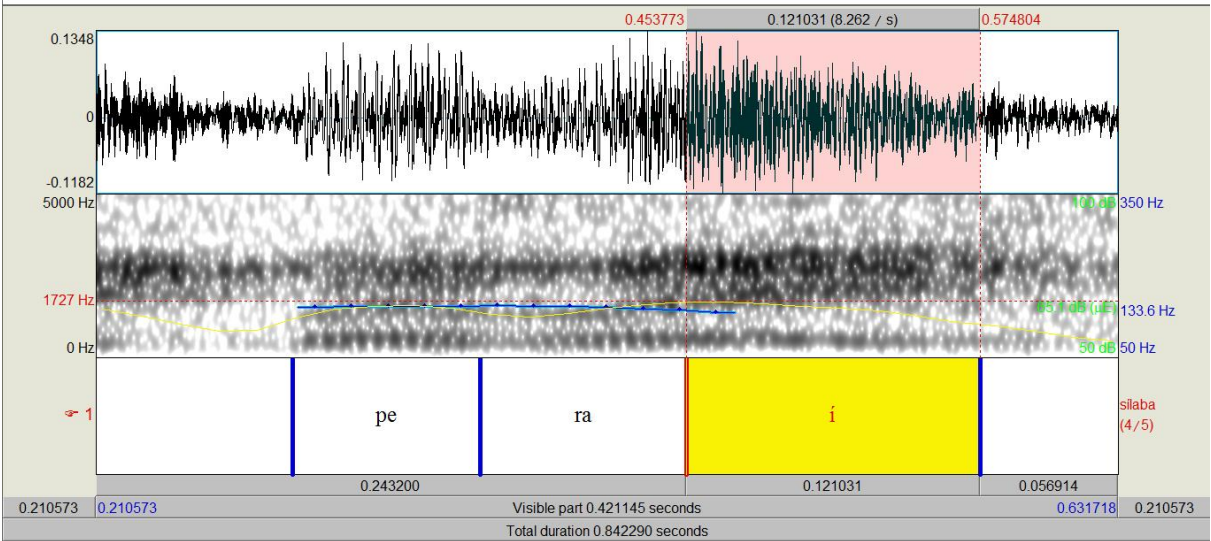
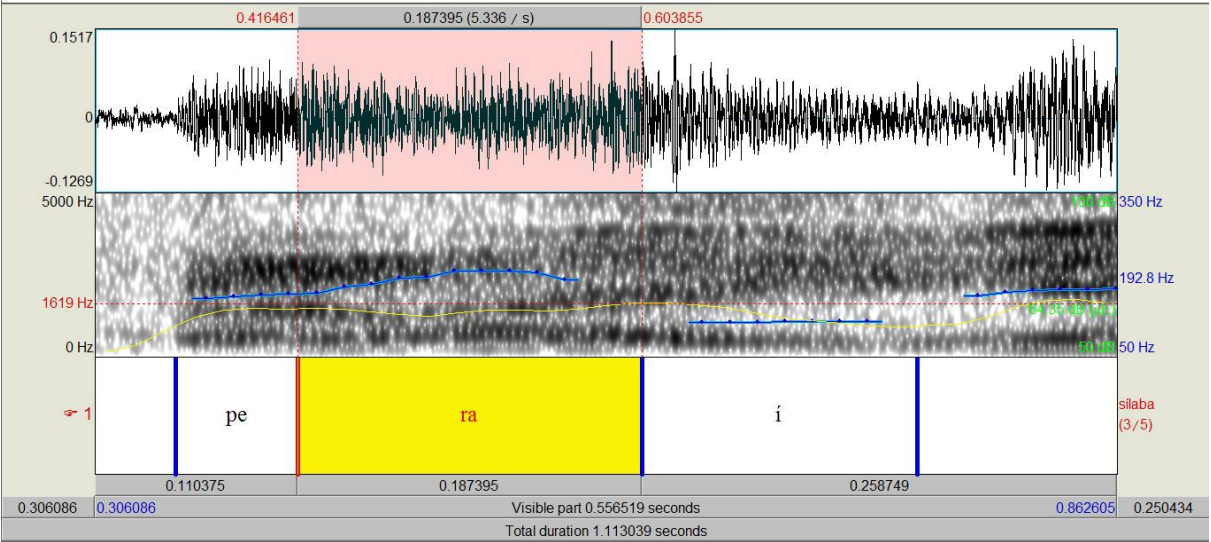


Figura 19 - Retomada de *perai*.



Antes da análise do espectrograma é preciso esclarecer que foram recortadas para a análise acústica a segunda e a última emissão da palavra *perai* dentre as quatro proferidas por FANC no Turno 008 do Recorte 06. Não foi investigada a primeira emissão do falante, pois estava com falas de fundo, o que prejudica bastante a análise. Outra informação importante é que *perai* não é uma parafasia em que há dificuldades para a emissão da palavra alvo, mas que a produção *perai* baseada em *espera aí* é muito mais justificada pelas simplificações comuns à linguagem oral.

A Figura 18 apresenta o espectrograma da primeira emissão analisada de *perai*, sobre a qual é permitido afirmar que há um aumento na duração da sílaba tônica, enquanto F^0 está ausente ao final da emissão da sílaba, pois pode ter ocorrido a interferência de alguma fricativa durante a emissão da vogal, gerando pólos e zeros. A intensidade manifesta-se linear com uma discreta elevação em sílaba tônica. Essas apreciações servem apenas para caracterizar a sílaba tônica como a mais proeminente, sobretudo, considerando o parâmetro duração para essa afirmação.

Na Figura 19 visualiza-se uma mudança nos padrões prosódicos para a produção da mesma palavra que permitem reafirmar que a intenção em retomar tenha o propósito de dar ênfase à palavra, pois nessa retomada a sílaba acentuada não coincidente com a tônica estabelece uma relação de efeito de sentido (BRAZIL, 1986). A afirmação de que a sílaba proeminente é a pretônica deve-se ao fato de que esta tenha sido a de maior duração e F^0 conjuntamente. A intensidade, por outro lado, permaneceu estável durante a produção da palavra referida.

Ainda sobre a repetição de palavras com diferentes características acústicas e os diferentes efeitos consequentes dessas produções serão analisadas as Figuras 20 e 21.

Figura 20 - Primeira emissão de *devagar*.

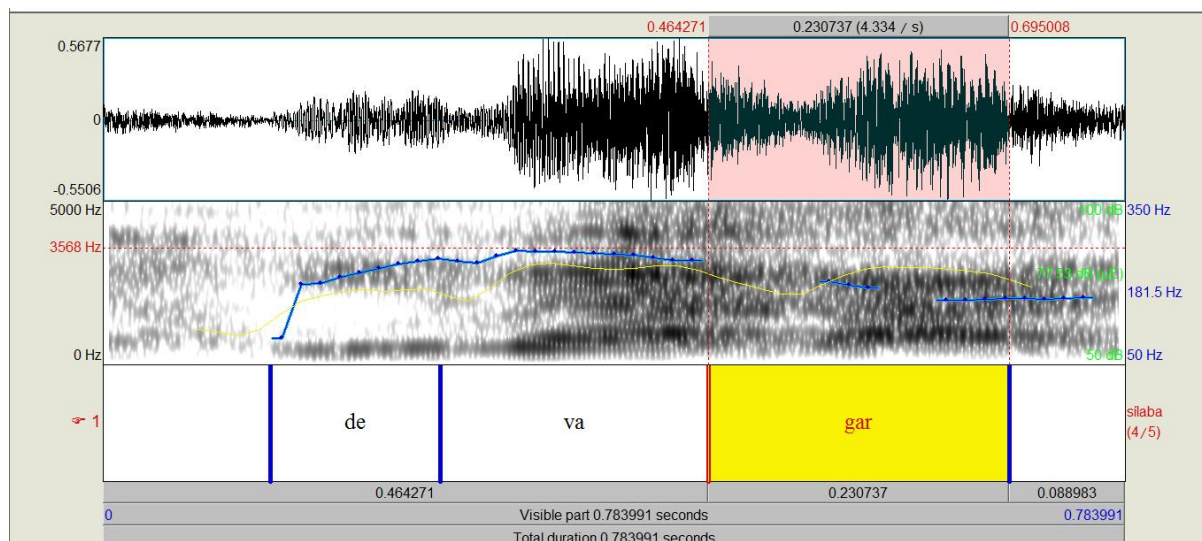
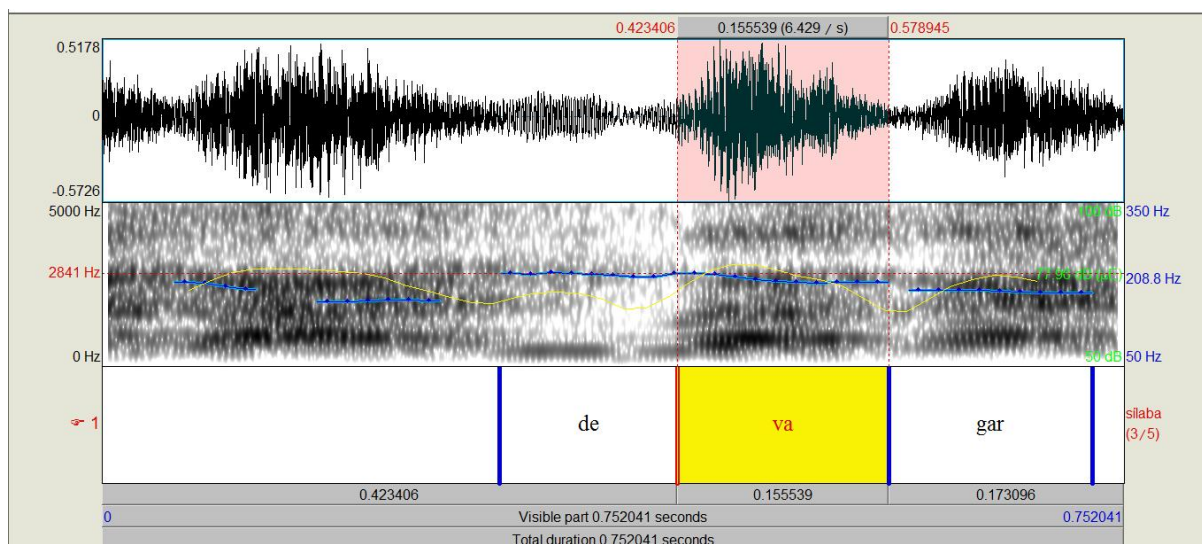


Figura 21 - Repetição de *devagar*.



A palavra *devagar*, que sob a ótica do léxico e da gramática é uma palavra acentuada em sua última sílaba, sofreu acentuação de distribuição livre nas diferentes produções. Na Figura 19, por exemplo, há um prolongamento da última sílaba, o que gera a compreensão de que além de ser a sílaba gramaticalmente tônica esta é também a sílaba mais proeminente da palavra. Quanto a F^0 , apresenta-se mais elevada em sílaba pretônica e a intensidade, tanto na última quanto na penúltima sílaba, parece desenhar uma curva bastante semelhante em nível de altura.

Na Figura 21 é correto afirmar que a palavra *devagar* recebeu por parte de MAF uma ênfase na sílaba pretônica que faz com que esta seja a sílaba proeminente, dando, com isso, evidência à palavra e seu sentido situado no discurso. Esse reconhecimento da proeminência em sílaba pretônica dá-se pelo aumento da duração, da intensidade e da F^0 (se comparada à tônica) na referida sílaba. Se considerado o aspecto contextual de que essa conversação tem origem com as hesitações de FANC, e que, a palavra *devagar* é uma retomada também do pedido de FANC para esperar (um dos sentidos possíveis), é permitido reafirmar a tese de que discursos semelhantes se diferenciam pela questão do destaque de distribuição livre, como refere Brazil (1986).

4.4.7 A conversação sobre o *presídio*

Conforme previamente apresentado na metodologia, semanalmente, os encontros do GCA da UNICAP iniciam com uma atividade em que os participantes compartilham as notícias da semana, as quais podem ser resultados de suas leituras de jornal ou revista, mas também podem ser fruto daquilo que viram e ouviram pela televisão. Em geral, os afásicos participantes do grupo trazem notícias percorridas na mídia televisiva, pois, com raras exceções, a maioria afirma não conseguir ler.

Esse momento inicial dos encontros é um momento interessante de promoção da conversação, momento em que se sentem mais livres para falar o que lhe vem à mente, falam mais espontaneamente, se aproximam em nível cultural e social pelo assunto comum a todos, assim como verificou Sampaio (2010). Além disso, a relação de fala entre os afásicos se apresenta simétrica, com base na perspectiva de Dionísio (2012), porque todos têm direitos iguais quanto a oportunidade de fala.

No Recorte 07 será analisada a repetição e a ênfase prosódica na fala do informante EAC, contudo, contextualizadamente será observado o seu diálogo na interação com o JFB (sujeito afásico participante do grupo e da pesquisa), com P2 (pesquisadora, à época mestranda em Ciências da Linguagem) e P1 (pesquisadora responsável pelo estudo).

Recorte 07- Transcrição da conversação sobre o *presídio*.

Turno	Informante	Discurso
001	JFB	/ a seNHOr<u>a</u> viu aquele neGÓ<u>ci</u>o / de ON<u>te</u>m / lá / / em pauLI<u>st</u>a / se / se / se / se / CIN<u>co</u> / se / CIN<u>co</u> N<u>ã</u>o / / SE<u>is</u> / SE<u>is</u> e ME<u>ia</u> / o CA<u>ba</u> maTO<u>u</u> a / muL<u>É</u> / MA<u>i</u> V<u>ê</u> / / que ô / é / é mas Ela tamB<u>ém</u> / é SEM verG<u>on</u>ha unh / / Ela /
002	P2	/ [SE <u>u</u> JFB /
003	JFB	/ [tamaL <u>AN</u> do o laD <u>ã</u> o / DEN <u>to</u> do / do / diD <u>í</u> deo /
004	P2	/ Ela o QU <u>ê</u> /
005	JFB	/ e <u>la</u> el /
006	P1	/ [namoR <u>AN</u> do /
007	JFB	/ [MAN <u>do</u> com o laD <u>ã</u> o lá / do visT <u>í</u> do /
008	P2	/ [com o viZ<u>ín</u>ho / / e disSE<u>ra</u>m isso /
009	P1	/ [[(N <u>ã</u> o / o laDR <u>ã</u> o do preS <u>í</u> dio /
010	EAC	/ [[N <u>ã</u> o /
011	JFB	/ [[N <u>ã</u> o / o piD <u>í</u> do /
012	EAC	/ priS <u>í</u> dio /

013	JFB	↙ ai / → ela /
014	EAC	↙ [priSÍdio /
015	P2	/ namoRANdo ↗ lá no preSÍdio /
016	JFB	↙ foi /

Sob a ótica dos eixos descritos por Jakobson (1995), o sujeito EAC manifesta uma afasia em que seu distúrbio repousa sobre o eixo da contiguidade, assim, durante as conversações percebe-se que esse afásico sente bastante dificuldade na elaboração de frases e enunciados, limitando-se a falar palavras isoladas, em geral, já ditas por outro falante, como se verifica no Recorte 07.

O Recorte 07 inicia pela transcrição da fala de JFB que, por sinal, é um sujeito bastante falante, mas que tem dificuldade mais significativas no eixo da similaridade e, por isso, sente dificuldades e selecionar a palavra cometendo parafasias que são interpretadas graças ao contexto. É nesse contexto que JFB e EAC se complementam, se entendem, conversam, bem como os demais afásicos participantes do grupo.

São sobre as parafasias cometidas no Turno 003 que a conversação se desenvolve, com uso de diferentes entoações (tons ascendentes, descendentes e neutros) dos falantes, os quais tem o propósito de partilha e transmissão de novas informações, além de organização discursiva para a fala. EAC em resposta a uma das parafasias cometidas no Turno 003 responde no Turno 012 cometendo uma outra parafasia ao falar *prisído*.

Ao analisar detalhadamente a emissão de *prisído* é necessário fazer duas considerações. A primeira é de que essa emissão, tratada como uma parafasia, toma por base a análise da última sílaba e a segunda é que linguisticamente falando, a antepenúltima sílaba que pela gramática deveria ser *pre* foi proferida com base na comunidade linguística que diz *pri*, sendo assim, a retomada da palavra no Turno 014 pode ser considerada adequada do ponto de vista de fala.

Outra coisa importante de se destacar, do ponto de vista organizacional da AC ao mesmo tempo em que prosódico, é que o sujeito que aparentemente não tem o domínio do enunciado manifesta a iniciativa ao responder e mesmo tempo retomar e reformular a fala cometendo um assalto ao turno, como pode ser conferido no Turno 014. A repetição ou retomada, portanto, é uma das estratégias que o sujeito se apropria para a construção da sua fala (SILVA; CRESCITELLI, 2006), a qual também tem função enfática (MARCUSCHI, 2006b). Sobre a ênfase na fala de EAC, no Recorte 07, segue as Figuras 22 e 23.

Figura 22 - Emissão de *presídio*.

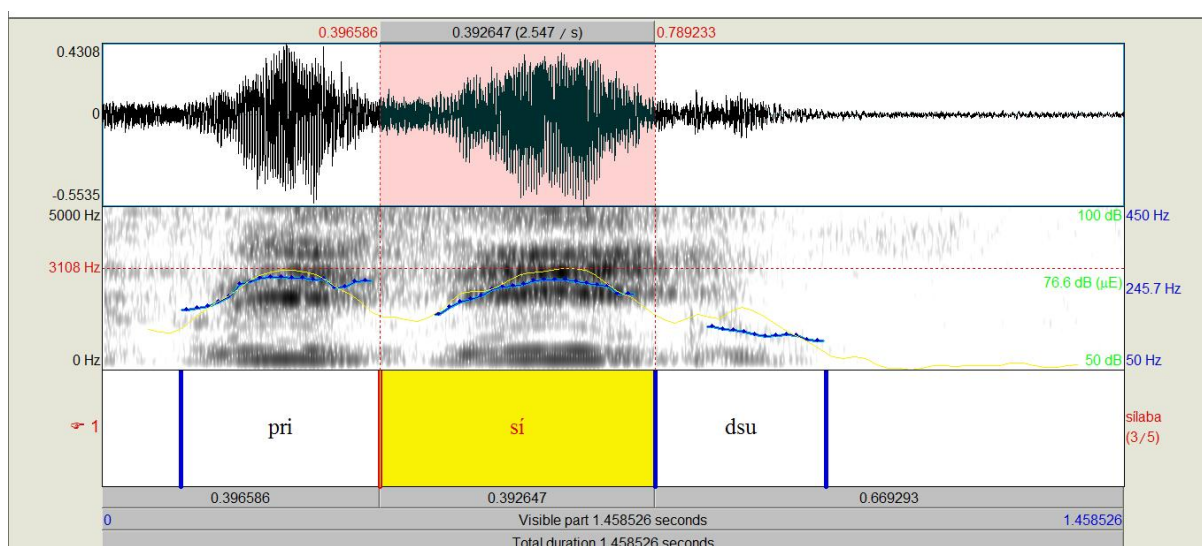
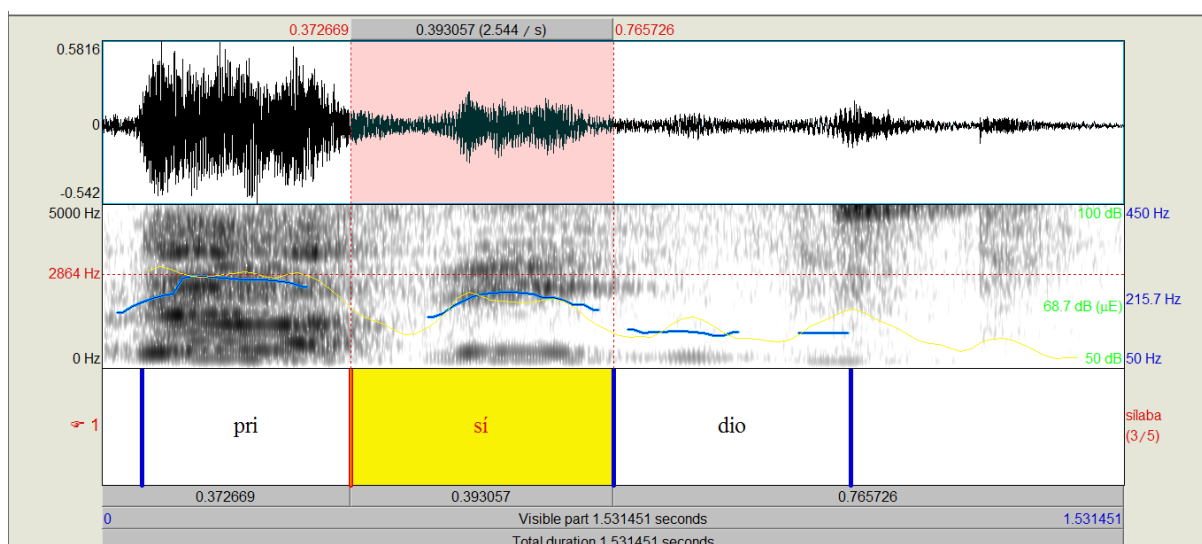


Figura 23 - Retomada de *presídio*.



A análise da repetição na fala de EAC visualizada nos espectrogramas representados pelas Figuras 22 e 23 permite reafirmar que o elemento prosódico ênfase mais que um recurso organizacional da conversação é também um elemento carregado da intencionalidade do falante, ou seja, é através desta e de outras variações prosódicas que o falante pretensamente destaca a sua intenção no discurso (WEISMER, 1996; SCARPA, 2012).

Detidamente sobre o acento que repousa nas duas emissões sobre a sílaba lexicalmente tônica, tendo por base o parâmetro acústico duração, que se encontra aumentado em comparação às demais sílabas que compõem a palavra, é possível estabelecer diferenças que traga sobre ambas distintas funções se analisado no contexto e em contraste entre as palavras em si e entre as demais sílabas de cada palavra.

À Figura 22 visualiza-se o espectrograma da emissão de *prisídsu* em que a parafasia fonológica, segundo a classificação de Rapp (2003), ocorre com preservação do acento primário da palavra alvo o que, segundo Scarpa (2001) é resultado de uma solução rítmica. Assim, na parafasia cometida por EAC há manutenção do padrão prosódico da palavra alvo. Outro aspecto a se considerar na Figura 22, e que levou à investigação da ênfase, foi a propriedade perceptual de um prolongamento da vogal *i* em *sí*. De fato, a propriedade acústica reafirma que a sílaba tônica é a mais proeminente, considerando o parâmetro da duração estar aumentado nesta sílaba. Com relação ao restante da palavra, a análise acústica revela uma distribuição de F^0 e intensidades bem lineares nas sílabas tônica e pretônica.

Na Figura 23, em que a distribuição dos parâmetros parece muito similar ao espectrograma desenhado na Figura 22, há que se informar um detalhe em especial. Na apresentação da sílaba pretônica, a antepenúltima sílaba da palavra, a *pri*, que diante do espectrograma mostra-se como a de maior intensidade e F^0 , não é permitido afirmar que a apresentação desses parâmetros seja fidedigna, pois trata-se de uma produção em que ocorrem falas simultâneas, o que pode mascarar a informação acústica, inclusive, apresentado dados visíveis no espectrograma que levam a interpretar que o sujeito tenha falado de fato [e] não [i].

Quanto a análise do parâmetro duração, a Figura 23 revela que a emissão da palavra ocorre com o prolongamento da sílaba lexicalmente tônica, semelhantemente ao que ocorre na Figura 22, porém, a duração das demais sílabas da palavra está bem mais distribuída igualitariamente na Figura 23 que na 22. Esse prolongamento maior da sílaba tônica em

relação às demais sílabas da palavra e em contraste com a sua retomada reforça que a primeira emissão, a de *prisídsu* exposta na Figura 22, foi feita com características acústicas que permitem reafirmar que tal emissão se diferencia enfaticamente da retomada da palavra e que essa produção enfática tem o propósito de gerar sentido diferente daquele que vinha sendo gerado no decorrer da conversação, considerando a premissa de Brazil (1986) sobre as diferentes produções de sentido viabilizadas pela proeminência.

4.4.8 A conversação sobre *hippie*

Conforme descrito no capítulo da metodologia, os encontros do GCA dividem-se em três momentos, cada qual com sua atividade específica e pré planejada. A transcrição apresentada no Recorte 08 é o resultado de uma atividade desenvolvida no segundo momento, em que é realizada uma atividade discursiva, do dia 21 de agosto de 2014.

A atividade consistia em conversar e/ou discutir sobre as propagandas antigas de rádio, as quais foram apresentadas aos participantes do grupo na forma de vídeo em que se transmitia as informações áudio- visuais relacionadas à referida propaganda e à medida que cada comercial era transmitido, pausava-se o vídeo para conversar sobre o referido comercial.

Essa foi uma atividade bastante rica de participação dos afásicos, as mensagens visuais relacionadas às músicas típicas de cada comercial faziam acessar, na memória, informações detalhadas do comercial que trazia lembranças de vivências. Logo, foram comuns as falas paralelas e sobrepostas. O sujeito afásico EAC, que tem sua fala analisada no recorte a seguir, foi um dos que falou bastante na ocasião, embora muito de suas falas tenham ocorrido paralelamente a outras, esse é um momento em que se reafirma a iniciativa de fala dos afásicos.

No trecho transcrito no Recorte 08, retrato de um momento raro durante a atividade em que foi possível ter um número reduzido de falas paralelas, será analisada a fala de EAC na conversação com P2 (pesquisadora que elaborou a atividade para a ocasião) e C1 (coordenadora responsável pelo grupo).

Recorte 08 - Transcrição da conversação sobre *hippie*.

Turno	Informante	Discurso
001	P2	/ manTER VIVA / a meMÓria do BraSIL /((leitura) /ÉÉ / com cerTEza pra meLHOR /
002	EAC	/ [HIPpie /((ruído de fundo na produção da primeira sílaba))
003	C1	/ HIPpie /((risada))
004	EAC	/ [ÉÉ / HIPpie /
005	C1	/ esse é HIPpie MERmo/
006	EAC	/ ÉÉ /
007	C1	/ [tem um negoCInho no caBElo / Óculos /((gestos))
008	P2	/ quem LEMbra /
009	C1	/[caBElo cumPRido /
010	EAC	/ ÉÉ/
011	C1	/ e asSIM / ((gesto de paz e amor))
012	EAC	((faz o mesmo sinal de paz e amor))
013	C1	/ paz e aMOR /

O Recorte 08 é o retrado mais fidedigno do quanto a conversação espontânea entre dois ou mais interlocutores é rica em informações. No Turno 001 a proponente da atividade, que já tem falado em momentos precedentes a este descrito, faz uma leitura de informações mostradas na tela de um computador, associada a imagens e vinheta do comercial. Note que é a leitura do conjunto de informações (auditivas e visuais) que faz desencadear a fala do EAC a partir de sua interpretação com base no gênero textual que se estava trabalhando, que era os comerciais antigos de rádio.

Já foi verificado em estudos²¹ prévios que o trabalho com os gêneros textuais nas atividades desenvolvidas com os afásicos servem de facilitador do contexto interativo, pois situam o assunto tratado dentro de uma esfera em que há um conhecimento específico mutuamente partilhado, o que facilita o entendimento e a continuidade do contexto enunciativo.

Do ponto de vista contextual a análise dos elementos linguísticos repousa sobre apenas uma palavra proferida pelo informante EAC no Turno 002, retomada ao mesmo tempo em que enfatizada no Turno 004, e que parece ter gerado sentido para a emissão de algumas outras falas que caracterizam a conversação. Quanto aos elementos paralinguísticos, é possível perceber o uso de gestos, que em certas ocasiões ocupam o lugar da palavra, como no Turno 012, além das risadas e expressões corporais visualizadas ao longo do Recorte 08. Para Marcuschi (2005) os elementos paralinguísticos (gestos, mímicas, movimentos corporais etc.) presentes tanto na oralidade quanto na escrita, agregam ao texto informações que falam por si só. Os diferentes participantes da referida atividade conversacional apresentam diferenças gritantes do ponto de vista sociocultural; contudo, essas distinções sanadas, pela identidade na relação de participantes de um grupo de afásicos, fazem que a proposta interativa ocorra satisfatoriamente para todos os atores que realizam a atividade.

A organização da atividade interativa apresentada no Recorte 08, se distribui em turnos conversacionais em que há vários assaltos e consequente repasse, de ocorrência não só entre os não afásicos, mas também com o afásico. Com o domínio enunciativo inicial de P2, a conversação se desenrola sob a força de diferentes ações. Primeiro, pela atividade interpretativa, o afásico assalta o turno, mas não se mantém como detentor do mesmo (Turnos

²¹ Conferir Oliveira (2008), Gonçalves (2008), Marinho (2008), Moura (2010), Novaes-Pinto (2012) só para citar alguns.

002 e 004). Segundo, C1 toma a posse do domínio da conversação, com uso dos tons descendentes, mas transmite informações entoacionais, sobretudo de pausas mais prolongadas, que a conduzem a sofrer várias interrupções (autorizadas pela informação prosódica na concepção de Dionísio, 2012) no fluxo de fala, como pode ser conferido nos Turnos 006, 008 e 010.

A repetição de palavras, que segundo Sampaio (2010), além de ser uma das peculiaridades da fala do afásico próprias de sua estruturação e organização discursiva, é também o indício da intencionalidade na fala marcado pela ênfase (MARCUSCHI, 2006b) será o objeto da análise acústica pela ocorrência do Turno 002 na Figura 24 e do Turno 004 na Figura 25.

Figura 24 - Primeira emissão de *hippie*.

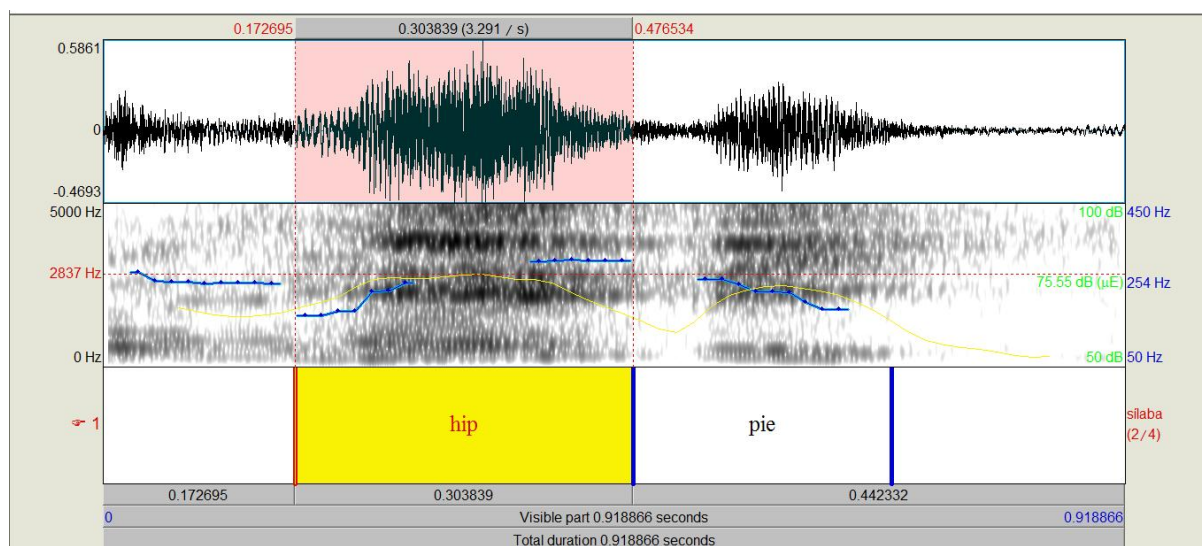
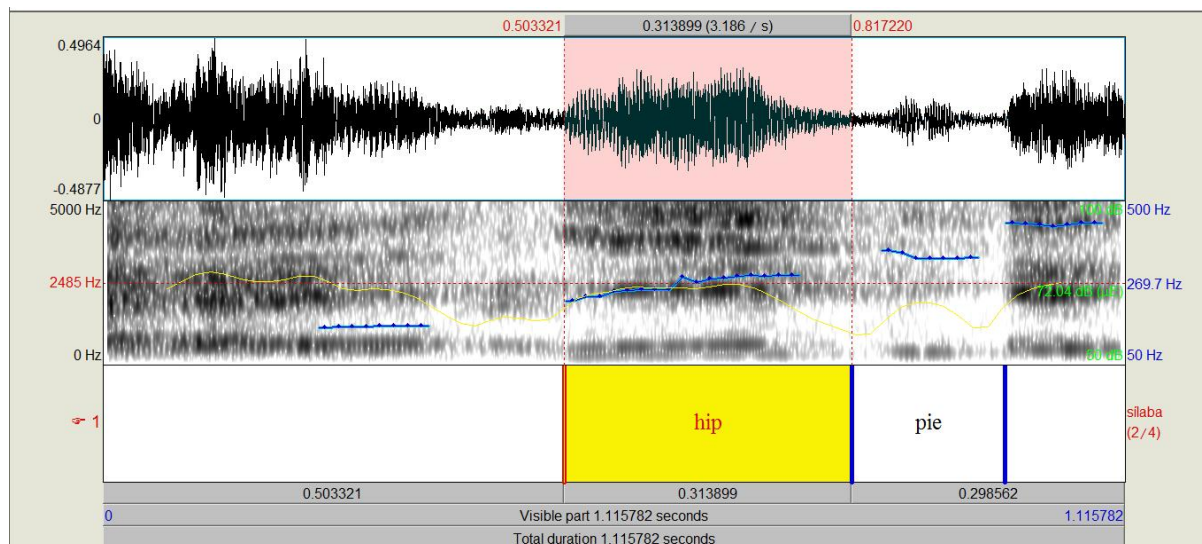


Figura 25 - Retomada de *hippie*.



Ao longo deste estudo, algumas retomadas com modificações prosódicas empreendidas pelo sujeito afásico ocorrem por repetições na tentativa de se desvencilhar das parafasias. Com o informante FANC ocorre diferente, pois o contexto do Recorte 08 revela que, mesmo sem pistas, a palavra surge adequada em seu discurso. Essa palavra, contudo, parece ocorrer precipitada para não "fugir à ponta da língua" no momento da conversação, daí fica sobreposta à fala do outro. As falas simultâneas e sobrepostas, contudo, são elementos que impõem dificuldades à análise acústica no Software PRAAT; entretanto, é importante reforçar que a proposta sobre a qual se firma esta tese é de cunho interpretativo com base na Teoria Interacional da Entoação de Brazil (1985) do evento conversacional em diálogo com Marcurschi (1986), o que viabiliza a análise de dados como o descrito na Figura 24, o qual ocorre com uma sobreposição de vozes em sua primeira sílaba.

Mesmo com essas limitações, é válido afirmar que a análise acústica possível revela que o maior tempo de duração, tanto a Figura 24 quanto a Figura 25 ocorre na sílaba gramaticalmente tônica, o que a torna também a sílaba entoacionalmente acentuada. Quanto ao parâmetro intensidade, em ambas as figuras está mais elevado em sílaba tônica. Um parâmetro acústico, porém, contrasta em ambas as emissões de *hippie*, que é a F^0 .

Na primeira ocorrência (Figura 24) a F^0 é maior em sílaba tônica e na retomada (Figura 25) a F^0 está mais elevada em sílaba postônica. Assim, com base nessas variáveis que possibilitam diferenciar acusticamente uma produção da outra, é possível afirmar que a

repetição das palavras idênticas, em termos lexicais, enunciadas com diferentes características prosódicas as diferenciam em termos de produção de efeito de sentido. Esses diferentes sentidos possíveis a uma mesma forma linguística são resultados da ênfase dada a uma palavra que não a outra, como afirma (BRAZIL, 1985).

4.4.9 O *dinheiro* na conversação de MAF

Trata-se de uma interação que ocorreu também durante o encontro do GCA do dia 21 de agosto de 2014. Nesse encontro participaram seis afásicos, além dos pesquisadores e coordenadora do grupo. Passado o primeiro momento de atividades do grupo, em que os afásicos compartilharam a notícias da semana veio o segundo momento, em que, a princípio, foi apresentado um vídeo com comerciais antigos de rádio e, após essa foi desenvolvida uma outra atividade, em que foi entregue aos participantes do grupo um encarte com promoções de produtos com o propósito de gerar uma conversação com reflexões sobre o consumismo.

O trecho recortado ocorre logo após ser trazido à conversa a colocação de que atualmente, no mundo moderno, foram criados diferentes eletrodomésticos com funções específicas, como os que fazem sorvetes, outros fazem pão, outros fazem bolos pequenos, enfim. No Recorte 09 há falas da informante (MAF) que terá sua fala analisada na ocasião, de outro afásico participante da pesquisada (EAC), da pesquisadora responsável por esta pesquisa (P1) e da coordenadora do grupo (C1).

Recorte 09 - Transcrição de *dinheiro* na conversação de MAF.

Turno	Informante	Discurso
001	P1	((trecho de fala em andamento)) / aí / mas eu fiQUEI penSANDo / / COmo as PESsoas / CRIaram COIsas /
002	C1	/ É /
003	P1	/ invenTaram COIsas / pra GENte consuMIR né /
004	MAF	/ diNHEI / diNHEIro / ((gesto))
005	EAC	/ diNHEIro /
006	MAF	/ É / ((balança a cabeça positivamente))
007	P1	/ e tem que TER diNHEIro né / pra ter isso tuDinho /

Quanto à organização entoacional, o compartilhamento de informações novas que faz menção aos tons descendentes (BRAZIL, 1985) foi de maior ocorrência no Recorte 09, com exceção de dois episódios de entoação ascendente, sendo a primeira em uma unidade tonal apresentada no Turno 003 e a segunda em outra unidade tonal no Turno 007. Todos os dois eventos se passam na fala de P1 que, por ocasião, tinha o domínio da atividade desencadeadora da conversação.

Dividido em turnos bem distribuídos, entregues e tomados em lugares relevantes pela marcação das pausas breves, as quais oportunizam ao interlocutor assumirem ao turno entregue, conforme preconiza Marcuschi (1986), o Recorte 09 inicia-se com a transcrição de fala de P1 que não faz uma pergunta, mas sim levanta uma reflexão sobre a temática proposta, o consumismo. Daí, imediatamente à reflexão proposta, MAF interage pragmaticamente ao introduzir na conversação o que está descrito no Turno 004. MAF fala somente em dois

turnos durante a conversação descrita; entretanto, um dos turnos, o 004, é bastante relevante para o contexto conversacional, uma vez que a única palavra proferida pela informante é central no desenvolvimento da conversação.

Embora não seja a fala do interlocutor o objeto de nossa análise, é importante considerar o contexto comunicativo em que é pertinente notar que P1 faz uma ênfase bem marcada pelo prolongamento de sílaba tônica nas palavras *coisa* e *inventaram* nos Turnos 001 e 003 que parece ter atingido sua intencionalidade, o que pode ser percebido pela manifestação dos dados linguísticos e paralinguísticos na fala de MAF no Turno 004 ao pronunciar desleixadamente e depois retomar com mais precisão a emissão da palavra *dinheiro* associada ao gesto referente à mesma. Assim, é interessante reafirmar que, para dar melhor inteligibilidade à interação, a proeminência, que tem como principal atribuição nortear o ouvinte na direção de determinado sentido idealizado pelo falante (BRAZIL, 1985), é tomada pelos participantes da interação, o que pode ser conferido pelo contexto comunicativo nos Turnos de 001 a 004.

O Turno 004 traz duas unidades tonais analisadas acusticamente através do software PRAAT, que serão apresentadas por meio da imagem do espectrograma pelas Figuras 26 e 27.

Figura 26 - Primeira emissão: *dinhei*.

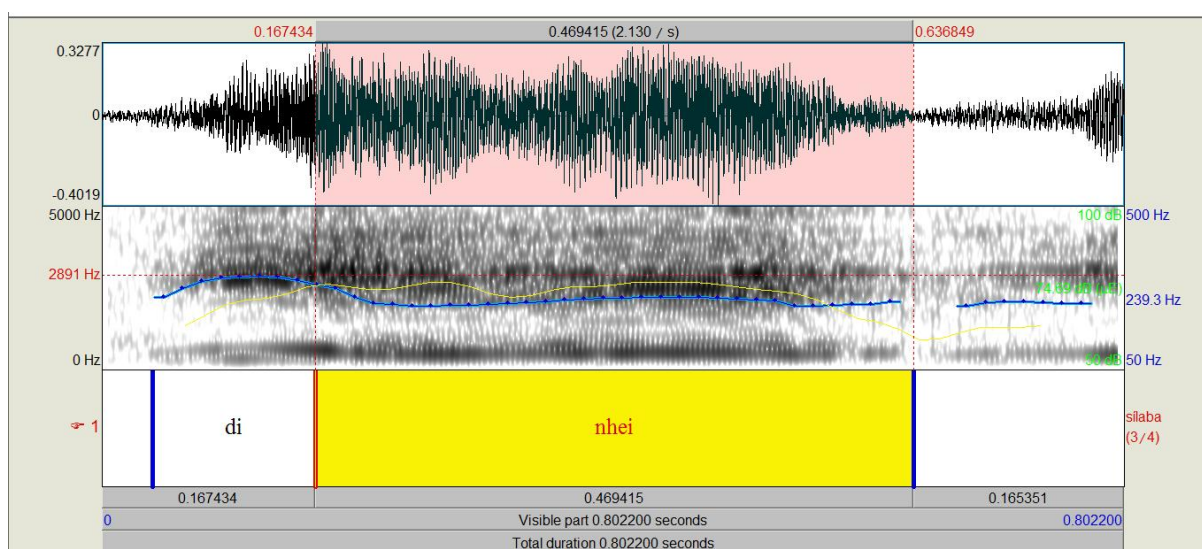
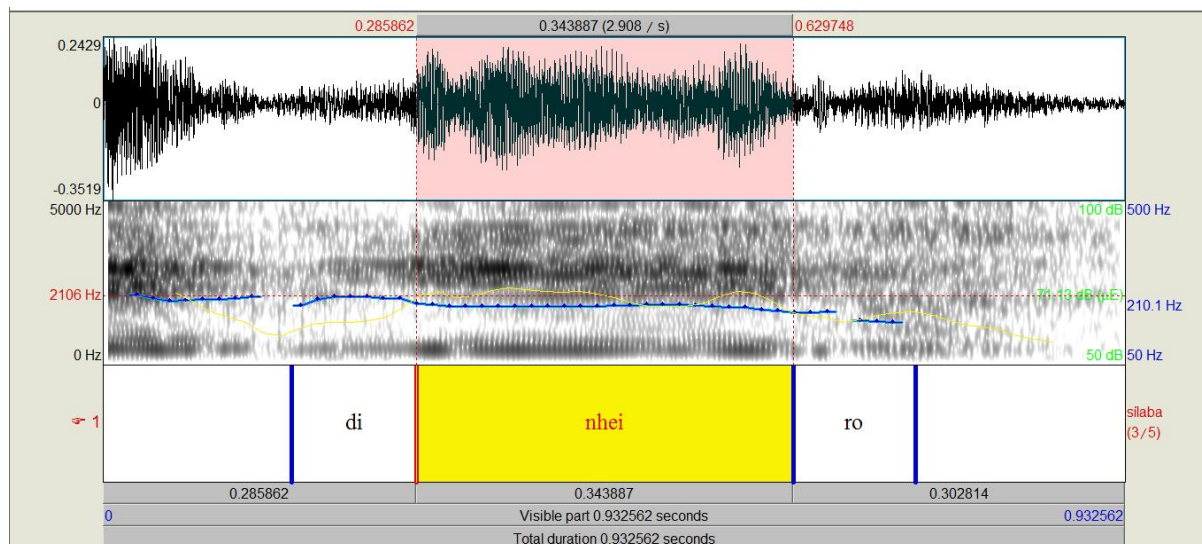


Figura 27 - Retomada da emissão: *dinheiro*.



Sobrepondo as Figuras 26 e 27 visualiza-se que ambas, mesmo compostas de um número diferente de sílabas (a da Figura 26 com duas e a da 27, com três sílabas), apresentam modulações semelhantes no tracejado de seus parâmetros a ponto de tornar bem parecidos seus respectivos espectrogramas. Logo, observa-se a intensidade mais elevada na sílaba tônica que, por sinal, tem maior tempo de duração, o que permite identificá-la com a sílaba mais proeminente. O outro parâmetro que está igualmente mais elevado em sílaba pretônica é a F^0 .

O que, então, caracteriza essa produção de MAF como objeto de análise passível da relevância quanto ao efeito de sentido norteador do discurso marcado pela ênfase que faz da sílaba proeminente? Primeiro há que se considerar que o parâmetro duração, que se encontra aumentado em *nhei*, está bem mais prolongado na primeira emissão (Figura 26) que na segunda. O alongamento, segundo Marcuschi (2006a), acompanhado de elevação do tom tem função enfática e, em geral, recaem sobre a sílaba tônica.

Ainda com o propósito de reforçar a tese de que a ocorrência não proposital, mas intencional (na perspectiva de gerar sentidos) da proeminência na fala do afásico, particularmente de MAF nesse contexto, toma-se como relevante a repetição da palavra. Do ponto de vista da neurolinguística, a repetição de palavra serve para conduzir o sujeito afásico por um percurso de reelaboração da sua linguagem (COUDRY; FREIRE, 2010), mas do ponto de vista dos estudiosos da língua falada, além de servir para a construção ou

organização do texto para a produção também tem como função a ênfase (MARCUSCHI, 2006b).

Outro fato interessante é que a palavra proferida na primeira unidade tonal do Turno 004, retratada pela Figura 26 ocorre de forma desviante da palavra alvo, assim, mais que uma produção corriqueira, a emissão de *dinhei* reflete características típicas da fala de sujeitos com sequelas de lesões no cérebro, com base nas afirmações de Rapp (2003) que vai ainda mais adiante ao afirmar que, em geral, as palavras que estão mais susceptíveis a trocas são as de uso cotidiano, o que caracteriza a ocorrência de *dinhei* como uma parafasia fonológica, as quais, segundo Scarpa (2001), são comuns em situações de repetições de palavras ou sílabas.

4.4.10 Conversação sobre acordar às *três horas* da manhã

Compreender uma conversação quando não se está envolvido nela não é tarefa fácil, mesmo quando ela ocorre com fluidez entre um grupo de pessoas que parece norteá-la com muita propriedade e domínio, dentre outros aspectos, por terem uma temática comum a todos os participantes da interação. O trecho de transcrição que se segue é um ótimo exemplo da necessidade de situar a conversação em um contexto para torná-la inteligível, pois, do contrário, o leitor não estaria apto a perceber as mensagens de insinuação, por exemplo.

Trata-se de uma conversação que ocorreu no encontro do GCA do dia 18 de setembro de 2014. No contexto conversacional estão envolvidos três informantes da pesquisa (JFB, MAF e o que tem a sua fala analisada no momento, O EAC), outros dois afásicos participantes do grupo (aqui apresentada como A1 e A2), além da pesquisadora que coordenava a atividade no momento (aqui apresentada como P2).

Na ocasião, cada afásico tinha a oportunidade de falar sobre as suas vivências passadas durante a semana, o que foi compartilhado de um por um, isto é, cada afásico trouxe à conversação acontecimentos pessoais até que foi dada a oportunidade para EAC falar, momento em que foi interrompida pelo senhor JFB, o qual, com sua personalidade de brincalhão, imediatamente fez insinuações que giraram em torno da vida familiar e da ausência da companhia da esposa do colega de grupo.

Recorte 10 - Transcrição da conversação sobre acordar as *três horas* da manhã.

Turno	Informante	Discurso
001	JFB	/ alGUma COIsa / tá aconteCENdo / com o seNHOR /
002	A1	((risada))
003	A2	/ tá trabaLHANdo raPAZ /
004	EAC	/ ah É / trabaiANdo raPAZ /
005	JFB	((fala ininteligível))
006	EAC	/ [NAÃO /
007	JFB	/ cuiDAdo não / su SAbE /
008	EAC	/ [LARga tês HOra / ((a palavra três ocorre distorcida fonologicamente))
009	JFB	/ ANH /
010	EAC	/ TRÊS HOra /
011	P2	/ e se aCORDa / de TRÊS hora da maNHÃ /
012	EAC	/ ÉÉ /
013	MAF	/ OI / ((balança a cabeça positivamente))
014	P2	/ pra trabaLHAR /
015	Vários	((conversas paralelas))

016	P2	/ É R [↗] Ocha /
-----	----	---------------------------

O contexto imediato da conversação, já apresentado acima, não é o único que corrobora para gerar a transcrição descrita no Recorte 10, existe associado a este o contexto sociocultural em que se insere o GCA da UNICAP. Um grupo de sujeitos que se reúnem semanalmente e que se identificam como participantes desse grupo. Interlocutores que têm suas falas reincidentes propiciam melhor acesso à informação subliminar, para outros ou mesmo para os interactantes desavisados, acesso este que não é tão imediato para os sujeitos que compõe um determinado grupo externo, seja o GCA, seja qualquer outro.

Por participarem das atividades e compartilharem suas vivências semanalmente, é de conhecimento de todos do grupo que o senhor EAC vinha na companhia da esposa aos encontros do grupo, mas que, recentemente, por questões de horários de trabalho, a mesma o tem deixado desacompanhado. JFB, que gosta bastante de mexer com os outros, não “perdoa” e insistentemente faz insinuações e brincadeira envolvendo a esposa de EAC. No dia a dia, o grupo, em sua totalidade, parece lidar bem com as brincadeiras de JFB, que tem sempre uma graça para direcionar a qualquer que seja o participante, recebendo, inclusive, contribuições dos outros afásicos; enfim, todos parecem se divertir com esses momentos.

Os dados linguísticos revelam que os interlocutores contribuem mutuamente para que a conversação ocorra com eficácia e que, mesmo, diante de distorções no nível fonológico da linguagem, como pode ser conferido em unidades tonais nos Turnos 004 e 007, há entendimento para dar andamento à conversação. Um outro aspecto a ser considerado é que a dificuldade de EAC no eixo da contiguidade, segundo a classificação de Jakobson (1995), é mais uma vez revelada pela manifestação linguística na sua fala com simplificação frasal em extensão e variedade, conforme se observa nos Turnos 008 e 010.

Os elementos entendidos por Marcuschi (1986) como paralinguísticos (gestos, olhar, movimentos corporais) de ocorrência destacada nos Turnos 002 e 013, têm sua manifestação sobressalente à expressão linguística, o que também contribui no contexto conversacional, embora não sejam de manifestação mais relevante na fala de EAC.

No Recorte 10 a organização conversacional é percebida inicialmente na distribuição em turnos em que, na maioria, há alternância entre sua posse e sua entrega. As ocasiões em que são quebrados esses momentos ditos "cruciais" na organização da conversação, por Marcuschi (1986), são quando EAC é contrariado, no Turno 006, e quando precisa dar uma resposta imediata diante da questão levantada, no Turno 008. Essa tomada de turno revela muito mais do que pura e simplesmente um elemento da organização conversacional, mas traz à discussão um componente de subjetividade em que é possível visualizar um sujeito ativo, que toma para si a posse da palavra.

Outra manifestação importante nesse contexto, que está relacionada à distribuição em turnos, é o cisma que ocorre no Turno 015, o qual é previsto por Marcuschi (1986) como um fenômeno que pode gerar conversas paralelas em conversações em que há mais de quatro participantes.

A entoação marcada pelo uso dos tons descendentes caracteriza o discurso de EAC como composto por informações novas. E a proeminência com alto valor significativo é revelada na fala de EAC por meio do contraste entre o Turnos 008 e 010, que será analisado nas Figuras 28 e 29.

Figura 28 - Primeira emissão de *três horas*.

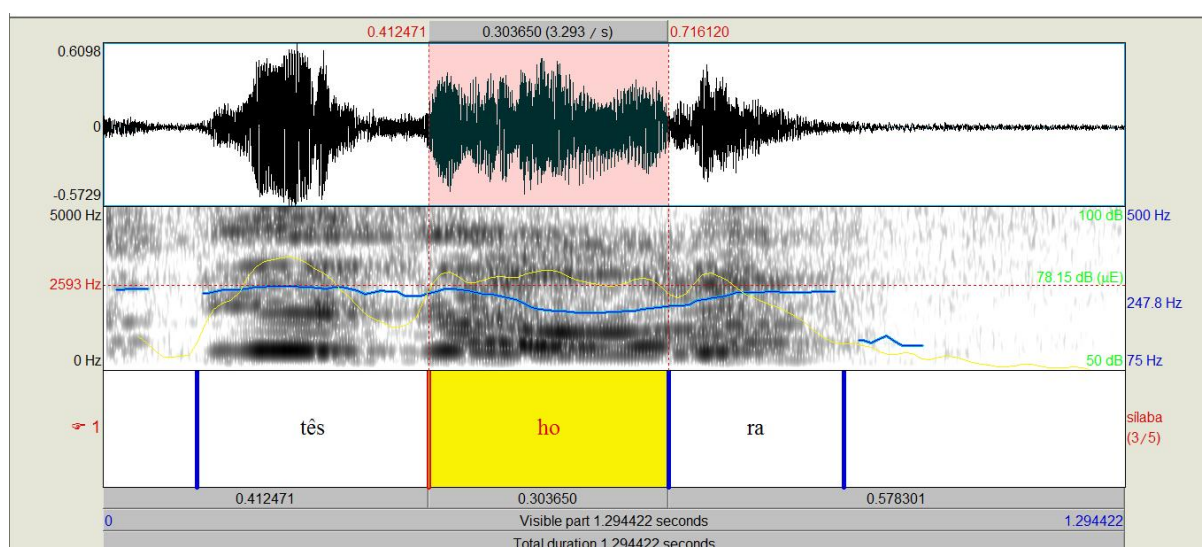
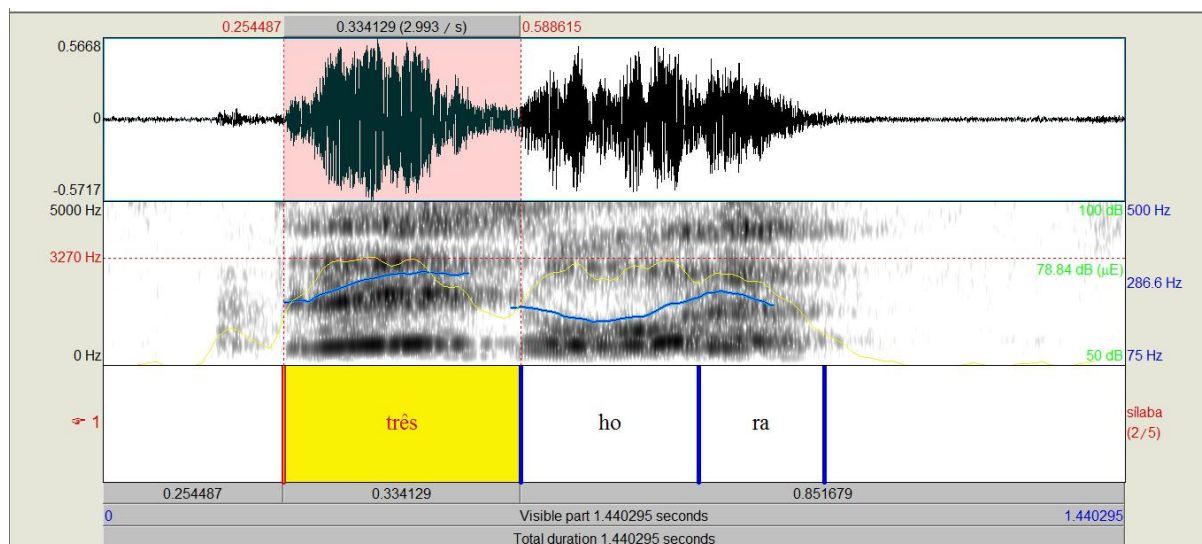


Figura 29 - Retomada de *três horas*.



A frase entoacional *três horas*, emitida por EAC e objeto de análise no momento, é rica em informações sobre o ponto de vista enfático da prosódia. Ante de tudo, é preciso esclarecer que sob o ponto de vista perceptual auditivo a primeira produção da frase pelo sujeito investigado foi distorcida ao ponto de levar um dos interlocutores a indagar por não ter compreendido o que foi dito, como se visualiza no Turno 009. A distorção na fala, conferida tanto sensitivamente quanto acusticamente, faz que a emissão da frase gere a impressão de um desarranjo métrico semelhante aos descritos por Scarpa (2001) em um estudo realizado com sujeitos afásicos. Para a autora, essa impressão auditiva de fala truncada, com ressilabificação para palavras em contexto de frase fonológica, como a descrita no Turno 008 e retratada pela Figura 28, ocorre como uma solução métrica para palavras que não estão prontamente disponíveis no ato da fala devido a dificuldades de acesso lexical comuns a alguns sujeitos afásicos.

Assim, à primeira emissão de EAC (Figura 28) apresenta-se tanto aquilo que pode ser entendido como parafasias fonológicas (RAPP, 2003) como esse elemento rítmico em que "os domínios superiores da hierarquia prosódica parecem exercer pressão na colocação do acento nos domínios inferiores" (SCARPA, 2005 p. 841). Logo, na frase *três horas*, o acento primário que repousaria sobre *ho* e o secundário que repousaria sobre *três* sofreram reajustes ao nível da frase fonológica e para não haver colisão acentual o EAC tornou proeminente somente a sílaba *ho*. A proeminência na referida sílaba pode ser verificada no espectrograma

descrito na Figura 28 pelo discreto aumento na duração de sua emissão em relação às demais sílabas que compõe a frase.

A Figura 28 revela que durante a primeira emissão de *três horas* a F^0 desenhou uma curva de maior elevação na sílaba em que lexicalmente deveria repousar o acento secundário, bem como a intensidade, e se rebaixou na sílaba que o falante tornou proeminente, pela maior duração de tempo de fala.

Na figura 29 observa-se que na retomada a frase sofre um rearranjo em que o acento proeminente é colocado mais a sua esquerda, afirmação esta com base nos parâmetros duração, intensidade e F^0 que se encontram mais aumentados na referida sílaba. A colocação do acento mais à esquerda, em lugar divergente da primeira ocorrência da palavra, favorece o entendimento da conversação e provoca no interlocutor um efeito de sentido diverso daquele provocado inicialmente. Para Brazil (1985), a proeminência tem essa capacidade de gerar sentido, o que dialoga com os estudos de Scarpa (2001) sobre a questão da preservação da sílaba mais forte em detrimento da sílaba não acentuada com o propósito de preservar o sentido.

Assim, trazer à conversação um destaque à sílaba *três*, por vias do acento enfático, determina um norte para o contexto conversacional que vai além de uma auto-correção na fala, além de uma estruturação fonológica, mas apresenta-se como um forte componente de reorganização da linguagem que possibilita e favorece a continuidade da atividade conversacional, ao mesmo tempo em que provoca a captação do sentido pretendido pelo falante.

CAPÍTULO V

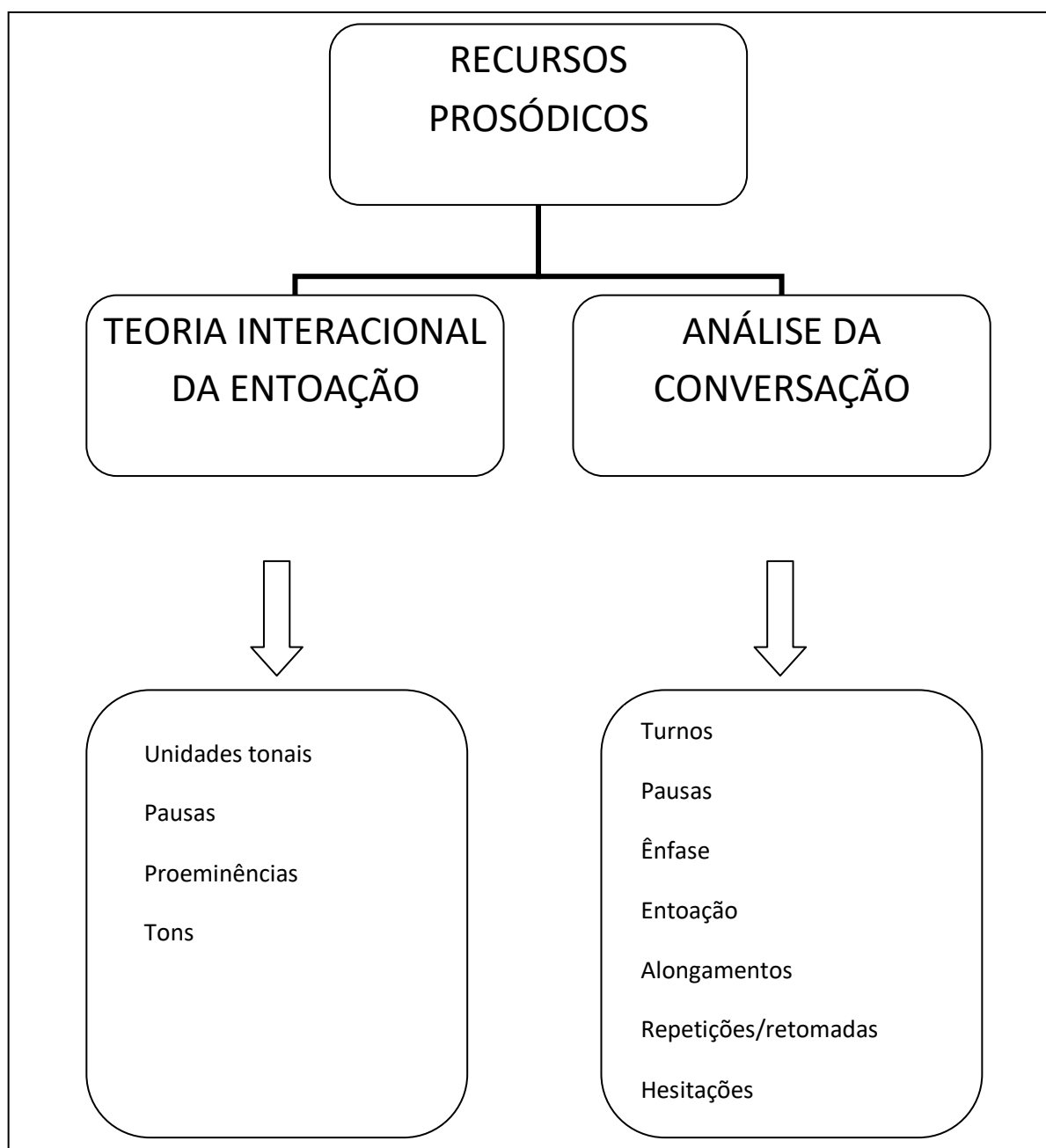
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A prosódia, definida como elemento de estruturação da produção verbal que no texto oral, é responsável por pistas para a segmentação dos sons da fala, em interface com a sintaxe, organizando e gerando estruturas rítmicas (SCARPA, 1998; SOUZA; CARDOSO, 2013; SILVA Jr, 2013). Por outro lado, é um componente de interface semântica, pragmática e discursiva da linguagem, que tem como uma de suas funções destacar o sentido que está por trás do dado linguístico do enunciado proferido. Assim, a depender dos elementos prosódicos usados durante a fala ou a escrita, o enunciado pode ter sentidos diversos. Por exemplo, a frase *eu estou muito feliz com o seu resultado nas avaliações*, pode indicar verdade ou ironia a partir dos elementos prosódicos agregados a esses elementos linguísticos apresentados.

Dentre suas várias funções, a prosódia serve para delimitar turnos durante interações comunicativas, para diferenciar perguntas de declarações e para sinalizar atitudes e sentimentos das pessoas, segundo Carvalho (2010). Nós, contudo, nos concentramos, nesta tese, no fato de que a prosódia não somente é usada como um recurso para marcar vocalmente ou verbalmente a emoção de que o narrador se apropria para manifestar seus sentimentos, mas como um elemento linguístico que traz consigo a função de produzir efeitos de sentidos pragmáticos, interativos ou discursivos diversos. Ou seja, não é somente um elemento de transmissão da informação mais adequada, mas um elemento relevante da compreensão e, mais ainda, indica a tentativa, por parte do ouvinte/interlocutor, de buscar pistas para a captação do sentido do enunciado eventualmente pretendido pelo falante/enunciador.

Na investigação da apropriação dos recursos prosódicos pelos afásicos, cuja fala foi estudada nesta tese, deu-se uma atenção especial àqueles que tinham o propósito de gerar a ênfase durante a conversação como afirmamos na introdução (hipóteses e objetivos). Investigada sob a perspectiva da Teoria Interacional da Entoação (TIE) e da Análise da Conversação (AC), a ênfase pode ser visualizada através de diferentes recursos prosódicos, o que permitiu a elaboração do Quadro 02, que contém a sistematização dos dados.

Quadro 02 - Esquema dos recursos prosódicos nas conversações dos afásico: TIE e AC.



A conversação espontânea, gênero textual que está no domínio discursivo da modalidade oral (MARCUSCHI, 2008), serviu como espaço para a investigação do acento enfático na fala do afásico atrelado a outros elementos prosódicos já apresentados, mas que é interessante descrever.

Os afásicos organizaram suas conversações em turnos, variando entre momentos de manter a posse do turno e de entregar voluntariamente ou mediante assalto do interlocutor. A divisão em turnos sofreu subdivisões em unidades menores, caracterizando, assim, as

unidades tonais, as quais foram permitidas graças à marcação por pausas silenciosas que, em algumas ocasiões, davam a oportunidade para o outro interlocutor "assaltar" o turno e assegurar o consecutivo.

Também houve situações em que os sujeitos fizeram pausas preenchidas por hesitações, com a inferida finalidade de manter a posse do turno. A estruturação da conversação em turnos e unidades tonais sinaliza que os afásicos mantêm os elementos organizadores da linguagem que são imprescindíveis na transmissão dos sentidos (VOGELEY; AGUIAR, 2007).

Em relação à investigação do padrão entoacional dos quatro afásicos informantes deste estudo, constatou-se que três deles não mantêm predominância de preferência por tons específicos, ascendentes ou descendentes. MAF, JFB e FANC fazem uso dos tons com variações adequadas ao contexto. Por exemplo, em situações em que a conversação exige uma estrutura afirmativa usam os tons descendentes, mas em casos que sentem a necessidade de participar no discurso com estruturas interrogativa, manipulam bem sua entoação com uso de tons ascendentes.

Dentre os três sujeitos mencionados, FANC tem um timbre vocal marcado por uma frequência fundamental mais baixa, a qual pode estar relacionada aos seus sentimentos vivenciados durante a coleta dos dados (desaparecimento de um parente, perda da função de trabalho no comércio da família, falta de atividade profissional etc.). A justificativa para esse padrão entoacional encontra apoio nas palavras de Alves *et al* (2009), os quais afirmam que além das intenções impressas no discurso, é provável que o falante transmita suas emoções e atitudes por meio de seu padrão entoacional.

O quarto sujeito, o EAC, tem um padrão entoacional com predominância no uso de tons descendentes de ocorrência relacionada à estruturas afirmativas ou negativas. Esse padrão entoacional parece ter relação com seus sintomas afásicos de distúrbio na contiguidade, em que a maior dificuldade em combinar unidades linguísticas mais simples em unidades mais complexas o limita a frases telegráficas, com pouca iniciativa e dificuldade em transitar no campo do conhecimento partilhado.

Assim, nos recortes investigados EAC sente mais facilidade em se comunicar por meio de assertivas que por interrogativas (em que os tons são ascendentes). Isso, contudo, não o desvirtua como falante nem é razão para afirmar que não faz uso dos recursos prosódicos no

discurso porque, mesmo com uma fala limitada a respostas categóricas em sim e não ou com palavras isoladas e frases curtas é capaz de sinalizar a proeminência, como visto no capítulo IV, embora, seja uma característica comum à conversação que esta transite entre asserções e réplicas (MARCUSCHI, 1986).

Os achados relacionados à ênfase, destacada pela sílaba mais proeminente, manifestaram-se, dentre outros aspectos, por meio de repetições de palavras no contexto conversacional de participação dos afásicos. Constatou-se que, durante a retomada, as palavras sofreram modificações. Uma das mudanças entre a palavra proferida e a retomada da palavra foi o alongamento silábico em sílaba considerada lexicalmente átona. O aumento na duração, quando contrastado com os valores de outras sílabas presentes no discurso é, segundo Lira e Aguiar (2007), o elemento mais relevante na determinação da proeminência. Assim, o acento em sílaba não coincidente com a tônica, marcada no nível frasal, sinaliza a ênfase (BRAZIL, 1985).

A análise acústica do espectrograma gerado no software PRAAT revelou que algumas palavras sofreram não somente os alongamentos vocálicos, comprovados pelo aumento na duração da sílaba, mas também a variação no pico da F^0 e da intensidade serviram para comprovar a geração de novos significados à mesma palavra proferida, no mínimo, duas vezes. O Quadro 03 apresenta a sistematização da variação dos parâmetros acústicos no contraste entre a enunciação e retomada da palavra descrita no item 4.4 do capítulo IV.

Quadro 03 - Apresentação da variação dos parâmetros acústicos na investigação da ênfase apresentada na discussão.

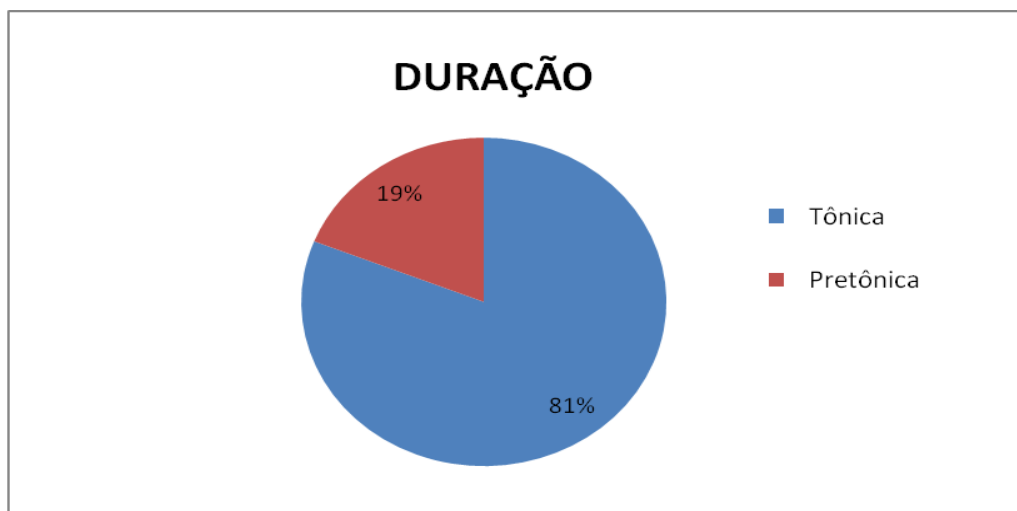
Nº da Fig.	Expressão Emitida	Expressão Alvo	Duração	Frequência	Intensidade	Parafasia
03	Popait	Society	Tônica	Tônica	Tônica	Sim
04	Popait	Society	Tônica	Pretônica	Tônica	Sim
05	Potu	Posso	Tônica	Postônica	Tônica	Sim
06	Posso	Posso	Tônica	Postônica	Tônica	Não
07	Amendoim	Amendoim	Pretônica	Pretônica	Pretônica	Não
08	Amedoim	Amendoim	Pretônica	Pretônica	Pretônica	Sim
09	Amedidoim	Amendoim	Pretônica	Tônica	Pretônica	Sim
10	Ganhou	Ganhou	Tônica	Pretônica	Linear ²²	Não
11	Ganhou	Ganhou	Tônica	Linear	Tônica	Não
12	Ajutou	Ajudou	Tônica	Linear	Pretônica	Sim
13	Ajudou	Ajudou	Tônica	Tônica	Tônica	Não
14	Nada	Nada	Tônica	Tônica	Linear	Não
15	Nada	Nada	Tônica	Postônica	Tônica	Não
16	Fala	Fala	Tônica	-----	Linear	Não
17	Fala	Fala	Tônica	Postônica	Tônica	Não
18	Peraí	Espera aí	Tônica	Pretônica	Tônica	Não
19	Peraí	Espera aí	Pretônica	Pretônica	Linear	Não

²² Decidimos usar a nomenclatura *linear* para designar a intensidade que se manteve aproximadamente na mesma altura durante a produção de duas ou mais sílabas da palavra.

20	Devagar	Devagar	Tônica	Pretônica	Linear	Não
21	Devagar	Devagar	Pretônica	Pretônica	Pretônica	Não
22	Prisídsu	Presídio	Tônica	Linear	Linear	Sim
23	Prisídio	Presídio	Tônica	Pretônica	Pretônica	Não
24	Hippie	Hippie	Tônica	Tônica	Tônica	Não
25	Hippie	Hippie	Tônica	Postônica	Tônica	Não
26	Dinhei	Dinheiro	Tônica	Pretônica	Tônica	Sim
27	Dinheiro	Dinheiro	Tônica	Pretônica	Tônica	Não
28	Tês hora	Três horas	Tônica	Pretônica	Pretônica	Sim
29	Três hora	Três horas	Pretônica	Pretônica	Pretônica	Não

Conquanto este estudo tenha um caráter qualitativo, a apresentação quantitativa dos dados serve para contribuir com uma visão holística do tratamento interpretativo oferecido aos dados. Assim, a análise da duração da produção silábica no PRAAT revelou que dos vinte e sete espectrogramas, cinco tiveram maior alongamento de sílaba pretônica e, a grande maioria, vinte e dois tiveram o aumento na duração da sílaba tônica, o que pode ser conferido no gráfico 01.

Gráfico 01 - Distribuição do aumento no parâmetro prosódico duração conforme a sílaba.



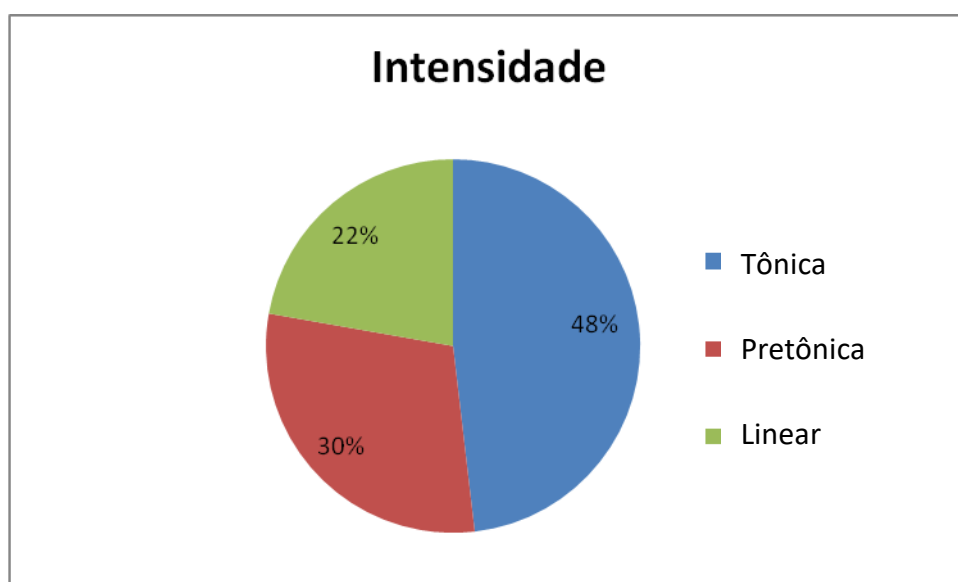
O Gráfico 01 mostra que na ocorrência do aumento na duração de emissão silábica houve cinco episódios em que este prolongamento se passou em sílaba pretônica, dentre estas, quatro ocorreram por ocasião da retomada da palavra, sendo que só uma ocorreu durante a primeira emissão. Esse é um dado que permite afirmar que durante a retomada, o sujeito faz um movimento de destacar aquilo que julga mais informacional no contexto conversacional.

Outra informação importante quanto à acentuação de sílaba pretônica em retomada é que três dos cinco eventos foram observados na fala de um único sujeito, o JFB, o que revela sua preferência por um padrão entoacional com acentuação em sílaba pretônica (vale frisar que foram analisados três eventos deste sujeito). Os outros dois prolongamentos de pretônica ocorreram cada um na fala de um sujeito, de MAF e FANC, e o quarto sujeito, EAC, não fez prolongamentos silábicos deste tipo.

Além de termos apresentado a proeminência como um elemento prosódico ligado à proeminência relativa, a mesma atribuída pela acentuação tônica, mas que, por outro lado, pode não estar diretamente relacionada à gramática, como ocorre nos cinco episódios verificados, também a correlacionamos com as preferências de estilo do falante e seus propósitos no intuito de gerar sentidos. Dentro desta perspectiva de estilo e escolha, o sujeito JFB se destaca por sua preferência em acentuar enfaticamente a sílaba não coincidente com a tônica.

Quanto à análise do parâmetro acústico intensidade vocal, é possível afirmar que a variação nem sempre esteve diretamente relacionada ao movimento desenhado nos espectrogramas pela duração. A partir da análise do Quadro 03, em que há descrição das vinte e sete figuras examinadas no item 4.4 do capítulo IV, fica perceptível que em dezoito ocorrências, o que significa 67% dos casos, os parâmetros de duração e intensidade estão mutuamente aumentados e nos nove outros eventos (33%) estes dois parâmetros não se correlacionam. Logo, um outro gráfico foi gerado apresentando não mais dados da correlação entre os parâmetros de duração e intensidade, mas para apresentar as ocorrências da intensidade por si só nas diferentes sílabas da palavra/frase, como se observa a seguir.

Gráfico 02- Distribuição do pico de intensidade conforme a sílaba da palavra.



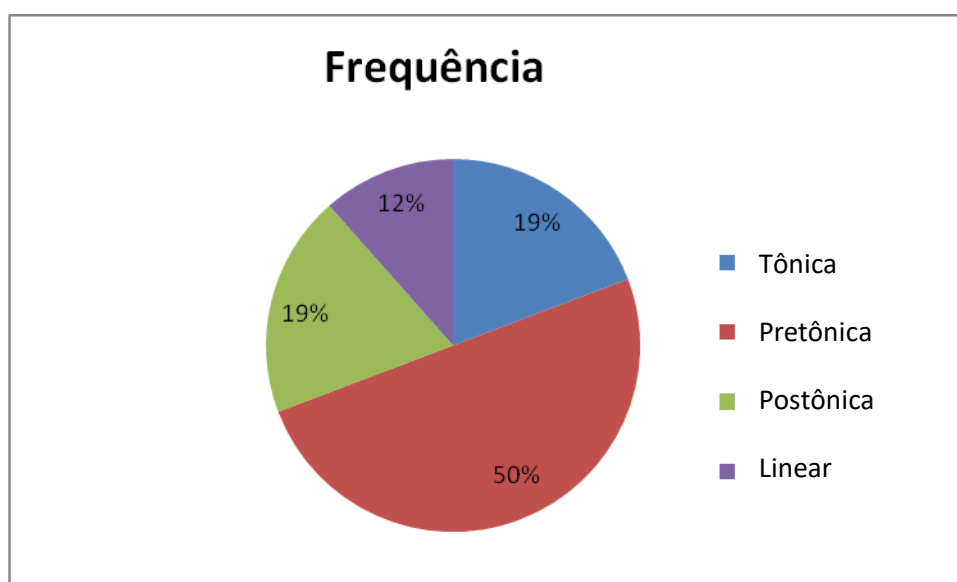
O Gráfico 02 ressalta que em treze (48%) espectrogramas gerados pelo PRAAT o pico de intensidade, ou seja, o ponto em que o volume (db) foi mais alto ocorreu na sílaba gramaticalmente tônica da palavra, em 6 (22%) não houve pico de intensidade em sílaba específica, mas esse parâmetro acústico aparece linearmente durante toda a produção da palavra ou, pelo menos, em duas sílabas da mesma palavra e em oito (30%) ocorrências a intensidade foi maior em sílaba pretônica.

Embora não seja objetivo deste estudo, deve ser notado que a variabilidade do dado *intensidade* na relação com o tempo de duração na produção da sílaba indica que o aumento da primeira não precisa estar necessariamente atrelada ao aumento da última para tornar enfática uma sílaba; contudo, há uma relação de maior proximidade entre esses parâmetros, para investigar a ênfase, em comparação à F^0 (LIRA; AGUIAR, 2007).

A frequência fundamental desenhou traços nos espectrogramas com variabilidade tal que em 35% das ocorrências, ou seja, em nove figuras, foi observado que o ponto mais alto coincidiu com a sílaba de maior duração e em 65% dos casos (dezessete figuras) não houve coincidência na relação entre o pico da F^0 e da duração, salientando que devido ao excesso de ruído ambiental não foi possível analisar uma das figuras em termos de F^0 , a qual não foi contabilizada nos dados percentuais .

A relação inversamente proporcional de aumento na duração da sílaba acentuada e diminuição da F^0 em relação às demais sílabas que compõem a palavra foi uma característica observada por meio da análise acústica que reafirma uma questão que empiricamente tenho observado em alguns falantes, a qual precisa ser melhor investigada, em trabalhos futuros. Abaixo segue o Gráfico 03 que descreve o pico da F^0 em diferentes posições na palavra.

Gráfico 03- Distribuição do pico da F^0 conforme a posição quanto à sílaba tônica da palavra.



Observa-se, no Gráfico 03, que o correlato acústico *frequência fundamental* apresentou-se na fala dos sujeitos investigados como um componente de maior ocorrência em sílabas pretônicas, treze casos, 50% do total analisado (vinte e seis espectrogramas). Essa ocorrência da variação acústica da F^0 aponta que este é um parâmetro que, como sugere Brazil (1985), também contribui para oferecer indícios da ênfase prosódica, pois está carregado de uma forte carga informacional do ponto de vista perceptual auditivo. Ou seja, pelo aumento na F^0 na sílaba, a sensação psicoacústica no ato das escutas dos dados dava a impressão de que o sujeito tivesse enfatizado a tal sílaba pelo prolongamento, mas ao analisá-la acusticamente verificou-se que ela não sofreu aumento de duração, mas de frequência fundamental. Essa dado contraria a informação de que são os correlatos duração e intensidade os mais importantes na determinação da ênfase e sugere que seja investigado até que ponto sofre a influência da F^0 .

Em 19% dos casos, cinco enunciações, a F^0 mais elevada repousou sobre a sílaba tônica. Curiosa, contudo não aleatoriamente, houve também cinco situações (19%) em que o pico da F^0 recaiu sobre a sílaba postônica. Essa manifestação não se pode dizer aleatória, uma vez que as palavras que se processaram de tal forma eram lexicalmente distribuídas quanto ao número de sílabas em dissílabas e quanto à acentuação tônica, paroxítonas. Assim, verifica-se que este pode ser um movimento do falante na tentativa de gerar efeito de sentido que desvia da sílaba coincidente com a tônica a F^0 e, nesse caso como não há outra possibilidade de permuta, a coloca sobre a sílaba postônica. Um exemplo disto ocorre quando, ao falar a palavra *posso*, o afásico mantém a duração e intensidade aumentadas na sílaba coincidente com a tônica da palavra (*po*), mas a F^0 fica mais elevada na postônica (*su*).

Logo, para este estudo, os correlatos acústicos (duração, intensidade e F^0), os recursos prosódicos sob a ótica da TIE (unidades tonais, pausas, proeminências e tons) e o recursos prosódicos sob a ótica da AC (turnos, pausas, ênfase, entoação, alongamentos, repetições/retomadas, hesitações) somados contribuíram para a conclusão de que a conversação do afásico não deve ser vista como uma atividade monótona ou aprosódica. Além disso, é correto afirmar que a ênfase, na fala dos sujeitos analisados, é um dos recursos norteadores de seu discurso, tanto em termos expressivos quanto compreensivos.

CONCLUSÕES

Os estudos voltados para a prosódia têm sido muito mais recorrentes atualmente que nas décadas passadas, com avanços significativos que não se limitam ao campo da fonologia, mas adentram outras áreas de pesquisa e contribuem, inclusive, para as investigações no campo das alterações da linguagem.

As investigações sobre o comportamento prosódico da fala de sujeitos afásicos têm revelado informações que permitiram desmistificar ideias pré-concebidas de aprosódia ou disprosódia quando de suas dificuldades no nível da palavra. Estudos²³ prévios já descreveram que os afásicos fazem um movimento de ajustes e reajustes na apropriação dos elementos prosódicos com a manutenção dos níveis superiores da hierarquia prosódica.

As reflexões levantadas ao longo desta pesquisa partem da apreciação da ênfase prosódica nas conversações dos afásicos com seus interlocutores. Por seu caráter pragmático-discursivo e por se dedicar à investigação particular do elemento ênfase, sem, contudo, desprestigiar os demais elementos prosódicos ou contextuais que envolvem a atividade comunicativa, a pesquisa tem propriedade relevante de contribuição para o campo clínico e científico.

A pessoa com afasia tem comprometimentos de linguagem em termos quantitativos e qualitativos, o que, em muitas circunstâncias, inviabiliza a manutenção da conversação, atividade esta que requer a participação de, no mínimo, dois interlocutores que, com intenção comunicativa, se envolvem em uma atividade conjunta de trocas de recursos linguísticos ou não. Durante as trocas comunicativas, alguns elementos podem potencializar a capacidade do sujeito em manter a interação. Isso só pode ocorrer se ambos os interlocutores dão continuidade à conversação e, para isso, precisam entender-se mutuamente. O entendimento vem pela capacidade em abstrair o significado pretendido no discurso.

A ênfase, também entendida como acento prosódico, é um dos elementos que favorece o entendimento do significado dos discursos entre interlocutores sem problemas de linguagem. Essa premissa deu origem às questões de pesquisa voltadas para o movimento da

²³ Scarpa (2000, 2001, 2005)

ênfase, em meio a outros elementos prosódicos na linguagem do afásico com a seguinte indagação: será que este se apropria da ênfase como recurso pragmático, que se realiza através de elementos prosódicos como o fazem outros falantes?

Considerando os objetivos propostos, foi possível verificar que os afásicos, que em geral têm a sua fala lentificada e que, pela desorganização da linguagem, sentem dificuldades no acesso lexical para a produção das palavras, repousam fortemente nos recursos prosódicos como facilitador do contexto conversacional. Sua dificuldade de acesso lexical, maior que nos sujeitos não portadores de afasia, contam com recursos prosódicos no nível da frase para melhor se fazerem entender.

Neste trabalho, vimos que os sujeitos afásicos lançaram mão dos recursos prosódicos que se apresentam como elementos organizacionais da conversação, segundo princípios da Análise da Conversação (AC). Foi verificado que distribuem suas falas em turnos, ora respeitando, ora infringindo a regra que diz que fala um de cada vez (o que, de resto, se encontra em qualquer conversação livre da nossa comunidade de fala), cometendo assaltos aos turnos alheios. Mostram-se como sujeitos ativos, embora estigmatizados como sujeitos que não detêm o poder da palavra.

Outro movimento feito pelos sujeitos participantes da pesquisa com o uso de recursos prosódicos da AC foi a marcação de pausas silenciosas e as pausas preenchidas. As silenciosas cooperaram para a delimitação dos turnos e pausas preenchidas por sons se configuraram como hesitações. Ainda outra estratégia na fala dos afásicos foi a modulação da entoação, sinalizando diferenças entre uma frase interrogativa e uma frase afirmativa, por exemplo.

O uso de diferentes tons pelos afásicos, durante a sua fala, reforça a premissa de que a prosódia não serve apenas como marca de emoção, como afirmam alguns estudiosos, mas tem a função linguística fundamental de sinalizar significados na frase e no discurso, ou seja, viabiliza sentidos diferentes a frases gramaticalmente iguais. Um exemplo disto pode ser verificado no Recorte 03, apresentado no capítulo IV, em que o afásico fala a palavra *amendoim* três vezes seguidas, mas com entoações diferentes, nas duas primeiras como afirmativa e na terceira como interrogativa.

Com essa postura de manuseio dos recursos prosódicos da AC até aqui examinados, já é possível afirmar que o sujeito afásico, embora tenha sua linguagem desorganizada, quando

lhe é conferida a posição de falante, se apropria dos recursos prosódicos, como os demais sujeitos, com a intenção de interagir ativa e satisfatoriamente.

Além do manuseio nos recursos organizacionais da AC com caráter prosódico já mencionados, os afásicos também fizeram uso de recursos prosódicos que sinalizam a ênfase quando, por meio da repetição ou retomada da palavra proferida, fizeram alongamentos de vogais, caracterizados por aumento no parâmetro acústico de duração. Por não ser de ocorrência coincidente com a sílaba tônica em todos os casos, os alongamentos que, em geral, foram os responsáveis por marcar a ênfase, foram de distribuição livre, ou seja, houve episódios em que o acento recaiu sobre a sílaba tônica e ocasiões em que a sílaba pretônica foi acentuada.

As repetições e retomadas de sílabas ou palavras são frequentemente interpretadas como "erro" na produção oral ou como disfluência; contudo, as discussões levantadas revelam que os dados de repetições e retomadas nas conversações dos afásicos não podem ser encaradas como um problema ou uma alteração relacionada à prosódia.

No discurso dos afásicos, observou-se que as retomadas funcionaram como elemento coesivo com o propósito de chamar a atenção para a palavra morfossintaticamente semelhante, mas diferente em termos semânticos pelo efeito de sentido provocado no interlocutor por ocasião da repetição da palavra. Por exemplo, ao falar *perai* e depois retomar mesma a palavra em seu discurso, o afásico acentuou a sílaba tônica, a primeiro momento, e na retomada da palavra o fez na sílaba pretônica, o que deu novo peso e significado diverso do inicial à palavra.

Outro ponto importante, percebido quanto à retomada da palavra, é a consideração de que na fala do afásico a repetição da palavra exerceu uma função linguística de reestruturação e reorganização da linguagem. Logo, a estratégia de facilitar a organização da linguagem, um dos objetivos da prática fonoaudiológica de terapêutica do afásico, pode, por essa premissa, ser viabilizada pelo trabalho de estimulação do uso do recurso prosódico *ênfase* em ocasiões de retomada do enunciado.

Ainda outra consideração sobre a ênfase prosódica, neste contexto, é que, exercendo o papel dialógico linguístico fundamental para o processo de reorganização da linguagem, haverá, por conseguinte, a viabilidade de reinserção do afásico no convívio social e familiar, uma das grandes demandas do sujeito.

Sob a perspectiva da Teoria Interacional da Entoação (TIE), a ênfase foi visualizada através da apropriação de diferentes recursos prosódicos, por parte do afásico, como: a divisão do enunciado em unidades tonais marcadas por breves pausas, o que se assemelha à divisão em turnos da perspectiva teórica da AC; presença de uma ou duas sílabas proeminentes em cada unidade tonal, diferenciadas como sílabas acentuadas na relação com a gramática ou como sílabas enfáticas no discurso e; a variação no uso de tons referentes, proclamadores e neutro. Essas duas teorias, usadas em conjunto, mostraram-se relevantes para melhor explicar o papel da prosódia (estudada acusticamente com o software PRAAT) no processo de reestruturação e reorganização da fala afásica.

Os recursos prosódicos geradores de ênfase, como a proeminência da TIE, por exemplo, presente nas conversações dos afásicos foram determinantes na promoção de significado do discurso, bem como, no favorecimento da compreensão e desenvolvimento do assunto tratado. Um exemplo disto ocorreu quando o sujeito falou *popait* e ao ser indagado pelo interlocutor falou novamente *popait* com um movimento de manter, pelo aumento na duração, a sílaba coincidente com a lexicalmente tônica da palavra pretendida, promovendo com isso, uma situação favorável à interpretação da parafasia, com base no contexto conversacional, de que a palavra alvo era *society*.

Este estudo leva à conclusão de que a ênfase não é aleatória nem sinal de desagregação linguística, pois os episódios de ênfase em retomadas obedecem a estrutura silábica, a estrutura métrica dos enunciados, na maioria das ocorrências com a manutenção da posição do acento, e, em outras ocasiões, o sujeito afásico demonstra domínio na manipulação e variação na posição do acento, “marcando-o”, deslocando-o para a sílaba pretônica, para gerar efeitos de significado na interação dialógica.

Através da manipulação dos recursos prosódicos visualizados na Teoria Interacional da Entoação e dos pertencentes à Análise da Conversação, além de concluir que houve a apropriação e movimento adequado do sujeito afásico em termos de uso da prosódia na fala com fins de produção de sentido, também fica evidente que as duas propostas teóricas muito se assemelham em sua essência e podem subsidiar a prática clínica fonoaudiológica no tratamento do afásico.

Assim, sugere-se que o trabalho com a prosódia seja mais um recurso utilizado no processo de reorganização da linguagem do afásico na prática clínica fonoaudiológica, uma

vez que, dentre outros aspectos, uma das maiores demandas desse sujeito é a reinserção social. O uso adequado de recursos prosódicos (isto é, compatível com seu uso comum, cotidiano, corrente, na comunidade de fala), na interface com a semântica e pragmática da linguagem, auxilia o sujeito afásico a superar suas dificuldades linguísticas a nível fonológico, morfossintático e lexical, na medida em que otimiza sua interação com outras pessoas, afásicas ou não, fazendo fluir a conversação. Obviamente, no limite, a clínica que presta atenção ao uso de elementos prosódicos na reestruturação da linguagem do afásico poderá auxiliá-lo na sua inserção social como sujeito falante, em que pesem suas dificuldades linguísticas.

Portanto, apresenta-se ao final, conforme o apêndice B, uma sugestão de planejamento terapêutico, embasado no recurso prosódico ênfase, a ser utilizado na clínica fonoaudiológica para o trabalho de reorganização da linguagem do afásico com dificuldades expressivas. A proposta não deve ser tomada como genérica, tendo em vista que cada sujeito afásico tem manifestações clínicas e demandas diferentes. Logo, as atividades sugeridas devem sofrer adaptações considerando as habilidades de leitura, escrita e fala de cada sujeito afásico.

Com base nas reflexões teóricas e nas conclusões alcançadas com este estudo, sugere-se também que, no campo científico, haja estudos da contribuição de outros elementos prosódicos na fala. Temas voltados para as marcas prosódicas na escrita do afásico são indicação para futuros trabalhos, retomando, aliás, os princípios já expostos na nossa dissertação de mestrado (MOURA, 2012). Logo, as conclusões alcançadas com esta pesquisa são indicativas do longo caminho que se tem por percorrer no estudo científico da prosódia, de cunho pragmático discursiva, na afasia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C. R. F. Abordagens neurolinguística e motora da gagueira. *In*: FERNANDES, F. D. M.; MENDES, B. C. A.; NAVAS, A. L. P. G. (Orgs.). **Tratado de Fonoaudiologia**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2009. p. 423-433.
- ALVES, L. M.; REIS, C. A. C.; PINHEIRO, A. M. V.; CAPELLINI, S. A. Aspectos prosódicos temporais da leitura de escolares com dislexia do desenvolvimento. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.** São Paulo, v. 14, n. 2, p. 197-204, 2009.
- BRAZIL, D. **The communicative value of intonation in English**. Birmingham: English Language Research (Discourse Monographs Series, 8), 1985.
- BRITO, C. M. P.; MEDVED, D. M.; LEAL, A. L.; ANDRADE, W. T. L.; MADEIRO, F.; AGUIAR, M. A. M. Entoação: conceitos, modelos e perspectivas múltiplas. *In*: AGUIAR, M. A. M.; MADEIRO, F (Orgs.). **Em-tom-ação: a prosódia em perspectiva**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. p. 17-50.
- CARVALHO, J. M. R. Caracterização pragmático-cognitiva do tópico em interações comunicativas. **Revel**, v. 8, n. 15, p. 95-106, 2010.
- CASTILHO, A. T. Apresentação. *In*: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 7-25.
- CASTRO, M. M. Distúrbio fonológico. *In*: SILVA, P. B.; DAVID, R. H. F. (Orgs.). **Cadernos da fonoaudiólogos: linguagem**. São Paulo: Lovise. v.1, p. 33-40, 2006.
- CAVALCANTE, M. C. B. **da voz à língua: a prosódia ma terna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê**. 1999. 243 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1999.
- CAVALCANTE, M. C. B. Manhês: produção e percepção na aquisição da linguagem. *In*: AGUIAR, M. A. M.; MADEIRO, F (Orgs.). **Em-tom-ação: a prosódia em perspectiva**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. p. 171-200.
- CHACON, L. **Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- COUDRY, M. I. H. Linguagem e afasia uma abordagem discursiva da neurolinguística. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, p. 99-129, 2002.
- COUDRY, M. I. H; FREIRE, F. M. P. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística discursiva (ND). *In*: COUDRY, M. I. M.; FREIRE, F. M. P.; ANDRADE, M. L. F.; SILVA, M. A. (Orgs.). **Caminhos da neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2010. p. 23-48.
- CRISTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CYR-STAFFORD, C. A dinâmica da intervenção fonoaudiológica. In: PONZIO, J.; LAFOND, D.; DEGIOVANI, R.; JOANETTE, Y.; TUBERO, A. L.; HORI, C. N. (Orgs.). **O afásico: convivendo com a lesão cerebral**. São Paulo, SP: Santos e Maltese, 1995. p. 63-75.

DAMICO, J.; SIMMONS-MACKIE, N.; OELSCHLAEGER, M.; ELMAN, R.; ARMSTRONG, E. Qualitative methods in aphasia research: conversation analysis. **Aphasiology**, v.13, n.9-11, p. 667-679, 1999.

DIONÍSIO, A. P. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 2. ed. v. 2. São Paulo: Cortez, 2012.

FÁVERO, L. L.; JUBRAN, C. C. A. S.; HILGERT, J. G.; BARROS, K. S. M.; TOSCANO, M. E. S.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; CRESCITELLI, M. F. C.; GALEMBECK, P. T.; AQUINO, Z. G. O. Interação em diferentes contextos. In: LEITE, M. Q.; BENTES, A. C. (Org.). **Linguística de Texto e análise da Conversação: panoramas das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p.91-158.

FLOSI, L. C. L.; FEDOSSE, E. Interfaces da neurolinguística discursiva com a fonoaudiologia. In: COUDRY, M. I. M.; FREIRE, F. M. P.; ANDRADE, M. L. F.; SILVA, M. A. (Orgs.). **Caminhos da neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2010. p. 93-120.

FONSECA, S. C. O estatuto da entrevista no processo diagnóstico da afasia. In: LIER – DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. (Orgs.). **Aquisição, patologias e clínica da linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. p. 331-339.

FONSECA, S. C.; VORCARO, A. O atendimento fonoaudiológico e psicanalítico de um sujeito afásico. In: LIER – DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. (Orgs.). **Aquisição, patologias e clínica da linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. p. 413-441.

FREUD, S.; GARCIA-ROZA, L. A. **Afasias: sobre a concepção das afasias; as afasias de 1891**. Tradução Renata Dias Mundt. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

GONÇALVES, P. M. **Produção escrita e oralidade: favorecendo a interação linguística do afásico**. 2008. 41 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

GIL, R. **Neuropsicologia**. 2. ed. São Paulo: Santos editora, 2002.

HILGERT, J. G. **A paráfrase: um procedimento de constituição do diálogo**. 1989. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

JAKUBOVICZ, R.; CUPELLO, R. **Introdução à afasia: diagnóstico e terapia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

JOANETTE, Y.; LAFOND, D.; LECOURS, A. R. A afasia do afásico. In: PONZIO, J.; LAFOND, D.; DEGIOVANI, R.; JOANETTE, Y.; TUBERO, A. L.; HORI, C. N. (Orgs.). **O afásico: convivendo com a lesão cerebral**. São Paulo, SP: Santos e Maltese, 1995. p. 1-18.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo.: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2006. p. 89-132.

KOCH, V. **A inter-ação pela linguagem**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KUSSMAUL, A. **Die Störungen der Sprache. Versuch einer Pathologie der Sprache**. Leipzig: Vogel, 1877.

LIMA, R. J. Quando perder é ganhar: contribuições da Afasiologia Linguística para a Teoria Linguística e Modelos de Processamento. In: CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B.; LEITÃO, M. M. (Orgs.). **Aquisição da linguagem e processamento linguístico: perspectivas teóricas e aplicadas**. João Pessoa: Ideia/ Editora Universitária, 2011. p. 255-275.

LIRA, Z. S.; AGUIAR, M. A. M. Entoação e interpretação cênica: o papel da entoação na constituição da personagem. In: AGUIAR, M. A. M.; MADEIRO, F (Orgs.). **Em-tom-ação: a prosódia em perspectiva**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. p. 223-251.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, L. A. **Sistema mínimo de notações elaborado para as transcrições do projeto sobre fala e escrita**, 1978-1999 (mimeo).

MARCUSCHI, L. A. **Marcas da interatividade no processo de textualização na escrita**, 2002 (mimeo).

MARCUSCHI, L. A. A oralidade no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a fala. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p 57-84.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. Princípios gerais para o tratamento das relações entre fala e escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p 13-30.

MARCUSCHI, L. A.; HOFFNAGEL, J. A escrita no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a escrita. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p 85-104.

MARCUSCHI, L. A. Fenômenos intrínsecos da oralidade: hesitação. In: JUBRAN, C. C. A. S. e KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2006a. p. 48-70.

MARCUSCHI, L. A. Repetição. In: JUBRAN, C. C. A. S. e KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2006b. p. 219-254.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, J. S. **Marcas de oralidade na escrita de um afásico com dificuldades expressivas**. 2008. 82 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

MASSINI-CAGLIARI, G. O conceito de pé como unidade rítmica: trajetória. *In*: SCARPA, Ester M. (Org.). **Estudos de prosódia**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

MELO, M. F. V.; ALVES, G. M. G.; BARROS, P. C. M.; AZEVEDO, N. P. S. G. Discurso, funcionamento da linguagem e subjetividade em sujeitos com afasia. *In*: AZEVEDO, N. P. S. G.; FONTE, R. F. L. (Orgs.). **Aquisição da linguagem, seus distúrbios e especificidades: diferentes perspectivas**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2011. p.127-136.

MORATO, E. M. **Sobre as afasias e os afásicos**: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (Universidade Estadual de Campinas) – Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

MORATO, E. M. Introdução. *In*: MORATO, E. M. (Org.). **A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas**. São Paulo: Cortez, 2010a. p. 9-21.

MORATO, E. M. As quarelas da semiologia das afasias. *In*: MORATO, E. M. (Org.). **A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas**. São Paulo: Cortez, 2010b. p. 23-47.

MORATO, E. M. Neurolinguística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 8. ed. v. 2. São Paulo: Cortez, 2012. p. 167-200.

MOTA, H. B. **Terapia fonoaudiológica para os desvios fonológicos**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

MOURA, C. S. C. Gêneros textuais no *continuum* fala e escrita como recurso terapêutico no tratamento do sujeito afásico na clínica fonoaudiológica. *In*: Simpósio internacional do núcleo interdisciplinar de estudos da linguagem, 1. 2010, Recife, **Anais eletrônicos...** Recife: UFRPE, 2010. p. 140-153. Disponível em: < <http://www.niel-ufrpe.com.br/siniel-anais-eletronicos.html>>. Acesso em: 27 nov. 2011.

MOURA, C. S. C. **A entoação no processo de (re)organização da linguagem**: um estudo de caso em afasia. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2012.

NOVAES-PINTO, R. **A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas**. 1999.273 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1999.

NOVAES-PINTO, R. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 55-64, 2012.

OLIVEIRA, A. A. **A produção de gênero textual de afásicos**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade católica de Pernambuco, Recife, 2008.

OLSON, D. R. **O mundo no papel**: as implicações conceituais da leitura e escrita. São Paulo, SP: Editora Ática, 1997.

PRETI, D. **A linguagem dos idosos**: um estudo de análise da conversação. São Paulo: Contexto, 1991.

RAPP, C. **A palavra paralela?** uma revisão do conceito de parafasia. 2003. 182 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2003.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil:** construção do texto falado. V.1. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 403-425.

RODRIGUES, A. C. S. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais.**v.1. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

SACCONI, L. A. **Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa.** 11. ed. São Paulo: Nova geração, 2009.

SAMPAIO, N. F. S. A convivência com a afasia na comunidade de fala CCA. In: COUDRY, M. I. M.; FREIRE, F. M. P.; ANDRADE, M. L. F.; SILVA, M. A. (Orgs.). **Caminhos da neurolinguística discursiva:** teorização e práticas com a linguagem. Campinas, SP: Mercado de letras, 2010. p. 49-67.

SCARPA, E. M. Sobre o sujeito fluente. Campinas, **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 29, p. 163-184, 1995.

SCARPA, E. M. A interface entre componentes na aquisição da prosódia. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), São José do Rio Preto, v. XXVII, p. 829-834, 1998.

SCARPA, E. M. Dificuldades prosódicas em sujeitos cérebro-lesados. **Alfa**, São Paulo, n. 44, p. 363-383, 2000.

SCARPA, E. M. Aquisição, afasia e a hierarquia prosódica. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 40, p. 61-73, 2001.

SCARPA, E. M. Marcado vs. não-marcado na aquisição e na afasia. **Estudos linguísticos XXXIV**, Campinas, p. 839-844, 2005.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. 8 ed. v.2 São Paulo: Cortez, 2012. p. 241-271.

SCARPA, E. M. Disfluência e prosódia na fala infantil: primeiros resultados. In: BARROS, I. R. *et al.* (Orgs.). **Aquisição, desvios e práticas de linguagem.** 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2014. p. 109-120.

SCHERER, L. C. Como os hemisférios cerebrais processam o discurso: evidências de estudos comportamentais e de neuroimagem. In: COSTA, J. C.; PEREIRA, V. W. (Orgs.). **Linguagem e cognição:** relações interdisciplinares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 77-102.

SILVA JR, L. **Interferências rítmicas do português brasileiro no inglês como L2:** o choque acentual. 2013. 224 f. tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SILVA, M. C. P. S.; CRESCITELLI, M. F. C. Interrupção. *In*: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (ORG). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 71-88.

SOUZA, R. L.; CARDOSO, M. C. A. F. Fluência e prosódia: aspectos diferenciais frente aos distúrbios. **Revista Neurociências**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 468-473, 2013.

TRONCO ENCEFÁLICO. *In*: Aula de anatomia. Disponível em <<http://www.auladeanatomia.com/novosite/sistemas/sistema-nervoso/tronco-encefalico/>>. Acesso em: 26 de junho de 2016.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. *In*: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (ORG). **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 497-527.

VIANA, M. A. Padrões entoacionais nos processos de continuidade e descontinuidade na fala. **Investigações linguísticas e teoria literária**. v. 2. Recife: UFPE, 1992.

VISCARDI, J. M. **Repetições hesitativas em fala afásica e não-afásica**. 2012. 229 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, São Paulo, 2012.

VOGELEY, A. C. E.; AGUIAR, M. A. M. Entoação como recurso facilitador na terapia dos desvios fonológicos. *In*: AGUIAR, M. A. M; MADEIRO, F (Orgs.). **Em-tom-ação: a prosódia em perspectiva**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. p.201-222.

YAVAS, M.; HERNANDORENA, C. L. M.; LAMPRECHT, R. R. **Avaliação fonológica da criança: reeducação e terapia**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

WEISMER, S. E. O papel das variáveis prosódicas no processamento linguístico de crianças com impedimentos específicos de linguagem. *In*: CHAPMAN, R. S. **Processos e distúrbios na aquisição da linguagem**. Tradução Emilia de Oliveira Diehl e Sandra Costa. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre a prosódia em conversações de sujeitos afásicos e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Chirlene Santos da Cunha Moura aluna do Curso de Doutorado em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ester Miriam Scarpa.

Os objetivos do estudo são: identificar elementos prosódicos nas atividades conversacionais do sujeito afásico à luz da Análise da Conversação; identificar padrões entoacionais nas atividades conversacionais do sujeito afásico à luz da Teoria Interacional da Entoação e analisar o elemento prosódico *ênfase* nas conversações do afásico a partir do cruzamento entre a Análise da Conversação de Marcuschi e a Teoria Interacional da Entoação de Brazil.

A finalidade deste trabalho é contribuir para a melhoria do desempenho comunicativo do sujeito afásico a nível familiar e social a partir do fornecimento de elementos que favoreçam a organização da sua linguagem. Os resultados obtidos com este trabalho também poderão subsidiar a prática clínica fonoaudiológica e trazer contribuições científicas aos estudos já existentes.

Solicitamos a sua colaboração para participar de atividades conversacionais durante os encontros de grupo e em encontros individuais com a presença da terapeuta, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e da área de linguística e publicar no meio científico. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não possui métodos invasivos de investigação, portanto não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde. Todavia, em caso de desconforto por não entender as atividades propostas será prontamente fornecida uma explicação clara acerca dos procedimentos de coleta dos dados.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal



Espaço para impressão
dactiloscópica

Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Chirlene Santos da Cunha Moura.

Endereço eletrônico: chirlenecunha@hotmail.com

Telefone: (81) 9707 7494

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE B

PROPOSTA DE PLANEJAMENTO TERAPÊUTICO FONOAUDIOLÓGICO PARA CASOS DE AFASIA COM BASE NA ÊNFASE PROSÓDICA

Objetivo geral:

- Reestabelecer a organização da linguagem.

Objetivos específicos:

- Reconhecer a necessidade do uso da prosódia no contexto social;
- Compreender o papel da prosódia na fala e na escrita;
- Utilizar elementos prosódicos de modo a facilitar o contexto interacional;

Conteúdo:

- Elemento prosódico ênfase

Atividades:

Proeminência - com base no gênero textual conversação, selecionar uma variedade de imagens de palavras oxítonas e dissílabas (café, mulher, maçã, sabão, balão). Solicitar que o afásico escolha uma imagem e fale mentalmente a sílaba átona e verbalize a sílaba tônica da palavra. Inverter a posição da emissão da sílaba verbalizada para a átona e sussurrar a sílaba tônica para perceber a diferença de significados gerados por esta tarefa. Conversar um pouco sobre as diferenças provocadas por acentuar a sílaba não coincidente com tônica. Uma variação desta atividade pode envolver a escrita da palavra.

Outra sugestão de atividade com a proeminência é baseada no gênero textual propaganda. A proposta é apresentar frases para que o afásico complete com palavras que têm a mesma grafia, mas que, pela diferente posição da acentuação tônica, é carregada de diferentes significados (para-pará, sabia-sábua, pele-pelé etc.). Exemplo: O _____ é um grande jogador de futebol (pele/ Pelé); Belém do _____ é uma bela cidade (para-Pará).

Alongamento - baseada no gênero textual carta, o afásico deve ler uma correspondência, previamente preparada pelo fonoaudiólogo, e pronunciar as palavras com terminação em AM

e ão destacadas no texto alongando a sílaba tônica das palavras. O Fonoaudiólogo pode dar o modelo para facilitar o entendimento da atividade.

Tom - mediada pelo gênero textual fábula, a atividade consiste em apresentar imagens de situações, sobre as quais o sujeito afásico possa escrever e/ou narrar frases interrogativas. Depois solicitar que as frases sejam transformadas em afirmativas, tudo no contexto de fábulas. No final da atividade é interessante que o afásico possa analisar as mudanças tonais entre emissão da interrogativa e da afirmativa. É interessante gravar as emissões para que o afásico escute e contraste suas produções orais.

Entoação - baseada no gênero textual diário, o fonoaudiólogo pode propor que o afásico escreva ou narre e grave um relato de suas atividades diárias vivenciadas extra terapia. Durante a terapia, ao reler, pode solicitar que o afásico destaque algumas palavras que considera mais importante, com base no contexto vivido. Outra atividade, ainda, pode ser atribuir a algumas frases uma carga emocional diferente daquela do momento da produção. Por exemplo, falar com raiva a frase "hoje estou me sentindo bem", previamente escrita ou falada pelo sujeito denotando satisfação, tranquilidade.

Pausa - com o gênero textual notícia, escrever frases idênticas e solicitar que o afásico leia fazendo pausas nos lugares sinalizados por barras paralelas ou outro tipo de marcação à escolha do fonoaudiólogo. Exemplo: Pedro // o padre // está doente; Pedro // o padre está doente. Ao final da terapia é interessante conversar sobre os diferentes significados produzidos pela marcação da pausa, embora a frase seja idêntica.

Selecionar imagens de jornais e/ou revistas que tratem de assuntos populares dos noticiários (imagem da queda do avião do time da Chapecoense), com o propósito de clarificar o contexto, e outras figuras isoladas que estejam relacionadas à cena anterior (avião, bola, campo de futebol). Após apresentada a imagem do contexto, apresentar as figuras isoladas e pedir que o afásico crie uma frase em que apareça a palavra avião, por exemplo. Porém, antes de falar a palavra selecionada deve fazer uma pausa mais prolongada que o habitual na construção da frase.

Repetição e hesitações - as hesitações e retomadas, tão frequentes na fala de pessoas afásicas, podem ser objeto de atividade discursiva com a finalidade de levar o sujeito a observar e pensar a própria fala na relação com a fala do outro. Assim, uma atividade interessante pode

ser observar falantes em suas atividades habituais e perceber suas hesitações e retomas para discutir suas impressões durante a terapia fonoaudiológica.